

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO

Ygor Corrêa

O AGIR LINGUAGEIRO NA PERSPECTIVA DOS SISTEMAS ADAPTATIVOS
COMPLEXOS EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM EM EAD

São Leopoldo

2012

Ygor Corrêa

O AGIR LINGUAGEIRO NA PERSPECTIVA DOS SISTEMAS ADAPTATIVOS
COMPLEXOS EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM EM EAD

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Dinorá Moraes de Fraga

São Leopoldo

2012

C824a Corrêa, Ygor

O agir languageiro na perspectiva dos sistemas adaptativos complexos em ambiente virtual de aprendizagem em EAD / por Ygor Corrêa -- São Leopoldo, 2012.

115 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2012.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Dinorá Moraes de Fraga, Ciências da Comunicação.

1.Linguística aplicada. 2.Ensino à distância – Linguística aplicada. 3.Conversação – Ensino à distância. 4.Interacionismo Sociodiscursivo – Grupos de bate-papo pela internet. 5.Conversação – Ambientes virtuais compartilhados. 6.Agir languageiro. I.Fraga, Dinorá Moraes de. II.Título.

CDU 81'33

37.018.43:81'33

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

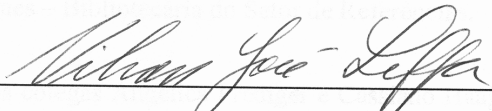
YGOR CORRÊA

O agir linguageiro na perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos em
Ambiente Virtual de Aprendizagem em EAD

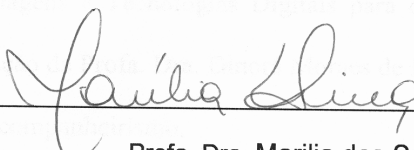
Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Linguística Aplicada da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
Unisinos

Aprovado em 24 de fevereiro de 2012

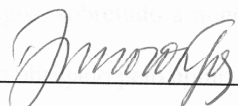
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilson Jose Leffa (UCPel)



Profa. Dra. Marília dos Santos Lima (UNISINOS)



Profa. Dra. Dinorá Moraes de Fraga (UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas, bem como da instituição que foi fundamental durante todo o processo desta elaboração.

Primeiramente, agradeço à UNISINOS, em especial à Unidade de Pesquisa – Setor de Educação à Distância, pela concessão da bolsa que me permitiu cursar este Mestrado, proporcionando-me um ambiente instigante de estudos e aprendizados.

Agradeço à minha orientadora, por quem tenho enorme apreço, Profa. Dra. Dinorá Moraes de Fraga, por ser uma pesquisadora, professora e amiga admirável. Muito obrigado!

À Profa. Dra. Susane Garrido que se empenhou pela concessão da bolsa para a realização deste estudo.

Agradeço aos ensinamentos e embates teóricos proporcionados pelas professoras do PPG em Linguística Aplicada da Unisinos: Ana Maria Zilles Stahl, Maria Eduarda Giering Marília Lima e Rove Chishman. Às funcionárias Sr^a Valéria Cabral – Secretária deste PPG, Sr^a Rosane Martins da Rocha - Atendente do Posto de Atendimento da Comunicação e Sr^a Carla Moraes – Bibliotecária do Setor de Referências.

Aos colegas Angélica Prediger e Cassiano Haag do grupo LITEC-EAL – Laboratório de Linguagens e Tecnologias Digitais para o Ensino e Aprendizagem de Línguas, sob a coordenação da Profa. Dra. Dinorá Moraes de Fraga, pelas discussões teóricas e momentos de extremo companheirismo.

Às minhas amigas e amigos, sobretudo à querida amiga Tatiane Carvalho com quem dividi alegrias e angústias. Muito obrigado pelo apoio moral e científico.

Aos meus familiares, especialmente à Tia Suzete, pelas idas e vindas pela cidade de Porto Alegre, sempre me apoiando em minhas empreitadas. Obrigado!

À minha mãe, Maria Corrêa, pelo apoio nas horas mais conflituosas em que mais precisei do apoio que só uma mãe pode propiciar. Muito obrigado por acreditar em meu potencial e alimentá-lo ao longo do curso. À irmã, Paloma pela disposição em me conduzir para todos os lados quando eu sem aviso prévio a solicitava. Ao irmão Thiago por me ceder um ouvido amigo para escutar minhas teorizações e tudo que dizia respeito à minha dissertação. Agradeço à família por ter paciência e compreensão quanto aos momentos em que precisei me isolar para “dar conta do recado”! Muito obrigado a todos que fizeram parte desse processo que visava meu crescimento acadêmico e humano, que só pode progredir e jamais retroceder, dadas as condições iniciais de meu ser.

Muito obrigado!

RESUMO

O presente estudo concebe o papel central da língua no desenvolvimento humano por meio de um agir linguageiro. Nessa perspectiva, compreende-se que a linguagem se situa em práticas interacionais e está em permanente transformação. Este estudo tem caráter empírico de cunho qualitativo, inserido na plataforma *Moodle*, investigando a especificidade das interações realizadas em *Chats*, em uma disciplina de Ensino à Distância (EAD) na perspectiva da Teoria da Complexidade (GLEICK, 1994; JOHNSON 2003; LARSEN-FREEMAN 1997, 2008, 2009; MORIN 2008) e do Interacionismo Sociodiscursivo - ISD (BRONCKART, 1999, 2008). A compreensão epistemológica deste estudo abarca o agir humano em desenvolvimento caracterizado como um sistema adaptativo complexo. Sendo que, a partir das práticas de nível mais baixo, mas não menos complexas, os comportamentos acabam por emergir. Assim, os interagentes desenvolvem comportamentos observáveis que emergem das condições iniciais, encaminhando-se às manifestações de auto-organização. O agir humano situado na plataforma, assim como as práticas situadas por meio de tipos específicos de discursos (BRONCKART, 1999) estão entendidos como geradores de movimentos de complexidade. As relações discursivas tecnologicamente situadas foram observadas quanto à forma como os interagentes se adaptavam ao contexto discursivo. A partir das interações analisadas, elencaram-se, então, tipos de discurso e foram propostos quatro tipos de Movimentos de Complexidade que emergiram das interações discursivas: Movimento 1 – Dinamicidade discursiva entre interagentes; Movimento 2 – Não-linearidade interacional; Movimento 3 – Adaptação de agentividade (espaço-tempo) e Movimento 4 – Comportamento emergente. A análise do agir linguageiro, situado por meio de tipos de discurso identificados, apresentou baixo índice de variação da escrita em linguagem formal; como era de se esperar, dado o caráter formal da troca entre pares. O estudo permitiu evidenciar que os tipos de discurso se adaptam na medida em que os interagentes passam por mudanças interacionais de fases co-construídas em processo, alternando entre os tipos de discurso relato interativo e relato misto interativo-teórico pela ausência do discurso teórico.

Palavras-chave: Agir linguageiro. Interações. Sistemas Complexos Adaptativos. Ambiente virtual de Aprendizagem. Educação à Distância.

ABSTRACT

This study conceives the central role of language in the human development through language acting. In this perspective, it is comprehended that language is situated in interactional practices and it is permanently transformed. This study has an empirical character and a qualitative approach, inserted in the Moodle platform, investigating the specificity of the interactions made in Chats in a Distance Learning Environment according to the Complexity Theory perspective (GLEICK, 1989; JOHNSON 2003; LARSEN-FREEMAN 1997, 2008, 2009; MORIN 2008) and the Sociodiscursive Interactionism perspective (BRONCKART, 1999, 2008). The epistemological comprehension of this study considers that the language acting under development is characterized as a complex adaptive system, in which behaviors eventually emerge from practices of lower level, but not less complex. Then, the interactants develop observing behaviors that emerge from the initial conditions, heading towards self-organization manifestations. The situated language acting on the platform, as well as the situated practices through specific types of discourse (BRONCKART, 2008), are understood as generators of complexity movements. The ways interactants adapted themselves to the discursive context were observed as discursive relations technologically situated. From the analyzed interactions, types of discourse were established and four types of complexity movements, which emerged from the discursive interactions, were proposed: Movement 1 – Discursive Dynamics among interactants; Movement 2 – Non-Interactional linearity; Movement 3 – Agentivity Adaptation (space-time); Movement 4 – Emergent Behavior. The analysis of the situated language acting, through identified types of discourse, presented a low rate of variation in formal language use, as it was expected, due to the formal character of the exchange among pairs. The study allowed us to evidence that the types of discourse are adaptable as the interactants go through phases of interactional change co-constructed in process, alternating between interactive-reporting and mixed theoretical-interactive types of discourse, by the absence of theoretical discourse.

Keywords: Language acting. Interactions. Complex Adaptive Systems. Virtual Learning Environment. Distance learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto e contexto I.....	31
Quadro 2 –Texto e contexto II.....	31
Quadro 3 – Mundos discursivos	32
Quadro 4 – Mundos discursivos e tipos de discurso	32
Quadro 5 – Trajetórias de vida	34
Quadro 6 – Previsibilidade	35
Quadro 7 – Aleatoriedade.....	36
Quadro 8 – Atividade em fluxo	37
Quadro 9 – Agir languageiro bifurcado	38
Quadro 10 – Atividade em grupo	39
Quadro 11 – Tipos de discurso	42
Quadro 12 – Movimento de complexidade	46
Quadro 13 – Mudança Interacional de Fase 1	47
Quadro 14 – Mudança Interacional de Fase 2	48
Quadro 15 – Mudança Interacional de Fase 3	48
Quadro 16 – Mudança Interacional de Fase 4	49
Quadro 17 – Dinamicidade nível macroestrutural.....	50
Quadro 18 – Dinamicidade nível microestrutural	51
Quadro 19 – O agir descentralizado	52
Quadro 20 – O caráter tecnológico do agir.....	53
Quadro 21 – O agir bifurcado.....	54
Quadro 22 – Agir languageiro colaborativo.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1 O Desenvolvimento Humano sob a Ótica da Teoria da Complexidade	14
2.2 Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e o Agir Linguageiro	25
2.3 Tipos de Discurso	31
2.4 O Agir Linguageiro em Ambiente Virtual de EAD	34
2.5 Movimentos de Complexidade	44
2.5.1 Movimento 1 – Dinamicidade Discursiva entre Interagentes	47
2.5.1.1 <i>Dinamicidade Discursiva entre Interagentes em Nível Macroestrutural</i>	50
2.5.1.2 <i>Dinamicidade Discursiva entre Interagentes em Nível Microestrutural</i>	51
2.5.2 Movimento 2 – Não-Linearidade Interacional	52
2.5.3 Movimento 3 – Adaptação de Agentividade (Espaço-Tempo)	53
2.5.4 Movimento 4 – Comportamento Emergente	54
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	56
3.1 Pesquisa Qualitativa	56
3.2 Coleta de Dados e Contexto de Pesquisa	57
4 ANÁLISE DE DADOS	59
4.1 Excerto 1 – Fase de Interações de Manutenção	60
4.2 Excerto 2 – Fase de Interações de Construção de Conhecimento	65
4.3 Excerto 3 – Fase de Interações de Adaptação Sistêmica	74
4.4 Excerto 4 – Fase de Interações Conclusivas	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A – Dados coletados	97
ANEXO B – Decreto EAD	107

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de pesquisas acadêmicas acerca da modalidade de Ensino à Distância (doravante EAD)¹ constitui-se em um campo educacional recente e em decorrência disso, um objeto novo de pesquisas nos campos teóricos e relacionados, justificando este projeto do ponto de vista científico e político. Na condição de pesquisador em Linguística Aplicada propõe-se o estudo das interações, na perspectiva do agir humano² por meio de suas práticas discursivas (BRONCKART, 2008) em um diálogo com as teorias sistêmicas, nessa situação específica do agir humano que é o EAD. Este estudo concebe a relevância social e educacional da atividade discursiva no desenvolvimento humano em contexto virtual. Dessa maneira, visa-se compreender não os estados (GLEICK, 1989), mas os processos interacionais discursivos que se co-constroem em *Chats* de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA)³, em uma universidade específica, que é a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. O *Chat Educacional* (MARCUSCHI, 2002, 2005) origina-se do gênero oral (conversa face a face) e realiza-se na forma escrita. Esse, por sua vez, comporta interações entre pares em plataformas de EAD que são inseridas na formação discursiva aula. Enquanto espaço interacional, situado no ciberespaço, o *Chat Educacional* remete os interagentes à concepção de que a variedade dos gêneros do discurso⁴ (BAKHTIN, 2003, p. 279) é infinita, tendo em vista que “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”.

O agir linguageiro, se evidenciado, tecnologicamente, pode auxiliar na compreensão do desenvolvimento humano, a partir de uma ótica dinâmica do fenômeno linguístico (BRONCKART, 2003, 2006, 2008; LARSEN-FREEMAN 1997, 2000, 2008, 2009). Nessa perspectiva, torna-se necessário analisar o que emerge dos processos, assim a emergência poderá permitir uma ótica que compreenderá a relação do todo (contexto interacional) com as

¹ O EAD está concebido de acordo com o Decreto nº 5622 do MEC (Anexo B).

² Bronckart (2006) afirma que as condições de emprego e o significado dos termos agir, atividade, ação e práticas são múltiplos e heterogêneos. Ainda sobre o uso do termo agir, o mesmo autor em 2003, refere que a noção de agir linguageiro envolve aspectos insuficientes na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo - ISD, que se referem às relações entre domínios da linguagem e do agir humano. O autor propõe não mais falar em ação linguageira e sim em situação de produção e compreensão de linguagem. Isso porque a noção de agir linguageiro não dá conta do caráter dinâmico e dos aspectos afetivos-emocionais dos agentes. As ações do texto são figuras interpretativas que dependem das situações de comunicação e dos fatores textuais (gêneros, tipos e sequência que as constituem). Nesta pesquisa, por necessidade de uniformização e considerando que ainda não houve a mudança na teoria, utilizar-se-á o termo agir linguageiro.

³ Segundo Schlemmer (2002, p.8) “AVAs são plataformas utilizadas com o objetivo de promover os processos de ensino e de aprendizagem. É por meio dos AVAs que as interações síncronas e assíncronas são possíveis. Os AVAs são utilizados para a modalidade de Educação à Distância - EaD, modelo híbrido e/ou para apoio ao ensino presencial físico”.

⁴ Assume-se, neste estudo, o conceito de gênero conforme Bakhtin (2003) e Marcuschi (2002), compreendendo o Chat como originário do gênero oral e realizado na forma escrita. É nesse sentido que tal conceito é proposto aqui.

partes (interagentes) e vice-e-versa (MORIN, 2008), partes essas, compreendidas como um todo em suas interrelações. A dinamicidade interacional se caracteriza por apresentar espaços de fase/estado (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 48), possibilitando que ao longo do processo o sistema possa emergir ou não em relação à sua especificidade atrelada às condições iniciais. Nesse sentido, as interações serão examinadas como constitutivas dos tipos de interações que o EAD, por meio do *Chat*, faz emergir em um novo contexto de situações comunicacionais.

Portanto, as interações trazem implicações para o processo de ensino e aprendizagem, sendo formadoras desse. Para se pensar essa concepção de interações, consideram-se as seguintes noções como constitutivas da linguagem:

- a) a de desenvolvimento humano por meio do agir languageiro;
- b) a de linguagem situada;
- c) a de dinâmica do fenômeno linguístico.

As noções mencionadas sustentam epistemologicamente a compreensão das práticas interacionais concebidas como um agir languageiro, a partir das teorias propostas. Neste estudo as práticas discursivas em um *Chat* serão constitutivas do fenômeno Sociodiscursivo das interações, não cabendo um estudo teórico sobre interação, em seu sentido lato. Ao adotar um olhar paradigmático em relação à Ciência Clássica⁵, a Teoria da Complexidade⁶ (GLEICK, 1989; JOHNSON 2003; LARSEN-FREEMAN 1997, 2008, 2009; MORIN 2008), abrangendo os Sistemas Adaptativos Complexos (doravante SACs), é pensada como possível de abarcar o desafio de possibilitar um olhar que se orienta a partir do humano.

O estudo das interações nos ambientes virtuais será delimitado no nível de organização textual, chamado tipos de discursos, a partir do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), segundo Jean Paul Bronckart (1999, 2008) e demais pesquisadores⁷. Delimita-se porque permite a manifestação de um mundo discursivo linguisticamente e, logo, empiricamente reconhecido. Por meio da identificação dos tipos de discursos propostos pelo ISD, como constituidores de interações discursivas, pretende-se compreender a dinâmica do *Chat*, que

⁵ Esta concepção estabelece o paradoxo situado, neste estudo, que é não compreender processos isoladamente de suas causas e assim como a imprevisibilidade do agir humano (ações - o todo não é mais do que a soma de suas partes e vice-versa). O caráter reducionista da ciência clássica está arrolado ao longo deste estudo por meio dos autores referidos.

⁶ Ressalta-se que as noções e nomenclaturas instauradas na Teoria da Complexidade serão tratadas de forma a aproximá-las ao campo linguístico, até mesmo pelo fato de esta teoria estar sendo compreendida dentro dos estudos linguísticos.

⁷ O ISD tem se constituído como uma teoria que está sendo construída por um grupo de pesquisadores do Brasil, de Portugal, da Argentina e da Suíça, tendo como seu maior expoente Jean Paul Bronckart.

enquanto espaço empírico permitirá o acesso a uma dada ação no mundo virtual, entendido como genuíno e emergente.

O agir textualmente constituído através da não-linearização investigada em relações às interações discursivas e aos movimentos teoricamente assumidos como de complexidade realizados pelos interagentes, em busca de significados e espaços interacionais está entendido como uma característica evidenciada em espaços inseridos em ambientes de ensino-aprendizagem e redes sociais. Nesse tocante, abarcando a língua enquanto fenomenológica e hermenêutica, Fraga (2004b) propõe uma compreensão linguística, não a partir da busca por regularidades, entendidas como um tratamento de sistema fechado que submete o sentido, enquanto acontecimento, mas sim a uma visão de sistema aberto.

Tanto Fraga (2004) quanto Bronckart (2010),⁸ referem-se ao entendimento de “novas” perspectivas linguísticas a partir do ISD em contexto virtual na ótica dos SACs. Fraga (2004) estabelece, em seu texto, alguns temas a serem investigados a partir do ISD, tais como: hipertexto e sequencialidade não-linear; autoria e hiperautoria; texto e autorregulação interatividade e interação; e a revisão do conceito de gêneros e tipos de textos e discurso, na perspectiva dos sistemas abertos. Para tanto, neste estudo, a língua e as produções discursivas por meio de tipos de textos estão abarcadas enquanto SACs, que se caracterizam por compreender a relação fenomenológica do uno ao múltiplo, tendo a imprevisibilidade das interações entre interagentes como força motriz sistêmica necessária para a sustentação do espaço interacional de aprendizagem. Os autores mencionados afirmam que a língua caracteriza-se como os demais sistemas complexos por serem abertos e sensíveis a fatores externos, não-lineares, dinâmicos, caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais, sujeitos a atratores e adaptativos por seu caráter de auto-organização e emergência.

Quanto à aproximação da Teoria da Complexidade ao campo dos estudos linguísticos, as autoras Larsen-Freeman e Cameron (2008) em seus trabalhos, afirmam a necessidade de estender os conceitos oriundos de outras ciências como a física, química e biologia, que dão corpo à Teoria da Complexidade à Linguística Aplicada. A Teoria da Complexidade arrola os “mandamentos” do pensar complexo, entendendo a concepção de mundo a partir da complexidade interacional entre sistemas e subsistemas, conforme chama a atenção, também nesse sentido, Fraga (2004). Neste estudo, adotar-se-á como sinônimos de Sistemas

8 No II Congresso Internacional de Linguagem e Interação, Bronckart (2010), referindo-se aos estudos realizados por Fraga (2004) e demais pesquisadores, reafirmou a necessidade de estudos empíricos quanto ao contexto educacional virtual em EAD. As postulações dos autores mencionados parecem sustentar o caráter científico deste estudo quanto à investigação linguística de ações languageiras na concepção epistemológica dos SACs e sua relação com o ISD.

Complexos, o termo Sistemas Adaptativos Complexos (SACs), por entender uma possibilidade de abrigar o pensamento complexo e as características do agir humano constituído enquanto linguagem.

Após a realização da identificação dos tipos de discurso, propõem-se movimentos de complexidade que identifiquem o agir humano quanto a sua relação com o contexto de EAD, na perspectiva dos SACs. Tendo em vista o papel central da língua no desenvolvimento humano por meio de suas mediações, este estudo tem como uma das finalidades produzir aportes teórico-metodológicos quanto às práticas discursivas para que os contextos de ensino-aprendizagem em EAD possam ser pensados como dinâmicos e abertos aos fatores externos ao agir situado em contexto virtual, otimizando a aprendizagem.

Nesse contexto, compreende-se que “a linguagem só existe em práticas, e essas práticas, ou jogos de linguagem, são heterogêneas, diversas e estão em permanente transformação” (BRONCKART, 2008, p. 17). As condutas humanas serão arroladas enquanto sistemas abertos, dinâmicos e adaptativos, apresentando um estado inicial e sofrendo transformações ao longo do processo, fato esse que as impede de chegar a um estado final tal qual ao inicial. A partir da delimitação do tema proposto, apresentar-se-á o objetivo geral que será investigar a especificidade das interações realizadas em *Chats* na perspectiva da Teoria da Complexidade e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Os objetivos específicos deste estudo são:

1. compreender o uso da língua quanto ao desenvolvimento humano na perspectiva da Teoria da Complexidade e do ISD, numa dada situação de comunicação;
2. identificar, nessa perspectiva, as ações languageiras no *Chat*, através da identificação dos tipos de discurso;
3. discutir a constituição do *Chat* enquanto contexto virtual interacional como sistema complexo, identificados nos tipos de discurso, a partir da análise de dados;
4. propor implicações de ordem teórico-metodológica para, com base em dados empíricos, acerca da questão central deste estudo, poder contribuir para o aprimoramento de práticas discursivas em EAD.

Ressalta-se que este estudo compreende que o ambiente interacional virtual exige uma pesquisa que não envolva a transposição teórica de práticas oriundas de ambientes presenciais para ambientes virtuais. Esta é uma pesquisa empírica de cunho qualitativo (SILVERMAN, 2000), no que se refere à identificação e análise das interações constitutivas das práticas discursivas, definidas como tipos de discurso e movimentos de complexidade decorrentes de

um *Chat* educacional. A constituição do corpus se deu mediante a gravação automática da sequência de sessões de *Chats* de uma disciplina de graduação do Curso de Psicologia realizada na modalidade semipresencial no ambiente virtual *Moodle*⁹.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo a introdução, no segundo capítulo apresentar-se-ão os pressupostos teóricos abarcados neste estudo, introduzindo a base epistemológica da Teoria da Complexidade por meio de uma perspectiva sistêmica do agir humano. A seguir, propor-se-ão as questões relacionadas ao desenvolvimento humano, por meio de seu agir linguageiro, situado e relacionado aos tipos de discursos propostos pelo ISD. Posteriormente, apresentar-se-á a definição de tipos de discurso e suas especificidades. Em seguida, apresentar-se-á a perspectiva do agir linguageiro situado no contexto de aula em ambiente virtual de EAD, no *Chat*. E como construto teórico, desta pesquisa, mostrar-se-ão os Movimentos de Complexidade, como um construto teórico sustentado pelas teorias adotadas quando da observação das interações. No terceiro capítulo, expor-se-á a metodologia de pesquisa utilizada, a coleta de dados e o contexto de pesquisado. No quarto capítulo, exibir-se-á a análise de dados utilizada enquanto dado empírico. Finalmente, delinear-se-ão as considerações finais desta dissertação.

A pesquisa propõe um estudo qualitativo de interações em contexto de EAD, podendo trazer contribuições para as investigações realizadas na linha de pesquisa 1: *Linguagens e Práticas Escolares*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PPGLA, visando a um trabalho de pesquisa sobre um tema ainda em fase de pesquisas iniciais nesse PPG, que é o de práticas discursivas em contexto de EAD.

⁹ Do inglês: *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este estudo tem, então, como pressupostos teórico-metodológicos o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e a Teoria da Complexidade, atribuindo à linguagem, em suas práticas situadas, um papel fundamental no desenvolvimento humano. É sobre esse agir situado em contexto virtual de produção de conhecimento em EAD que este estudo está desenvolvido. Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que sustentam a análise de dados desta dissertação. Dessa maneira, o capítulo 2 está subdividido em 5 subcapítulos: 2.1 O desenvolvimento Humano na ótica da Teoria da Complexidade; 2.2 O Interacionismo Sociodiscursivo – ISD e o Agir Linguageiro; 2.3 Tipos de Discurso; 2.4 O agir linguageiro em ambiente virtual de EAD; e 2.5. Movimentos de Complexidade.

2.1 O Desenvolvimento Humano sob a Ótica da Teoria da Complexidade

Este estudo tem como princípio teórico a fundamentação da Teoria da Complexidade no campo da Linguística Aplicada, considerando que a inserção dessa perspectiva complexa e entendida como emergentista vem sendo instaurada gradativamente ao modo de se pensar os estudos linguísticos. Tendo em vista que a Teoria da Complexidade trata do estudo de sistemas que se caracterizam por serem complexos, dinâmicos, não-lineares, auto-organizáveis, abertos, emergentes, caóticos e adaptativos¹, entende-se que essa perspectiva pode auxiliar na compreensão de fenômenos linguísticos.

Na Linguística Aplicada, Larsen-Freeman, pesquisadora norte-americana, retoma sua produção acadêmica, ao final da década de 90, como uma das precursoras ao aderir à noção de sistemas complexos no campo linguístico. Em 1997, em seu artigo intitulado *Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition* Larsen-Freeman (1997), preconiza a aproximação da Teoria da Complexidade à Linguística Aplicada; mais especificamente quanto à aquisição de segunda língua. Larsen-Freeman (1997) inicia a realização da árdua tarefa de situar os termos oriundos das Ciências Biológicas, Químicas e Físicas ao campo das ciências humanas. Larsen-Freeman (1997, p. 147, tradução nossa) afirma: “O estudo de sistemas complexos não-lineares e o estudo da língua têm muito em

¹ Para fins de aprofundamentos quanto às definições ver: Gleick, (1994), Johnson (2003), Larsen-Freeman (1997, 2008, 2009) e Morin (2008).

comum”². Larsen-Freeman (1997) propõe que o desenvolvimento linguístico do indivíduo seja compreendido a partir do pensar o complexo.

No que tange a crescente adoção de um olhar científico, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 5) apontam estudos³ de linguistas, na perspectiva da Teoria da Complexidade, como os de Meara (1997, 2004, 2006) utilizando o modelo dinâmico para descrever o desenvolvimento e perda de vocabulário; de Bot, Lowie e Verspoor (2005, 2007) quanto à aquisição de segunda língua; Herdina e Jessner (2002) utilizam para discutir a mudança na proficiência de multilinguagem em nível individual e para prover uma descrição mais dinâmica do multilinguagem. As autoras mencionam também Lee e Schuman (2003) que utilizam essa ótica para observar a evolução da língua; Cameron (2003a) quanto à metáfora no discurso, mostrando como a língua e o desenvolvimento conceitual interagem. Larsen-Freeman e Cameron (2008) ressaltam o fato que uma edição especial do *Journal of Applied Linguistics* de dezembro de 2006 foi exclusivamente dedicada à Teoria da Complexidade na ótica emergentista, possibilitando uma “nova” ótica no campo da Linguística Aplicada. No Brasil, podem-se mencionar as contribuições de linguistas como Fraga (2004, 2006), Leffa (2009), Paiva (2005), Vetromille-Castro (2007) dentre outros, mas ainda em pequenas proporções frente ao horizonte científico possibilitado por essa teoria na Linguística Aplicada.

A linguagem exerce um papel fundamental no desenvolvimento humano (BRONCKART, 2008; LARSEN-FREEMAN; CAMERON 2008) por meio das interações sociais desempenhadas pelos indivíduos, em processos de aquisição, estruturação, organização da língua. Os indivíduos são responsáveis pelos fenômenos linguísticos que ocorrem gradualmente em práticas situadas que, na proposta deste estudo, abarca a língua enquanto um sistema a partir das interações humanas. De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 102, tradução nossa): “Novas formas e padrões, então se tornam fontes da comunidade, nas quais os membros da comunidade de fala podem fazer escolhas, explorar e reformular a fim de preencher com suas próprias intenções e condições dos novos contextos.”⁴

Do ponto de vista dos sistemas complexos, a língua não está dada, (caráter não essencialista deste estudo), mas emerge dos processos interacionais contextualizados. Uma

² “*The study of complex nonlinear systems and the study of language have much in common*” (LARSEN-FREEMAN, 1997, p. 147).

³ Os estudos citados, nesta página, foram mencionados pelas autoras, então, para fins de consulta, verifique a referência das autoras como fonte primária (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

⁴ “*New forms and patterns then become the resources of the community upon which members of the speech community can draw, exploit, and reshape to populate with their own intentions and the affordances of the new contexts*” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 102).

vez tendo emergido, pode ser observada a partir dos indivíduos e do meio envolvido nas razões de sua emergência. Diante disso, Bronckart (2008, p. 22) apresenta algumas definições⁵ como sendo a atividade de linguagem, como práxis social que se traduz em gêneros de textos, entendendo as línguas naturais como sistemas de recursos mobilizáveis quanto aos gêneros e assim a língua como um sistema comum ao conjunto das línguas naturais. Sabe-se que a noção de língua é uma abstração construída pelo linguista como base no estudo de diversas línguas naturais. Adota-se a definição (BRONCKART, 2008, p. 26) de que “a linguagem é um fenômeno, sendo esta o exercício de uma faculdade que existe no ser humano”. A língua é o conjunto das formas concordantes que este fenômeno assume em uma coletividade de indivíduos e numa época determinada.

Em seus estudos, Bronckart (2008) a partir da Teoria Saussuriana reconhece que Saussure introduziu a noção de discurso como na perspectiva Bakhtiniana, afirmando que é na produção discursivo-textual que, de fato, se realizam as inovações que modificam o sistema da língua. Dessa forma, reconhece-se que é por meio do discurso que se constroem os significados que, posteriormente, são absorvidas pelo sistema. As referidas inovações causadas pelas modificações do discurso permitem “novos” significados. Esses podem ser entendidos, por exemplo, quando há a necessidade de se compreender o registro escrito de uma modalidade oral, como é o caso das falas em um *Chat* escrito em situação de comunicação virtual como adaptadas ao meio interacional, dado o caráter dinâmico da língua.

A complexidade pode ser entendida a partir das diversas interações entre seus elementos, agentes, textos e contextos. Nesse tocante, as noções arroladas, quanto à observação de fenômenos linguísticos parecem ser reforçadas por Nick e Larsen-Freeman (2009, p. 18, tradução nossa):

Cognição, consciência, experiência, personificação, cérebro, *self*, interação humana, sociedade, cultura e história estão inextricavelmente entrelaçadas em formas ricas, complexas e dinâmicas da língua. Tudo está conectado. Apesar desta complexidade, apesar de sua declarada falta de governança, ao invés de anarquia e caos, há padrões em todo lugar. Os padrões linguísticos não são pré-ordenados por Deus, genes, escola, currículo ou outras políticas humanas. Ao invés disto, eles são emergentes – padrões sincrônicos de organização linguística em níveis numerosos (fonologia, léxico, sintaxe, semântica, pragmática, discurso, gênero, etc.), padrões dinâmicos de uso, padrões diacrônicos da mudança da língua (ciclos linguísticos de gramaticalização, pidginização, creolização, etc.), padrões de desenvolvimento ontogenético na aquisição de língua por crianças, padrões geopolíticos de

⁵ O autor estabelece tais definições a partir de seus estudos da Teoria Saussuriana.

crescimento e declínio da língua, dominância e perda, e assim por diante. Nós não podemos entender estes fenômenos a menos que entendamos suas interações.⁶

Os aspectos mencionados em relação ao humano, sendo esse, entendido com um todo vivo orgânico, faz com que se pense na relação do todo (o humano) com as partes (contexto interacional) e vice-e-versa, uma vez que os elementos interrelacionados precisam ser observados para a compreensão do humano, de seu meio e o resultado de suas interações. Referindo-se aos SACs na Linguística Aplicada, Larsen-Freeman e Cameron (2008) mencionam a comunidade discursiva como um subsistema associada aos grupos socioculturais, às características dos próprios indivíduos (subgrupos) - do nível social ao neurológico – como subsistemas que estabelecem relações entre si das mais diversas formas.

Em uma abordagem discursiva Larsen-Freeman e Cameron (2008) mencionam o caráter adaptativo do uso da língua, afirmando que os interagentes adaptam seus recursos linguísticos para dar conta de contingências ou metas específicas, visando refletir quem eles são e como eles desejam ser vistos pelos outros. Posto isso, as autoras afirmam que na medida em que os interagentes adaptam seus recursos linguísticos a novos contextos, esses mudam a língua. Em outras palavras, interagir em um sistema gera a possibilidade de mudar a constituição do sistema por meio de novas características sistêmicas. Então, na medida em que os interagentes têm experiência podem reestruturar seus papéis quando inseridos em um determinado contexto de práticas.

De acordo com Larsen-Freeman (1997, p. 148), “todas as vezes que uma língua é usada, ela muda”. Compreende-se a variabilidade, interacional, “a partir da perspectiva da complexidade, em que o discurso é uma atividade complexa e dinâmica de uso da linguagem” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 162, tradução nossa)⁷, exige entendê-la como crucial, uma vez que é preciso compreender os gêneros em sua dialógica flexibilidade versus estabilidade. A pertinência da Teoria da Complexidade é referida por Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 32, tradução nossa):

⁶ *Cognition, consciousness, experience, embodiment, brain, self, human interaction, society, culture and history are all inextricable intertwined in rich, complex and dynamic ways in language. Everything is connected. Yet despite this complexity, despite its lack of overt government, instead of anarchy and chaos, there are patterns everywhere. Linguistic patterns are not preordained by God, genes, school curriculum, or other human policy. Instead, they are emergent – synchronic patterns of linguistic organization at numerous levels (phonology, lexis, syntax, semantics, pragmatics, discourse, genre, etc.) dynamic patterns of usage, diachronic patterns of language change (linguistics cycles of grammaticalization, pidginization, creolization, etc.) ontogenetic developmental patterns in child language acquisition, global geopolitical patterns of language growth and decline, dominance and loss, and so forth. We cannot understand these phenomena unless we understand their interplay.* (LARSEN-FREEMAN, 2009, p. 18).

⁷ *From a complexity perspective, discourse is complex dynamic language-using activity* (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 162).

Percebemos que acompanhar a evolução da língua, seu desenvolvimento, seu aprendizado e seu uso como processos não-lineares, dinâmicos, adaptativos e complexos soa mais verdadeiro para nós do que as teorias nas quais fomos treinados ou quanto a nossa experiência profissional tem mostrado.⁸

Por meio da Teoria da Complexidade, Morin (1996) evidencia o fato de que a ciência clássica acreditou que o mundo era passível de um conhecimento mensurável que tornava tudo objetivo, ou seja, desvelado aos sentidos humanos. Assim, a ciência clássica constrói seu objeto de estudo extraindo-o do meio complexo, observando-o em situação não-complexas. Como afirma Morin (1996), o paradigma da simplicidade é um paradigma que põe ordem no universo e expulsa desse a desordem.

Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 72, tradução nossa) reforçam essa perspectiva afirmando que “as propriedades ou os fenômenos emergentes não podem ser explicados em termos da interação dos elementos combinados para produzi-los como no reducionismo clássico”⁹ Mas, este estudo parte do complexo (indivíduo) aos elementos (práticas) que o compõem. Quanto ao que afirmam as autoras, parece que a célebre afirmação de Saussure (2004, p. 13) traz à tona a mesma compreensão dessa perspectiva, em uma abordagem linguística, onde o autor ressalta: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que o é o ponto de vista que cria o objeto”. Ainda quanto à ciência clássica Morin (2009) afirma que essa rejeitou a complexidade em virtude de três princípios explicativos fundamentais:

1. o de determinismo universal – não só conhecer todo o acontecimento, mas ainda prever todo o acontecimento do futuro;
2. o de redução – que consiste em conhecer um todo composto, a partir do conhecimento dos elementos primeiros que o constituem;
3. o de disjunção – que consiste em isolar e separar as dificuldades cognitivas umas das outras, o que conduziu à separação entre disciplinas que se tornaram herméticas umas às outras. Por meio desses princípios a ciência clássica, ou seja, o conhecimento científico possibilitou um desenvolvimento considerado brilhante, até que a inteligibilidade inerente a tal posicionamento se tornou tão importante, ou, como afirma o autor, até mais importante do que as suas elucidações.

⁸ *We feel that seeing the evolution of language, its development, its learning, and its use as complex, adaptive, dynamic, non-linear processes rings truer to us than the theories in which we were trained or in what our professional experience has been since* (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 32).

⁹ *Emergent properties or phenomena cannot be explained in terms of the interacting elements combining to produce them as in classical reductionism* (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 72).

Nessa visão de ciência, a noção de complexidade é, em proporções menores, ainda considerada obscura, já que a expressão complexidade ou complexo nutre relativa obscuridade, expressa na dificuldade de oferecer uma definição ou explicação precisa de processos, uma vez que a Teoria da Complexidade considera a imprecisão, a imprevisibilidade e a não-linearidade com suas características composicionais.

O teórico das estruturas dissipativas, Ilya Prigogine, em 1979, segundo Morin (2008), proclamou uma “nova racionalidade científica”, essa racionalidade foi encarada como revolucionária por parecer infringir os ideais intelectuais propostos por uma visão clássica de ciência. Em *Ciência com Consciência*, Morin (1996, p. 216), o autor diz que “a termodinâmica de Prigogine estabeleceu que os estados afastados do equilíbrio, dissipadores de energia, poderiam criar não só a desordem, mas, também, a organização”. Morin (1996) se refere à segunda lei da termodinâmica, a entropia. Entende-se a entropia sistêmica como responsável pelo existir de um sistema complexo. Referindo-se a Prigogine, Capra (2002, p. 31) faz a seguinte assertiva:

A dinâmica dessas estruturas dissipativas caracteriza-se, em específico, pelo surgimento espontâneo de novas formas de ordem. Quando o fluxo de energia aumenta, o sistema pode chegar a um ponto de instabilidade, chamado de “ponto de bifurcação”, no qual tem a possibilidade de derivar para um estado totalmente novo, em que podem surgir novas estruturas e novas formas de ordem.

Sendo assim, os termos complexidade¹⁰ e Sistemas Adaptativos Complexos (SACs), nesta dissertação, são constituídos quanto ao surgimento de novas formas de ordem, pelo caos que gera desordem organizadora, através de um movimento de auto-organização. Sob essa ótica, apresenta-se a definição do termo complexidade segundo Morin (2008, p. 20) “O que é a complexidade? À primeira vista, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”.

Ao descrever o que compreende por complexidade, o autor apresenta características dessas relações associativas, sendo como o tecido de acontecimentos, as ações, as interações, as retroações, as determinações e os acasos de todas constitutivas dos fenômenos complexos. Morin (2008) enfatiza que o pensamento complexo não visa que a inseparabilidade substitua a separabilidade.

¹⁰ Ressalta-se que a Teoria da Complexidade é oriunda das ciências biológicas e da teoria dos sistemas e cibernética. A Teoria do Caos por sua vez é oriunda da matemática, física, ou seja, das ciências chamadas duras. Esse aspecto justifica a necessidade latente de adaptação de determinados termos quando aplicados ao campo da linguística e demais Ciências Humanas.

O pensamento complexo não substitui a separabilidade pela inseparabilidade – ele convoca uma dialógica que utiliza o separável, mas o insere na inseparabilidade (MORIN, 2000, p. 200).

A ideia é complementar aquilo que certa vez foi refutado, ou seja, as brechas, os buracos negros, as bifurcações, as alternâncias sistêmicas e neste estudo os comportamentos não-lineares e imprevisíveis que emergem de práticas interacionais. Práticas essas que deveriam gerar determinadas atitudes, mas que acabam por gerar outras, que não as almejadas pelas condições iniciais do sistema. Esse aspecto evidencia que um sistema complexo se caracteriza por ser sensível às condições iniciais remetendo à noção de que uma pequena mudança, no início ou mesmo ao longo do processo, pode orientá-lo na direção de resultados diferentes e de resultados proporcionalmente muito diferentes das condições iniciais. Para tanto, Morin (2008) diz que o pensamento complexo trata das relações associativas de interdependências, multidimensionalidade e do paradoxo.

A complexidade quanto ao seu caráter paradigmático tem sido evitada desde seus primeiros passos devido ao seu problema fundamental, como afirma Morin (2009), ou seja, quanto aos aspectos epistemológico, cognitivos e paradigmáticos que a constituem. Morin (2008, p. 151) ressalta o mérito da Teoria da Complexidade, afirmando que “a complexidade é a dialógica ordem/desordem/organização. Mas por detrás da complexidade, a ordem e a desordem dissolvem-se, as distinções dissipam-se, o mérito da complexidade é denunciar a metafísica da complexidade.”

Em Teoria Geral dos Sistemas do biólogo Bertalanffy (1973, p. 84), o autor diz que “um sistema complexo pode ser definido como um complexo de elementos em interação”. O autor diz que a ciência progrediu nos mais variados campos, mas não o suficiente no que tange o humano, ou seja, nas ciências sociais. A teoria proposta pelo autor engloba a noção de totalidade, entendendo o comportamento humano de forma sistêmica. Nesse mesmo enquadre, Morin (2008, p. 43, grifo nosso) apresenta o que entende por sistema: “**O que é um sistema?** É uma relação entre partes que podem ser muito diferentes umas das outras e que constituem um todo que é, simultaneamente, organizado, organizando e organizador”.

Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 69-70, tradução nossa) estabelecem um panorama geral das características dos SACs:

- Sistemas complexos estão em constante mudança;
- Sistemas complexos podem mudar suave ou radicalmente;
- Sistemas complexos podem apresentar auto-organização por meio de mudança de fases que produzem comportamento ou fenômeno emergente em níveis mais altos de organização;

- Sistemas complexos *em e próximos* de atratores apresentam ambas estabilidade e variabilidade;
- Sistemas complexos próximos à beira do caos são muito flexíveis e responsivos;
- Sistemas em regiões caóticas de seus estados de espaço¹¹ (sistemas caóticos) são extremamente sensíveis às pequenas mudanças em relação às condições iniciais;
- Alguns sistemas complexos apresentam criticalidade próximos de fases de transição;
- Dois ou mais sistemas complexos podem mudar em resposta um ao outro em um processo de co-adaptação, e;
- Sistemas complexos podem ser descritos com variáveis coletivas, e suas mudanças de fase por meio de parâmetros de controle.¹²

Essa concepção retoma a ideia central da Teoria da Complexidade, ou seja, como proposto por autores dessa linha de estudo como Bertalanffy (1973), Johnson (2003), Larsen-Freeman (1997, 2008, 2009), Maturana e Varela (1987), Morin (2000) e demais autores de campos como a Física, a Química e a Biologia, de que o todo é mais do que a soma das partes. Evidenciando-se que a noção de que a separabilidade das partes não justifica o todo sistêmico apontando para a inseparabilidade como noção capital. Na perspectiva dos SACs as autoras mencionadas teorizam sobre as noções de ordem global e detalhes locais (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). O contexto gera a ordem global quanto às suas especificidades. Dessa maneira, o contexto seleciona a ordem global, propiciando a adaptação do conhecimento por meio do agir de diferentes formas. A língua, portanto é adaptada ao seu contexto interacional.

Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 237, tradução nossa) afirmam que “uma boa aplicação da Teoria da Complexidade descreve o sistema, seus constituintes, suas contingências e também suas interações”¹³. Sendo que a compreensão das relações e a explicação dessas dinâmicas seriam, segundo as autoras, a tarefa maior do pesquisador.

A partir das noções pontuadas, parece inegável a necessidade de conceber a língua como um sistema adaptativo complexo, onde segundo Nick e Larsen-Freeman (2009) em uma ótica evolucionária da dinâmica da língua, também reconhecem a comunidade discursiva e seus diversos indivíduos como a primeira característica da língua enquanto

¹¹ Segundo Smith (2007) o termo espaço fase/estado pode ser definido como a coleção de todos os possíveis estados de um sistema. Larsen-Freeman e Cameron (2008, tradução nossa) acrescentam a denominação de atrator como sendo uma região do espaço fase/estado onde o sistema pode sofrer mudanças.

¹² *Complex systems are always changing; complex systems can change smoothly or radically; complex systems can show self-organization through phase shift that produce emergent behavior or phenomena on a higher level of organization; complex systems in and near attractors show both stability and variability; complex systems near the edge of chaos are very flexible and responsive; systems in chaotic regions of their state space (chaotic systems) are extremely sensitive to small changes in the initial conditions; some complex systems show criticality around phase transitions; two or more complex systems can change in response to each other in a process of co-adaptation, and; complex systems can be described with collective variables, and their phase shifts through control parameters* (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 59-60).

¹³ “A good application of complexity theory describes the system, its constituents, their contingencies, and also their interactions” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 237).

sistema complexo. Aceitar o caos, a inseparabilidade, a não-linearidade, a dicotomia ordem-desordem como características do evoluir humano, não tem sido o posicionamento mais adotado pelos pesquisadores. Ao isolar, mutilar, refutar as arestas sistêmicas de processos envolvendo o humano a ciência clássica, como já referida, excluiu elementos que deveriam ter sido observados como fractais (GLEICK, 1989) de um todo sistêmico.

Levando em consideração a Teoria da Complexidade, passa-se à compreensão do desenvolvimento humano por meio da linguagem enquanto Sistemas Adaptativos Complexos. Para tanto, Morin (1997, p.105) menciona o conceito de emergência, ou seja, as características e comportamentos que emergem dos processos manifestados nessa concepção complexa de processos mais do que de estados.

A emergência é um produto da organização que, embora inseparável do sistema enquanto todo aparece não só ao nível global, mas eventualmente também ao nível dos componentes. Assim, as qualidades inerentes às partes no seio dum dado sistema estão ausentes ou virtuais quando estas partes se encontram isoladas; só podem ser adquiridas ou desenvolver-se pelo e no todo [...].

A definição do termo emergência, observando as mudanças sistêmicas como fase de mudança, é proposta por Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 59, tradução nossa):

Às vezes a auto-organização conduz a um novo fenômeno a uma escala ou nível diferente, um processo chamado ‘emergência’. O que emerge como resultado de uma fase de mudança é algo diferente da fase anterior: um todo é mais do que a soma de suas partes e não pode ser explicado de forma reduzida por meio da atividade das partes que o compõem.¹⁴

O comportamento emergente não sugere exclusivamente aproveitamento, ou seja, dependo de sua constituição, tal comportamento pode remeter as interações ainda mais bifurcadas que as iniciais, fornecendo resultados positivos e/ou negativos. De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 61, tradução nossa), a auto-organização pode gerar alguns resultados: “Os resultados da auto-organização e emergência podem ser negativos, neutros ou positivos em termos humanos.¹⁵ Leffa (2009, p. 26) ao tratar da noção de aprendizagem neste aspecto afirma:

¹⁴ “Sometimes self-organization leads to new phenomena on a different scale or level, a process called ‘emergence’. What emerges as a result of a phase shift is something different from before: a whole that is more than the sum of its parts and that cannot be explained reductively through the activity of the component parts” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 59).

¹⁵ “The outcomes of self-organization and emergence may be negative, neutral, or positive in human terms” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 61).

Uma sala de aula estática é uma impossibilidade teórica. Se existisse, seria o desespero do professor e o fracasso da educação. Os alunos entrariam na escola e dela sairiam sem nada terem aprendido. O que provoca a mudança, e consequentemente a aprendizagem, é a interação entre os elementos que compõem o sistema. É claro que o nível de intensidade dessa interação provoca alterações no nível de aprendizagem; alguns alunos vão aprender mais do que outros, alguns vão adquirir conteúdos diferentes, não previstos pelo professor, talvez influenciados pela agenda oculta, mas todos vão aprender alguma coisa, desejável ou não.

Quanto ao que afirma Leffa (2009), Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 199, tradução nossa) ressaltam a visão de subsistemas acoplando-se uns aos outros ao mencionarem, por exemplo, a sala de aula de línguas.

A co-adaptação parece ser um tipo relevante de mudança no sistema dinâmico de uma sala de aula de línguas. As salas de aula de línguas estão cheias de pessoas se co-adaptando: professores com estudantes, estudantes com outros estudantes, professores e estudantes com seus contextos de aprendizagem. Padrões estabilizados de ação, incluindo a ação linguística, emergem da co-adaptação de várias escalas de tempo¹⁶.

Em termos sistêmicos, pode-se inferir que cada interagente, neste caso, (estudante ou professor) é um sistema complexo inserido em um sistema maior constituído por trajetórias de vida singulares. A singularidade dessas trajetórias (CORREA, 2010) reafirma a noção de bifurcação interacional, como resultante de processos, podendo fornecer dados consistentes quanto ao caráter sistêmico. Ao invés de uma compreensão de estado, tem-se uma compreensão de processo, justificado pelo caráter interacional do fluxo de relações estabelecidas em contexto virtual provido pelos espaços interacionais, que estão em constante reestruturação. Desse modo, toda mudança decorre do contexto interacional. Larsen-Freeman e Cameron (2008, tradução nossa) apontam alguns aspectos a respeito do surgimento de novas estabilidades de comportamento em relação à emergência manifestada pelas partes que compõe o todo do sistema.

Os fenômenos emergentes em sistemas complexos dinâmicos são as novas estabilidades de comportamento (às vezes emergindo de uma desordem prévia), as quais permanecem abertas às mudanças adicionais e que têm diferentes graus de variabilidade ou flexibilidade ao redor destas (LARSEN-FREEMAN; CAMERON 2008, p. 59, tradução nossa).¹⁷

¹⁶ “Co-adaptation appears to be a particularly relevant type of change in the dynamic systems of the language classroom. Language classrooms are full of people co-adapting teacher with students, students with each other, teacher and student with learning contexts. Stabilized patterns of action, including language action, emerge from co-adaptation on various timescales” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p.199).

¹⁷ “Emergent phenomena in complex dynamic systems are new stabilities of behavior (sometimes emerging from previous disorder, which remain open to further change and which have different degrees of variability or flexibility around them” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 59).

Nessa ótica, as interações manifestam características que direcionam as práticas comportamentais a um contexto específico à auto-organização. Portanto, a auto-organização é o resultado interacional entre a dicotomia ordem x desordem, que gera uma situação de desequilíbrio entendida como uma situação caótica circunscrita pelo caos organizador. Ressalta-se, contudo, que sistemas com regras e agentes simples podem manifestar comportamentos, processos e fenômenos complicados, ou seja, podem ser constituídos por características de baixo nível¹⁸, mas não menos complexas.

A mutabilidade do contexto se justifica dada as suas condições iniciais. Para definir essa concepção Morin (2008) vale-se do princípio de ecologia da ação, ou seja, quando uma ação se insere em um meio a plataforma, enquanto meio e o agir do interagente entra em um jogo interacional de retroações e vai ser desviado de sua proposta inicial. O desvio ou bifurcação, termo também adotado neste estudo, comunga com a afirmação de Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 8).

Nós certamente aceitamos o fato de que os humanos fazem escolhas momentâneas, a fim de empregar recursos semióticos, incluindo os linguísticos, eles precisam perceber suas metas transacionais, interpessoais, auto-expressivas etc. e as múltiplas dimensões de estados de consciência e identidade, afeto e papel social.¹⁹

A Teoria da Complexidade instaurada na Linguística Aplicada permite a compreensão de sistemas com fluxo interacional em mudança, ou seja, em constante instabilidade e co-adaptação de subsistemas que se acoplam a outros subsistemas e que constituem outras formas de estruturas composicionais do sistema complexo.

Sendo assim, o sistema entra em instabilidade, ou seja, em desordem/caos e por meio de suas condições internas associadas aos fatores externos visa entrar em consonância com a noção de ordem rumando a certo estado de equilíbrio, na qual manifesta a auto-organização. Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 34, tradução nossa), quanto à noção de equilíbrio ressaltam que “Sistemas em equilíbrio estão continuamente adaptando-se às mudanças contextuais e podem mudar internamente como resultado de adaptação à mudança externa”.²⁰

¹⁸ Johnson (2003, p.14) referindo-se à noção de nível mais baixo em uma perspectiva sistêmica, afirma: “São sistemas *bottom-up*, e não, *top-down*. Pegam seus conhecimentos a partir de baixo. Em uma linguagem mais técnica, são complexos sistemas adaptativos que mostram comportamento emergente. Neles, os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que reside em uma escala acima deles.”

¹⁹ “*We certainly accept the fact that humans make choices in the moment to employ the semiotic resources, including linguistic ones, they at hand to realize their transactional, interpersonal, self-expressive, etc. goals and the multiple dimensions of self and identity, affective states, and social face* (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 8).

²⁰ “*Systems in equilibrium are continually adapting to contextual changes, and may change internally as a result of adapting to external change*” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 34).

Dessa forma, é possível inferir que por ser um sistema aberto a energia/matéria, ou seja, as influências das interações externas acarretam a constante adaptação do sistema que, por sua vez, mantém sua estabilidade. As situações caóticas, oriundas das ciências biológicas, são chamadas de bifurcações²¹ (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), termo adotado neste estudo, a fim de representar o que há como desvio ou variação das interações em diferentes estados ao mesmo tempo e tipos de discurso em contexto de EAD. Tendo situado a perspectiva sistêmica, a seguir, apresenta-se o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

2.2 Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e o Agir Linguageiro

O ISD enquanto corrente interacionista-social, a partir de construtos oriundos de Vygotsky, constitui-se pela instauração do agir como unidade de análise do humano por meio da linguagem e mediações quanto às condições de funcionamento, considerando, segundo Bronckart (2008, p. 9), os “problemas da intervenção prática e dos processos de mediação formativa que se desenvolvem nela.” Na continuidade do pensamento de Bronckart (2008), pergunta-se: Que mediações o contexto virtual possibilita a partir da linguagem? O que estaria implicado nessas mediações? Que concepções de agir, de mundo e de formação emergem do mundo virtual, na situação de aprendizagem e de ensino à distância (EAD)? O ISD constata que as dimensões do comportamento humano e processos mentais não podem concebidos unicamente sob a ótica da Psicologia, mas sim por meio das propriedades das ações languageiras em situações de comunicação interacionais situadas.

Ainda quanto ao agir humano, o ISD reafirma que a linguagem enquanto sistema aberto dinâmico pode trazer à tona o agir humano por meio dos diferentes gêneros de textos oriundos de práticas formativas. Bronckart (2008) referindo-se a Ricoeur (1977) em *Semântica da Ação* que estabelece que para uma ação tem-se um agente que causa uma intervenção no mundo, utilizando-se de suas dimensões mentais e comportamentais, conduzidas por motivos e razões repletos de intenções, definindo-se assim sua responsabilidade quanto à sua intervenção.

Ao reconhecer tal postulação como limitada, Bronckart (2008, 40) questiona-a propondo as seguintes indagações quanto ao estatuto ontológico do agir: “ele é apenas um

²¹ “*Bifurcation occurs whenever the system can be in two qualitatively different states or stages at the same time. [...] When resources change, a discontinuous switch, what we have called a phase transition, from one to the other possible state may take place* = A bifurcação ocorre sempre que o sistema puder estar em dois estados ou estágios qualitativamente diferentes ao mesmo tempo. [...] Quando os recursos mudam, em uma alternância descontínua, a qual chamamos de transição de fase, de um para outro estado possível, pode ocorrer. (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 128, tradução nossa).

produto da interpretação verbal ou também existe no real? E, se existe, sob que forma?” Ainda, nesse horizonte aponta o tom idealista, logo não interacionista de Ricoeur ao desconsiderar os fatores que circunscrevem o agir. Dessa forma, reconhece-se que o interagente e seu agir não bastam para a compreensão de seu desenvolvimento, sendo o contexto interacional o possibilitador de tal conhecimento. Assim, o agir em relação às práticas humanas está inextricavelmente associado ao contexto de uso da linguagem, sendo essa heterogênea, dinâmica e adaptativa dado seu caráter de constante transformação.

A concepção de um agir instaurado no contexto virtual entende que a atividade humana, enquanto conduta, não é totalmente determinada pelas regras de racionalidade e de eficácia, mas que coexiste dentre outras, como a emoção, evidenciando a noção de coordenadas em conjunção ou disjunção ao mundo ordinário do agente. Essa noção sustenta as práticas decorrentes do virtual que possibilitam condutas antes não vivenciadas em um mundo presencial.

Quanto à teoria do ISD, estabelecer-se-á os pontos necessários para sua fundamentação e, em seguida, a definição de tipos de discurso. Esses fundamentos serão situados no contexto virtual, o que pressupõe adaptabilidade das práticas discursivas em contexto não virtual. Decorrente de sua filiação teórica, o ISD compreende as noções de língua/linguagem como atividade social mediadora das interações humanas, pretendendo por meio dessas a compreensão da gnosiologia e praxiologia do humano. A partir dessa noção, Bronckart (2008, p. 27) estabelece três concepções: “a) a língua enquanto realidade ontológica; b) a língua como organização de formas, tal como as vividas pelos sujeitos falantes em uma determinada época; c) a língua como é reconstituída pelo trabalho de abstração e generalização do linguista”.

O entendimento da língua enquanto sistema é trazido por Bronckart (2008, p. 39) ao revisitar o projeto saussuriano quanto à noção de que a língua está articulada em três sistemas: “a) sistema da língua; b) sistema das atividades e dos fatos sociais; c) sistema dos textos/discursos”. Para tanto, é afirmado que o sistema de textos/discursos foi parcialmente tratado por Saussure, por ter sido interrompido por sua morte. Bronckart (2008, p. 39) reforça que “a língua é um sistema social diferente dos outros sistemas sociais e é articulada a eles”. Concernente a tais asserções, apresenta-se como tais conclusões devem ser consideradas:

- a) **Gêneros textuais** - são um primeiro sistema, que está em estreita interação com as redes de atividades humanas e com sua organização social. Dessa maneira, concebem-se os gêneros como possivelmente infinitos. Pode-se dizer que em consonância com a Teoria da Complexidade o autor afirma que a variabilidade interna dos gêneros é também considerável; ou seja, a entropia tende a crescer,

sem que se possa prevê-la. Assim, a estruturação geral (referindo-se às condições de abertura, fechamento e planificação temática) depende das atividades, remetendo à dimensão praxiológica desse sistema.

- b) Tipos de discurso e Mecanismos de Coesão** – constituem o segundo sistema, que segundo Bronckart (2008) depende das atividades humanas: sendo que um mesmo tipo pode ser mobilizado em qualquer gênero, considerando que:
- o número desses tipos é finito.
 - os tipos tendem a reduzir a variabilidade potencial dos gêneros; sendo esses *núcleos atratores que reduzem a entropia dos gêneros*.
 - a estruturação interna dos tipos é independente das formas das atividades sociais, mas está ligada às formas de realização das operações do pensamento humano (contar, conversar, argumentar e teorizar), o que mostra a dimensão cognitiva ou epistêmica desse sistema (BRONCKART, 2008, p. 40, grifo nosso).

Estabelecidos esses pontos, quanto à ideia sistêmica do funcionamento da língua associada aos movimentos constituídos pelo agir humano, tendo em vista a entropia característica de seu funcionamento, Bronckart (2008) reafirma a necessidade de rever a conceitualização das condições de produção textual-discursiva. Essas condições, neste estudo, remetem-se às condições de produção textual-discursiva propiciadas pelo contexto virtual de ações languageiras em um ambiente de ensino e aprendizagem específico. O referido autor estabelece alguns atos singulares de fala que sugerem aprofundamento: o estatuto desses atos nas atividades sociais e a dinâmica da própria discursividade ou da atividade de linguagem em sua própria temporalidade. A partir das atividades sociais (CORRÊA, 2010; FRAGA, 2007b), instauradas no ciberespaço e potencializadoras do desenvolvimento humano, em contexto virtual têm-se algumas práticas que ocorrem nesse espaço e outros acabam por retornar às noções de crenças e valores pertencentes ao contexto presencial como, por exemplo, seguir os padrões gráficos da escrita impressa.

A linguagem é concebida pelo ISD como a capacidade humana de criar organizações semióticas, ou seja, significantes capazes de assegurar a comunicação e o pensamento dos indivíduos socialmente organizados enquanto instrumentos do agir. Segundo Bronckart (2008), o termo “língua natural” define a noção de realizações particulares dessa capacidade de organização. Nessa concepção Bronckart (2008) elenca a noção de curso, ou seja, trajeto percorrido, quanto à possível não-linearidade interacional e as características emergentes do contexto virtual no curso das ações languageiras. Pelo fato de Bronckart (2008) referir-se à quantidade de termos para designar o ISD como um indício de complexidade, dada relação entre os termos, optou-se por apresentar os principais conceitos a fim de torná-los aplicáveis a este estudo.

No que diz respeito ao termo agir²² como sendo toda forma de intervenção orientada de forma individual ou coletiva dos seres humanos no mundo, faz-se necessário conceber a partir da Teoria da Complexidade esse agir (CORRÊA, 2010; FRAGA, 2007b). Uma vez que o agir desencadeia subsistemas, entendidos como processos reveladores de atos oriundos de sua condição inicial. A condição inicial do agir humano não pode ser compreendida como neutra quanto à intervenção intencional no curso dos processos, pelo fato de não haver um estado inicial sem intervenção humana. Propõe-se que ao ingressar no fluxo contínuo interacional da cibercultura (LÉVY, 1999), os agentes se tornam produtos e produtores de suas práticas, evidenciando-se comportamentos observáveis. As condutas não podem ser objeto de uma explicação causal, com previsibilidade a partir das condições iniciais, mas somente se observadas, a partir de movimentos de complexidade por meio de um movimento fenomenológico interpretativo.

Ainda quanto ao agir, tem-se os termos ação e atividade, sendo a ação a representatividade do agir implicada nas dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas no nível individual. A atividade implica assim o agir, as dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas, porém, no nível coletivo, circunscrevendo as formas de organização conjunta entre humanos. O contexto virtual (FRAGA, 2007b), nessa ótica hibridiza essas noções ao possibilitar a ação quase sempre indissociável à noção de coletividade, então, estar *online* é interagir e construir espaços em conjunto. Cabe aqui, ressaltar que para o ISD o discurso²³ está associado ao uso efetivo da língua e associado às noções de texto, enunciado e enunciação. O aspecto texto-discurso é o que interessa a esse estudo, tendo em vista a construção empírica desses textos em um espaço discursivo que se caracteriza pela relação socialmente construída no espaço virtual. A abordagem do ISD quanto ao texto se enquadra na ótica de Bakhtin de unidade comunicativa verbal na modalidade escrita, oriunda de um agir humano engajado em interações que se situam, segundo Bronckart (2008) “no mundo das obras humanas”.

Bakhtin (2003) reconhece que todo agente dispõe de gêneros internalizados por práticas anteriores e que em uma determinada situação comunicativa mobiliza tais gêneros. Um texto, por sua vez, na ótica Bakhtiniana apresenta determinadas características estruturais e funcionais oriundas da interação verbal (arquitexto), o que permite com que seja indexado

²² Optou-se por grifar os principais termos mencionados pelo autor.

²³ Bronckart (2006, p. 35) ressalta o entendimento que o ISD apresenta no que tange o termo discurso: “são formas de colocar em práticas unidades de uma língua (significantes) que são ao mesmo tempo formas indispensáveis das trocas interindividuais de representação (significado)”. Observa-se que o entendimento deste termo não está em consonância como a Análise do Discurso (AD) Francesa ou da Linguística Textual.

no inventário geral como pertencentes a um determinado gênero textual. Portanto, pode-se dizer que a interação verbal é mediada pelo texto (a organização interna é infraordenada) co-construído pelos indivíduos e é na interação verbal que ocorre a utilização de um determinado gênero de texto indexado no arquitexto que tem por finalidade um fim comunicacional.

O texto, então, tanto na ótica de Bakhtin (2003) tal como o ISD, que é orientado pela visão Bakhtiniana, consideram que a textualização apresenta mecanismos de coerência temática: conexão, coesão e posicionamento enunciativo. A geração de um texto indexado a um determinado gênero textual permite que se entenda a constante renovação da noção de gêneros textuais, que por serem mais ou menos estáveis permitem a inserção de gêneros “novos” ou “adaptados” à ontogênese de uma espécie. Em relação a tal definição, Bronckart (2006, p.143-144) define:

Os gêneros de textos constituem os produtos de configurações de escolha dentre as possíveis, que são momentaneamente ‘cristalizadas’ ou estabilizadas pelo uso e que estas escolhas provêm do trabalho realizado pelas formações sociolinguísticas para que os textos sejam adaptados às atividades que comentam, adaptados a um dado meio comunicativo, eficazes frente a um dado interesse social etc.

Bronckart (2008) concebe que o texto empírico enquanto resultado de uma interação não pode ser entendido como realidade em si, pois, se assim fosse, anularia o aspecto interacional social situado em uma determinada prática vivida. Desse modo, pensa-se que o texto pode ser compreendido como subsistema de um sistema maior – a língua. O autor estabelece a noção de intertexto, ou seja, aquele conjunto de gêneros indexados ao longo de processos socioculturais. Quanto ao que foi supracitado, o ISD se propõe à análise de gêneros textuais²⁴, estando disponíveis no arquitexto, os gêneros são infinitos, pois de cada interação emergem as necessidades e as aplicações.

Esse aspecto, o das necessidades e aplicações, suscita a noção de “nova” escrita que ocorre em ambientes virtuais como uma necessidade dado o contexto de utilização. Uma indagação se faz necessária nesse enquadre: “- A escrita a ser utilizada deveria ter mantido todos os seus aspectos? Qual a relevância disto? A comunicação se efetua, mesmo que sua constituição se dê de outra forma? Essas questões permanecerão em aberto para fins de reflexão. Embora vislumbre a infinitude dos gêneros que co-construídos emergem em um determinado contexto marcado por noções espaço-temporais, o ISD reconhece que há regularidades que podem ser observadas e sistematizadas por se tratar de uma língua natural

²⁴ Ressalta-se que o ISD orienta-se pelas contribuições de Bakhtin (2003) e propõe-se a adaptações das proposições iniciais da visão bakhtiniana sempre que necessário. Observa-se, contudo, que a terminologia adotada pelo ISD, por vezes, mesmo próxima às de Bakhtin, surgem já adaptadas.

dotada de finitos recursos. Ao propor regularidades e sistematizá-las, tal como Bakhtin, o ISD se encaminha à abordagem de tipos de discurso, com a qual este estudo pretende contribuir. A noção de autorregulação mencionada parece ser retomada, pois ao produzirem um texto os interagentes estabelecem uma relação de autorregulação ou auto-organização do conhecimento, a fim de atingirem determinado objetivo comunicacional. Desse ponto de vista, a produção discursiva se dá exclusivamente pela interação social organizada pelas relações estabelecidas entre os interagentes.

O estabelecimento de uma interação gera um mundo coletivo, entendido como mundo discursivo, onde os interagentes compartilham conhecimentos que se auto-organizam ou se bifurcam, isso na perspectiva da Teoria da Complexidade. As características que refletem as representações dos indivíduos são chamadas de mundos discursivos. Os mundos discursivos (estruturação intermediária) evidenciam operações entendidas pelo ISD como psicossociais universais e abstratas, comuns a qualquer produção de linguagem.

A interação (atividade coletiva) só pode ser estabelecida efetivamente por meio dessas operações que permitem acesso a um mundo discursivo. Para o engajamento em um mundo discursivo o interagente ativa formas e conteúdos sociais adquiridos por suas experiências socioculturais anteriores. Essa visão implica a ativação da organização textual quanto à interação em que se está engajado, de outra forma o tipo de discurso não atingiria seu objetivo maior, que é a comunicação. Assim, pode-se dizer que é preciso ativar conhecimentos prévios quanto ao contexto, ao outro sujeito, ao objetivo comunicacional, etc, co-construindo um mundo discursivo prototípico, ou não. A dinamicidade da estruturação da interação propriamente dita, da ativação de conhecimentos anteriores e da construção de um mundo discursivo, por excelência, remete-se à noção de língua como um SAC, onde a instabilidade e a não-linearidade se instauram.

O desafio interacional linguístico está em se engajar com eficácia em um mundo discursivo com infraordenação construída no processo interacional. Todo texto empírico, então, pode ser entendido como processo e não como estado, dado à natureza dinâmica da língua em processo, mesmo sabendo de sua estruturação mais ou menos estável, porém inundado pela heterogeneidade que o constitui. O interagente enquanto produtor, como intitulado pelo ISD, dispendo de seus conhecimentos disporá de representações individuais e sociais que darão forma ao conteúdo temático do texto e à arquitetura da forma textual. Na ótica da Complexidade, o texto, enquanto resultado interacional, por meio do conteúdo e da forma faz com que emerja um tipo de mundo discursivo circunscrito por um determinado tipo

de discurso. Tendo situado o ISD enquanto corrente interacionista-social, apresentam-se os tipos de discurso.

2.3 Tipos de Discurso

As representações relativas ao contexto imediato de interação, conteúdo temático e instâncias de agentividade permitem o acesso a um mundo discursivo localmente construído, dando origem a um texto empírico. Nessa perspectiva, apresentam-se dois subconjuntos, pelos quais os mundos discursivos são representados pela interação dos indivíduos refletindo sua agentividade enquanto produtores de um texto. Esse texto dá forma a um mundo discursivo gerando um determinado tipo de discurso, ou seja, um sistema global (a língua) que se acopla a subsistemas. A diferença entre as noções, a seguir, apresentadas são relevantes a este estudo por permitirem a compreensão de como o interagente se situa em contexto virtual quanto às noções espaço-temporais em relação a seu agir na plataforma de EAD.

É no texto, no caso do *Chat*, por meio de diferentes tipos de discurso (modalidade escrita) que se observam as relações entre contexto de situação e realização do texto, marcas de agentividade e noções espaço-temporais. Segundo o ISD, essas noções estabelecem relação de implicação quanto aos parâmetros marcados por unidades dêiticas ou uma relação de autonomia. Outro aspecto está associado às relações entre contexto imediato de produção e o conteúdo temático (Quadro 1), podendo essas relações estarem marcadas pela relação de conjunção ou disjunção (Quadro 2) ao contexto.

Quadro 1 – Texto e contexto I

<p>Texto = marcas de agentividade + noções espaço temporais = relação de implicação</p> <p>Conteúdo temático em conjunção</p>

Fonte: Adaptado de Bronckart (1999)

Quadro 2 – Texto e contexto II

<p>Texto = sem marcas de agentividade + sem noções espaço temporais = relação de autonomia</p> <p>Conteúdo temático em disjunção</p>
--

Fonte: Adaptado de Bronckart (1999)

Nesse contexto de conjunção ou disjunção, Bronckart (1999) propõe que para a noção de conjunção tem-se a ordem do EXPOR e quanto à noção de disjunção tem-se a ordem do NARRAR. Diante de tais constatações, apresentam-se os quatro mundos postulados pelo teórico, mundos (Quadro 3) esses que constituirão a análise de dados a seguir.

Quadro 3 – Mundos discursivos

Mundo do EXPOR implicado
Mundo do EXPOR autônomo
Mundo do NARRAR implicado
Mundo do NARRAR autônomo

Fonte: Adaptado de Bronckart (1999)

Tendo definido as quatro noções mencionadas concernentes ao plano de operações psicossociais arquetípicas, explicita-se que é por meio da língua que tais operações se concretizam, ou seja, o interagente mobiliza seus conhecimentos e ao ativá-los através da língua gera um texto empírico que permite acesso a um determinado mundo discursivo circunscrito pela noção de implicação ou autonomia. A partir dessa relação, determina-se o tipo de mundo em que o indivíduo se encontra ou narrando ou expondo. Bronckart (1999) aponta para o fato de que os marcadores das operações dão forma ao conteúdo temático, ou seja, constituem o texto, que por sua vez, apresentam determinados segmentos textuais que constituem os mundos. Em relação aos mundos discursivos, Bronckart (1999) estabelece também quatro tipos de discurso associados aos mundos (Quadro 4).

Quadro 4 – Mundos discursivos e tipos de discurso

Mundo do EXPOR implicado – tipo: discurso interativo
Mundo do EXPOR autônomo – tipo: discurso teórico
Mundo do NARRAR implicado – tipo: relato interativo
Mundo do NARRAR autônomo – tipo: narração

Fonte: Adaptado de Bronckart (1999)

No quadro acima, têm-se as noções de implicação ou autonomia associadas ao produtor quanto ao ato de produção e em relação à situação de comunicação, tais noções evidenciam o grau de engajamento do produtor. Como proposto acima, o discurso interativo se constitui pela relação implicação/disjunção e a narração pela relação autonomia/disjunção, ambos os tipos com a presença das marcas espaciais e temporais, enquadram-se na ordem do

narrar. O discurso interativo caracterizado pela relação implicação/disjunção e o discurso teórico caracterizado pela relação autonomia/disjunção, ambos os tipos sem presença das marcas espaciais e temporais, enquadram-se na ordem do expor.

Embora defina os quatro tipos de discurso o ISD reconhece a heterogeneidade da língua como característica primária para admitir que os tipos não são nem de longe estáveis e fixos, concebendo-os também como mistos entre si. Para tanto, Bronckart (1999) propõe a noção de tipos mistos heterogêneos, dada a noção de heterogeneidade apresentada pelos tipos de discurso ao serem analisados em textos empíricos. O autor define como interdiscurso as formas variantes ou de fusão entre tipos. Mais uma vez o ISD reconhece por meio dessa proposição que a língua enquanto sistema se encontra em constante evolução em relação à noção espaço-temporal, na qual o interagente se encontra. Assim, passa-se a teorização dos tipos mais ou menos estáveis chamados de: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

O tipo discurso interativo caracteriza-se pela presença de pronomes, anáforas pronominais, verbos auxiliares, ou seja, apresenta uma elevada densidade verbal e a baixa densidade sintagmática.

O tipo discurso teórico caracteriza-se por ser *a priori* monologado e escrito pela ausência de frases não-declarativas e, ainda, segundo Bronckart (1999) enfatiza que a densidade verbal desse tipo é fraca e apresenta uma densidade sintagmática extremamente elevada.

O relato interativo caracteriza-se a princípio como monologado, desenvolvendo-se na situação de interação (ex.: romance ou peça) e ausência de frases não-declarativas, presença dominante de anáforas pronominais, segundo Bronckart (1999) associadas às anáforas nominais, na forma particular de repetição fiel ao sintagma antecedente. Apresenta também uma densidade verbal próxima a do discurso interativo e com densidade sintagmática baixa.

O tipo narração caracteriza-se, geralmente, por ser escrito e monologado, apresenta frases não-declarativas. Caracteriza-se também pela ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural, presença conjunta de anáforas pronominais e nominais retomando o sintagma antecedente, assim tais características se remetem ao agente produtor do texto empírico ou a seus destinatários. Esse tipo apresenta uma densidade verbal que se situa entre a densidade do discurso interativo e a do discurso teórico, evidencia-se pela média densidade sintagmática.

2.4 O Agir Linguageiro em Ambiente Virtual de EAD

Inicialmente, cabe ressaltar que este estudo visa teorizar especificamente a respeito das interações, em um *Chat*, enquanto situação concreta de agir linguageiro em ambiente virtual de aprendizagem (AVA). A teorização a seguir está calcada em aspectos que foram identificados e analisados de maneira a constituir aspectos teóricos sobre o agir linguageiro como um SAC. A importância é que a análise realizada, neste momento, em excertos retirados do corpus, constituir-se-á como um dos momentos da teorização que será considerada juntamente com as teorias adotadas para a categorização dos dados. Assim a teorização para a análise do corpus dar-se-á em duas etapas, a saber: primeira etapa – a perspectiva global do agir e na segunda etapa – a análise dos tipos de discurso associada aos os movimentos de complexidade, que serão apresentados na seção 2.5 deste capítulo. Na primeira etapa, na medida em que são pontuados determinados aspectos teóricos, exemplos serão trazidos como forma de complementar a perspectiva proposta. A análise de dados apresentada no capítulo 4, na continuidade desta dissertação, propiciará o aprofundamento do corpus. A seguir, apresenta-se a primeira etapa²⁵.

Nessa ótica, o AVA no *Moodle* está entendido como um sistema adaptativo complexo dado a sua constituição como espaço interacional. O AVA comporta diferentes interagentes com diferentes trajetórias, as quais são evidenciadas em suas interações discursivas durante o processo de interacional, em outras palavras, durante a aula institucionalizada pela modalidade EAD. As linhas abaixo extraídas do *Chat* analisado²⁶ evidenciam que as trajetórias anteriores permitiram aos interagentes, a partir dos textos de leitura obrigatória, emitir diferentes assertivas. Embora, os interagentes tivessem lido os mesmos textos para a realização do *Chat*, suas trajetórias (Quadro 5) parecem prevalecer quanto ao tópico em discussão, mesmo podendo ser influenciadas pelo caráter institucionalizado.

Quadro 5 – Trajetórias de vida

(continua)

Linha 98 - 19:07 A2: ainda não faço terapia pois não tenho tempo, mas tenho vontade assim que conseguir...e se eu faria também ainda não sei responder, depende do vínculo e das regulamentações, do sigilo, da situação...

Linha 102 - 19:09 A4: Também nunca fiz terapia, apenas uma sessão com minha família, em terapia familiar, quando eu estava no início do curso. É muito importante conhecer este outro lado, se por do outro lado... *mas*

²⁵ A perspectiva de análise de dados é cumulativa, isso significa que cada etapa constituir-se-á em teorização a ser inserida na etapa seguinte.

²⁶ O *Chat* analisado propunha a leitura prévia de dois textos sobre terapia em contexto virtual visando à participação síncrona no Chat em grupo.

ainda não senti necessidade (até me preocupo com *issoo... heheh,*) acho que é porque ainda não fui para os estágios...

Linha 104 - 19:11 A3: eu faço terapia, acho muito importante no decorrer do curso e se eu faria terapia virtual? ainda não saberia responder.

Linha 110 - 19:12 A1: eu fiz terapia com um terapeuta *holístico*, tratamento com florais, que não são bem aceitos ainda dentro da psicologia, porém me fizeram muito bem, meu terapeuta prefere que as nossas relações sejam pessoais, quando eu me sinto mal marco uma consulta e conversamos, me sinto muito bem com *ele, pois* posso não falar muito e ele me entende, mas virtual não sei se faria, até tentei uma vez por curiosidade, mas não é a mesma coisa.

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação ao agir Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 193, tradução nossa) abordam a importância da compreensão de ação local e estrutura global.

A perspectiva da complexidade permite outra forma de entender o uso da língua e do discurso dentro das instituições sociais, outra forma de entender as conexões entre ação local e estrutura global e outra forma de entender as possibilidades que influenciam incluir uma mudança no sistema. Uma abordagem dos sistemas complexos ao discurso nos exige conectar descobertas empíricas e teorias à psicologia cognitiva, sociolinguística, análise da conversação e pragmática.²⁷

A estrutura global está associada à dimensão macro (previsibilidade – Quadro 6) da plataforma em EAD, já a ação local está associada à dimensão micro (aleatoriedade – Quadro 7) quanto ao agir por meio do discurso co-construído em fluxo. Esta perspectiva concebe que a plataforma *Moodle*, institucionalizada como aula, acopla um *Chat* (como uma de suas partes) que subsequentemente acopla outros subsistemas em uma linha espiral de interações co-construídas ao longo da constituição aula em EAD. É possível depreender as definições acima a partir das linhas abaixo, explicitando as noções de previsibilidade e aleatoriedade quanto à composição de um grupo de interagentes em fluxo de composição.

Quadro 6 – Previsibilidade

Realização concreta do agir linguageiro previsto pelas condições iniciais

Linha 7 - 18:16 A1: vamos ao que interessa? ou temos que esperar mais alguém?

Fonte: Elaborado pelo autor

²⁷ *The complexity perspective enables another way of understanding language use and discourse within social institutions, another way of understanding the connections between local action and global structure, and another way of understanding possibilities for including change in the system. A complex system approach to discourse requires us to connect psychology, sociolinguistics, conversation analysis, and pragmatics (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 193).*

Quadro 7 – Aleatoriedade

Adaptação às aleatoriedades
Linha 14 - 18:19 A4: Podemos esperar mais alguns minutinhos, se concordarem, a A5 logo chega, imagino... <i>qualquer</i> coisa vamos iniciando aos poucos...
Linha 23 - 18:27 A1: por mim podemos começar
Linha 24 - 18:28 A4: Acho que sim... depois vamos deixando ela a par...
Linha 148 - 19:31 A3: gurias, minha filha acordou, vou ter que dar uma saída, estou sozinha em casa
Linha 153- 19:32 A4: Sim, vá cuidar de seu <i>baby</i> ... vamos inserir a A5 no que conversamos até aqui...
Linha 155- 19:33 A4: Oi A5 !! Bem Vinda!! Já iniciamos as discussões, mas vamos te passar nossas discussões, queremos sua opinião...

Fonte: Elaborado pelo autor

As autoras Larsen-Freeman e Cameron (2008) inferem que os padrões linguísticos surgem a partir do uso interativo da língua feito pelos interagentes, adaptando-se uns aos outros. Sob a ótica da sala de aula de línguas as autoras (2008, p.198, tradução nossa) reforçam tal noção associada ao agir: “Qualquer ação no ensino e aprendizagem de língua está atrelada a uma rede de conexões a sistemas múltiplos que podem influenciá-la e constrangê-la; compreender as ações da sala de aula requer que essas ações sejam desveladas”.²⁸

Uma disciplina em EAD, por sua vez, se constitui como propiciadora de uma formação de grupo complexo, pois comporta interagentes distintos e, em alguns casos, de diferentes áreas do conhecimento. Esse aspecto faz com que conhecimentos de áreas diversas possam ser acoplados ou não, dependo da atitude de cada interagente. A formação diversificada pode gerar ações coletivas que podem causar a emergência do sistema da atividade síncrona *Chat* como parte da aula. Ressalta-se um aspecto importante no que tange a diversidade interna de um sistema, retomando a noção de que os sistemas se constituem por semelhança e não por total diversidade/aleatoriedade sistêmica.

As atividades propostas na plataforma *Moodle* são dispostas no *layout* da disciplina gradativamente, oferecendo assim a perspectiva de percurso percorrido e aberto a possíveis adaptações, se necessário for. Esse caráter evidencia também a noção de que um SAC apresenta um comportamento que parece totalmente aleatório, mas, na verdade, é antecipadamente determinístico. O caráter determinístico implica que a disciplina tenha um plano pedagógico a ser seguido e que, portanto deve ser respeitado, embora podendo ser adaptado frente às condições

²⁸ Any action in language teaching and learning is tied into this web of connections to multiple systems which can influence and constrain it; understanding classroom action requires those connections to be uncovered (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 198)

iniciais dos discentes. As linhas abaixo evidenciam o agir que previamente fora esperado para a realização do *Chat*, os interagentes evidenciam aspectos associados à atividade em fluxo (Quadro 8), assim como se auto-organizam para cumprir outra atividade associada em uma perspectiva de rede ao *Chat* que estava em processo.

Quadro 8 – Atividade em fluxo

<p>Linha 16 - 18:24 A4: Acho que a A5 não recebeu o último email.. será?</p> <p>Linha 17 - 18:26 A1: <i>pode ser ela esteja</i> achando que nosso encontro será só <i>as</i> 19:30</p>
<p>Linha 30 - 18:31 A4: Apenas após <i>as</i> 19:30, mas a atividade de hoje é aqui mesmo..</p>
<p>Linha 165 - 19:36 A5: Olha só estou com uma <i>duvida</i>, a respeito deste trabalho, temos que fazer as <i>discussões</i> e temos que entregar um texto de 25 linhas é isso correto??</p>
<p>Linha 216 - 20:03 A2: concordo A4 acho que podemos finalizar nossos textos individuais a partir de nossa riquíssima <i>discussão...achei</i> muito bom muito obrigada meninas pelo acolhimento dos pensamentos...</p> <p>Linha 217 - 20:04 A5: A4 como vai funcionar, pois o que eu estava olhando no <i>moodle</i> temos que fazer um power point</p> <p>Linha 218 - 20:05 A4: verdade, estou observando isto... vamos nos comunicando por <i>email!!</i></p> <p>Linha 219 - 20:05 A4: não entendi muito bem...</p> <p>Linha 220 - 20:06 A5: Pois é só fiz o texto de 25 linhas.Mais agora <i>nao</i> sei aonde postar no <i>moodle!!!</i></p> <p>Linha 221 - 20:06 A2: isso mesmo li agora</p> <p>Linha 222 - 20:06 A2: entendi mais ou menos</p> <p>Linha 223- 20:07 A2: mas é para a aula presencial da semana que vem</p> <p>Linha 221- 20:07 A2: vamos manter contato vai sair um trabalho bem legal...</p> <p>Linha 222- 20:07 A2: só temos que nos <i>organizar...mas</i> vejo que nossa organização foi boa!</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Os interagentes inseridos em uma disciplina partem das mesmas condições iniciais (cronograma da disciplina) que visam o aprimoramento de seus saberes e seguem em direção ao domínio de certo campo científico. Assim, pode-se inferir que embora distintos uns dos outros, a meta desses interagentes, inicialmente, é a mesma (ordem global), fazendo com que saberes emergjam de suas práticas situadas. As interações realizadas por esses ocorrerem em diferentes espaços (fórum, diário, memorial), não apenas no *Chat*, muito embora o *Chat* seja o único espaço síncrono de co-construção de conhecimento. Esse aspecto pode ser notado nas linhas ilustradas anteriormente. Decorrente do uso de espaços interacionais podem emergir novas práticas discursivas e a utilização de recursos externos à plataforma (exemplo:

Messenger – MSN- email) remetendo o agir à não-linearidade, exemplo da linha 218 apresentada no Quadro 8. Uma interação no *Chat*, por exemplo, pode desencadear de forma imprevisível uma mudança parcial ou total quanto ao que está sendo discutido pelo interagentes.

Quanto ao caráter aberto do sistema complexo, aponta-se a realização de tarefas via e-mail particular e não especificamente o email do interagente oferecido pela plataforma. A não-linearidade caracteriza o agir descentralizado do professor, pois o contexto de EAD visa à colaboração e à autonomia interacional. Na perspectiva adotada, a constituição do *Chat* realizado não previa a participação do professor durante o processo. Nesse contexto, a não-linearidade também caracteriza o acesso à plataforma que não ocorre de forma regular, o que pode causar períodos de não compreensão das atividades propostas durante o período de ingresso posterior a uma postagem de atividade. No caso da interagente A5 (Quadro 9), por exemplo, observou-se que seu agir linguageiro estava bifurcado e impregnado de incertezas em relação às atividades, como se pode notar nas linhas abaixo, uma vez que esse interagente apresentou um baixo nível interacional quando comparado aos demais.

Quadro 9 – Agir linguageiro bifurcado

Linha 217- 20:06 A5: Pois é só fiz o texto de 25 linhas. *Mais agora nao sei aonde postar no moodle!!!*

Linha 241- 20:09 A5: Então mandamos para vc **A4** o nosso texto que fizemos??

Linha 252- 20:11 A5: Sim isso eu entendi **A4**. *Mais nao temos que enviar para ela*

Fonte: Elaborado pelo autor

Em algumas vezes, as combinações síncronas realizadas no *Chat*, momento em que a constituição de grupos parece efetivar e problematizar as atividades, permitem que os interagentes interajam de maneira a se auxiliarem; quanto à auto-organização da distribuição de tarefas individuais para a realização de uma atividade em grupo. Ausentar-se, em outras palavras, pode causar não apenas um baixo fluxo interacional, mas o não domínio do que está paralelamente ocorrendo ao que está disponibilizado como atividade no *layout* da disciplina. A realização de atividades no *Chat* transparece características que se constituíram internamente, a partir da interação com outros interagentes e não apenas a partir do insumo dado pelo professor. Nem sempre a realização de uma tarefa caracteriza-se pelas orientações fornecidas pelo professor, como previsto pelas condições iniciais, mas sim pela adoção de formas internas de um saber-fazer que fora estabelecido durante o processo interacional. Essas formas internas surgem no contato síncrono onde os interagentes se orientam discursivamente

visando à organização de seu agir (partes x todo), pois a não utilização da ferramenta síncrona pode tornar superficial a noção de comunidade ou de uma disciplina integrada, dado o limitado contato com o grupo. Nas linhas a seguir, nota-se que dois interagentes se manifestam quanto à importância de ter realizado a atividade em grupo (Quadro 10) visando à continuação de outra atividade embasada pela discussão no *Chat*.

Quadro 10 – Atividade em grupo

<p>Linha 226 - 20:07 A1: bom também quero agradecer meninas, consegui pensar muito mais podendo dividir com vcs</p> <p>Linha 227 - 20:07 A4: sim.. acho que devemos compilar os assuntos que debatemos hoje a noite!! Nosso trabalho ficará muito bom!! Estamos bem encaminhadas!!</p> <p>Linha 228 - 20:07 A5: Concordo Com vc A1</p> <p>Linha 229 - 20:08 A4: Também agradeço a todas vocês... foi maravilhoso!! Como é enriquecedor termos estes momentos... vamos conversando por email para construir a atividade da semana que vem!!</p> <p>Linha 230 - 20:08 A1: ok</p> <p>Linha 231 - 20:08 A4: Vou postar nossa conversa agora mesmo, ok??</p>
<p>Linha 259 - 20:11 A2: mas A1 o professor pediu que <i>salvassemos</i> e <i>enviassemos</i></p> <p>Linha 260 - 20:11 A4: A5, o teu texto debes postar no <i>ítem</i> 9...</p>
<p>Linha 266 - 20:12 A5: <i>Colocação</i> no local errado <i>eram</i> para ter colocado no item 10</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Essa condição de auto-organização não totalmente aleatória gera o caráter adaptabilidade a fim de que como em qualquer outro SACs possam estabilizar ou desestabilizar suas práticas coletivas (ordem global) e individuais (ordem individual). No que se refere ao interagir coletivo e sua influência em nível individual Larsen-Freeman e Cameron (2008, p.162, tradução nossa) ressaltam:

A conexão entre os níveis das organizações humanas e sociais implica que a ação individual está conectada a todo o grupo que influencia o indivíduo, dos padrões engajados na conversa à comunidade falante global e todos os grupos socioculturais envolvidos.²⁹

De acordo com a proposta, deste estudo, que visa compreender como os tipos de discurso são orientadores do agir linguageiro, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p.219,

²⁹ “Connection across levels of human and social organization implies that individually action is connected into all group that influence the individual, from the patterns engaged in the talk, to the global speech community and all sociocultural groups in between” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p.162).

tradução nossa) afirmam: “Para explicar a natureza dos padrões, precisamos investigar a natureza das experiências que os produziram”.³⁰ A partir dessa constatação, pode-se inferir que as experiências desenvolvem práticas coletivas situadas por determinadas representações imbricadas em três sistemas chamados de mundos formais ou representados. A concepção de práticas coletivas passa a imbricar um comportamento indubitavelmente emergente que evidencia seus traços por meio de variáveis coletivas, como afirma Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 61, tradução nossa):

Quando duas pessoas conversam juntas, ou quando uma turma de estudantes e o professor interagem, o discurso destes pode ser melhor descrito por variáveis coletivas do que individuais [...] A variável coletiva oferece uma forma de descrever as relações entre os elementos em um sistema complexo: ela condensa os graus de liberdade do sistema; e seu traço revela pontos de emergência e auto-organização ao longo do tempo.³¹

Neste estudo as variáveis coletivas estão observadas na medida em que estabelecem determinadas relações sociais e sociodiscursivas entre os interagentes inseridos em um *Chat*. Tais variáveis estão descritas como estabilizadoras do agir linguageiro evidenciando possíveis bifurcações durante o processo interacional discursivo. Nesse tocante, as interações estabelecidas na cibercultura, por vezes, são compreendidas como constitutivas, unicamente, de um mundo virtualmente situado. Embora os aspectos do mundo subjetivo, mundo objetivo e social (postulados no ISD) construídos no mundo não virtual podem ser concomitantes ou mesmo anteceder a constituição desse interagente ao meio virtual (ex: este foi o caso em que um interagente pede licença para ausentar-se do *Chat* porque precisava cuidar de sua filha). Isso significa dizer que o interagente já possui uma trajetória de experiências anteriores a seu ingresso à cibercultura, manifestando a noção de um subsistema se adaptando a outro.

Essa noção de mundos se situa no tema da EAD por meio das múltiplas relações que o ciberespaço possibilita. Esse é o caso de alguns interagentes, embora sendo alunos de uma disciplina de EAD, não são usuários da *internet*. Desconhecendo valores que orientam o agir linguageiro nessa situação, os interagentes podem constituir seu agir por práticas oriundas da cultura impressa, ação que é possivelmente adaptada nas interações em práticas discursivas do mundo ordinário. Sendo assim, os interagentes quase sempre estão livres para navegar na

³⁰ “To explain the nature of the patterns, we need to investigate the nature of the experiences that produced them” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p.219).

³¹ “When two people talk together, or when a class of students and teacher interact, their discourse might be better described by collective rather than individual variables. [...] The collective variable offers a way of describing the relations among elements in a complex system: it condenses the degrees of freedom of the system: and its trace over time reveals points of emergence and self-organization” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 61).

rede, mas acabam, por meios dessas práticas de navegação, constituindo espaços que resultam em mundos virtuais subjetivos, sociais e objetivos.

Os mundos formais e representados quando constituídos pelo meio virtual permitem ao interagente acesso às práticas discursivas em modalidades escritas e orais. Landow (2001), referindo-se a afirmação anterior menciona a “escrita eletrônica” que se pensada enquanto ação emergente em relação ao seu meio permitirá que se perceba que não se trata de uma nova linguagem, mas sim de uma adaptabilidade linguística. Pontua-se, contudo que houve prevalência do uso da linguagem formal, embora, devido ao contexto *Chat* os interagentes tenham utilizado *netspeak* (skaoskoaksokaos – linha 167; hehehe – linha 169; q – linha 263; blz – linha 262; bjoooooooo – linha 269) e *emoticons* (:D – linha 265; \o/ bjoooooooo – linha 269; o/ - linha 270). Observa-se que a utilização de *emoticons* graficamente construídos exigia um conhecimento prévio de sua construção, todavia como as interações, em geral, manifestaram de maneira a problematizar o tema em caráter científico. Os interagentes, aparentemente, não encontraram quadros interacionais, onde o uso de *emoticons* fosse coerente.

É preciso conceber as práticas oriundas do virtual a partir de sua constituição e aplicabilidade a esse contexto e não o estabelecimento de contrastes que tentem explicar tais ações frente às noções do meio presencial. Neste estudo, como já mencionado, investiga-se tais práticas no âmbito educacional em EAD, mas, ressalta-se, contudo, que os âmbitos sociais e profissionais estão intrinsecamente instaurados no interagente e em suas manifestações discursivas e perceptivas, quanto à sua conduta em práticas coletivas. O contexto em EAD, a partir das coordenadas de um agir humano constituído como linguagem, através do *Chat*, conceituado na esfera sociocultural da educação e dentro de uma situação de comunicação que é a aula em EAD, possibilita uma linguagem híbrida entre a modalidade oral, escrita e imagética dadas as características tecnológicas do *Chat*.

As ações languageiras instauradas em ambientes virtuais de EAD se caracterizam por evidenciar uma regulação dinâmica e instável entre os participantes quanto ao seu uso, assegurando-lhes a regulação de um agir coletivo que emerge por meio do contexto de práticas, ora em conjunção ora em disjunção. O interagente ao ingressar nesse contexto, é portador de práticas oriundas do contexto face a face e se depara com um contexto onde precisa se adaptar de maneira a se apropriar de condutas e valores situados no virtual. O que emerge das interações entre aluno-professor, aluno-aluno e, assim por diante, são textos empiricamente constituídos pelas condições de produção de uma língua. O ISD define os textos oriundos de ações languageiras como unidades comunicativas globais (BRONCKART,

2008) cuja instância das composições se origina da interação entre indivíduos em uma noção espaço-temporal.

O caráter aberto, dinâmico e adaptativo da noção de textos é enfatizado pela teoria, sendo esses, socialmente indexados, ou seja, (BRONCKART, 2008, p.113) “reconhecidos como pertinentes e/ou adaptados a uma determinada situação comunicativa”. A partir dos excertos que serão apresentados observaram-se diferentes tipos de discurso (Quadro 11) como propostos pelo ISD. As linhas abaixo evidenciam dois tipos, observa-se que os tipos de discurso teórico e narração não foram identificados, como apresentado na seção 2.3 Tipos de Discurso.

Quadro 11 – Tipos de discurso

Discurso: tipo relato interativo
Linha 26 - 18:30 A4: Bem, nossa proposta de discussão é de fato um tema bastante instigante na Psicologia... foi uma das nossa discussões da aula de Ética hoje pela manhã, onde eu e a A2 podemos conversar a respeito, junto ao professor N.
Discurso: tipo relato interativo-teórico
Linha 60 - 18:43 A4: Realmente, é complicado discorrer sobre isto, pois não sabemos as consequências positivas e negativas... mas há algo muito importante: A DEMANDA SOCIAL. Hoje a internet é instrumento intrínseco na vida de todas as pessoas, e os pacientes estão habituados com a mesma... então, pensa-se ser uma maneira diferenciada de atendimento - até mesmo atendimento criativo e que conforme citado pelo FILÓSOFO FRANCÊS PIERRE LÈVI, "tempo-espaço zero", ou seja, a informação pode estar em todo o lugar e em todo o momento, e para as terapias, podemos nos valer desta teoria para dizer... atendimento em qualquer hora e em qualquer lugar,... é a acessibilidade!!

Fonte: Elaborado pelo autor

Tendo apontado os aspectos associados aos tipos de discurso em contexto virtual, apresentam-se as contribuições de Bulea (2010) ao referir-se ao estatuto das dimensões praxiológicas do agir humano, compreendendo tais dimensões, a partir da natureza da relação entre processos. A noção de processos é percebida como oriunda de outros que constituem a gnosiologia ou, segundo a autora, no funcionamento de processos de pensamento. A tomada de consciência por meio do estatuto das dimensões praxiológicas é efetuada por meio da linguagem, sendo por meio dos enunciados e/ou textos que o interagente pode evidenciar características desenvolvimentais em relação as suas atividades.

Referindo-se à linguagem ao compreender as dimensões praxiológicas e gnosiológicas como indissolúveis ao agir humano em processos de formação desenvolvimentais, Bulea (2010, p.42) reconhece o caráter dinâmico e adaptativo da linguagem.

Essa característica da linguagem, de associar em seu seio uma dimensão de atividade, ou de dinamicidade, e uma dimensão de conhecimentos ou de flexibilidade, parece-nos ser precisamente a propriedade em virtude da qual pode, como efeito e em permanência, desempenhar o papel de mediadora entre a atividade geral e os conhecimentos humanos e, por isso, desempenhar um papel transformador ou desenvolvimental.

O papel transformador da linguagem, proposto pela autora, remeter-se-á à proposição deste estudo ao agir em um ambiente tecnologicamente marcado por elementos sinestésicos e propiciadores de um agir em permanente mutabilidade, dado seu meio de práticas sociais. O envolvimento em práticas sociais abarca o entendimento de aquisição de conhecimento e desenvolvimento nas atividades mais simples, mas não menos complexas quanto aos protocolos sociais que emanam, no caso deste estudo, do ciberespaço, ou seja, da cibercultura de maneira mais geral.

No que tange a essa noção, Bulea (2010) refere-se a Saussure, quanto ao fato de os fenômenos languageiros estarem em absoluta continuidade. Assim, entende-se que a dinâmica da linguagem não está compreendida como uma cópia de outra dinâmica, no caso, a linguagem no contexto virtual não se apresenta como uma cópia do contexto não-virtual. Isso estabelece o caráter dinâmico e adaptativo da língua em relação semiótica às condutas humanas. Essa dinâmica estabelece um padrão de rede que em meio à aleatoriedade se vincula às condições iniciais.

Dessa maneira, ao serem produzidos e influenciados pelo seu contexto de práticas, inseridos em uma determinada comunidade discursiva, os textos passam a ser concebidos como prototípicos, ou seja, apresentam características quanto à estrutura composicional e ao estilo que os caracterizam como pertencentes a um determinado tipo de texto. É por meio desse equilíbrio interacional prototípico que os processos surgem em maior ou menor escala se direcionando a emergência de uma dada prática interacional linguisticamente identificada.

Leva-se em consideração que no contexto virtual os interagentes, por se desconhecerem presencialmente, tendem a buscar um interlocutor e um contexto interacional o mais prototípico possível, permitindo a ambos um estado o mais equilibrado possível. Visando o aprofundamento do que foi teorizado, apresenta-se a proposta de movimentos de complexidade identificados por meio das interações em contexto virtual.

2.5 Movimentos de Complexidade

A proposta de definir e identificar movimentos de complexidade, enquanto segunda etapa da análise de dados se origina da compreensão de que por se tratar de uma adoção teórica recente no campo da Linguística Aplicada, a Teoria da Complexidade necessita ser aprofundada nessa área do conhecimento. Os estudos linguísticos com a perspectiva mencionada e adotada nesta dissertação, em geral, utilizam-se dessa basicamente em suas bases epistemológicas. Todavia, acredita-se que uma aproximação coerente dessa teoria e terminologia, como realizada neste estudo, possa assegurar sua aplicação em estudos futuros na mesma perspectiva. Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 254, tradução nossa) manifestam seu entendimento quanto ao que foi dito acima: “Para se tornar mais do que uma metáfora, a Teoria da Complexidade precisa convencer linguistas aplicados de sua relevância e potencial para o campo”.³².

A importância de uma abordagem embasada na complexidade também é mencionada por Leffa (2009), uma vez que tem despertado o interesse de professores da área de aprendizagem de línguas, principalmente estrangeiras, por considerarem as abordagens tradicionais como reducionistas quanto ao desenvolvimento de uma língua. Embora o autor se refira à aprendizagem de línguas, sua afirmação afilia-se a abordagem epistemológica desta dissertação.

A potencialidade maior de uma abordagem embasada na complexidade está nessa penetrabilidade dos sistemas abertos, que são sensíveis às condições iniciais que os geram quanto às condições externas que acompanham seu desenvolvimento. Os sistemas complexos são frágeis e fortes ao mesmo tempo: frágeis porque são vulneráveis ao que está ao seu redor, não oferecendo nenhuma resistência a qualquer tentativa de invasão; fortes porque se alimentam e crescem das próprias substâncias que o invadem. (LEFFA, 2009. p. 28).

A língua desempenha um papel constitutivo no desenvolvimento humano por meio das interações sociais desempenhadas pelos indivíduos, em processos de aquisição, estruturação, organização e evolução linguística. Vetromille-Castro (2007) em seus estudos abarca o conceito de ambientes virtuais inseridos na cibercultura, enquanto sistemas complexos, afirmando que a interação social sistêmica e o benefício recíproco em uma relação colaborativa em ambiente virtual são os elementos constitutivos desse espaço interacional, levando em consideração que tal espaço só é mantido a partir de interações

³² “To become more than a metaphor, complexity theory needs to convince applied linguistics of its relevance and potential for the Field” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 254).

sistêmicas propiciadoras de aprendizagem. Pensando no contexto interacional, neste estudo, o ambiente de ensino-aprendizagem, tanto para o aluno, quanto para o professor, não é um contexto estável, mas um local de possibilidades de surgimento de práticas situadas que instauram ações emergentes, complexificando o processo de ensino e aprendizagem. A relação contexto de práticas e as ações praticadas pelos interagentes são os geradores de um movimento de auto-organização, que no caso dessa pesquisa é institucionalizado.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) estabelecem um panorama sobre os temas mais abordados no campo linguístico como: discurso, interlíngua, aquisição de primeira língua, aprendizagem de segunda língua, mencionando diversos autores, dentre esses Chomsky, Saussure, Bakhtin - compreendendo a língua/interação em uma visão sistêmica, ou seja, enquanto sistema complexo adaptativo dado seu caráter evolutivo. No que concerne às afirmações, pode-se considerar que tanto a língua quanto a cultura de uma determinada comunidade discursiva são sistemas adaptativos complexos e dinâmicos e suas práticas não podem ser concebidas senão por meio da inerente dinamicidade e constante adaptação ao meio.

Em uma perspectiva sociocognitivista Larsen-Freeman e Cameron (2008) proveem a interpretação de que a língua estaria associada à ação e a interação à participação, possibilitando meios semióticos de desempenho e participação em atividades do mundo real. Sendo assim, pode-se entender o conhecimento enquanto resultado de processos interacionais, ou seja, o estabelecimento de processos dinâmicos entre o indivíduo e o meio. O desenvolvimento linguístico, enquanto aprendizagem, na perspectiva da Teoria da Complexidade observa o desenvolvimento do indivíduo, tendo por base suas condições iniciais, ou seja, entende o desenvolvimento enquanto processo dinâmico e adaptativo.

A aprendizagem não é a apropriação das formas linguísticas por parte dos aprendizes, mas a constante adaptação de seus recursos linguísticos a serviço de um fazer-sentido em resposta aos potenciais que emergem das situações de comunicação, que é, por sua vez, afetado pela adaptabilidade dos aprendizes (LARSEN-FREEMAN; CAMERON 2008, p. 135, tradução nossa).³³

Uma vez tendo alinhado a perspectiva da Teoria da Complexidade aos estudos linguísticos, a partir do ISD e entendendo a língua como um sistema complexo dinâmico, optou-se por meio das contribuições teórico-metodológicas propor a análise das interações coletadas a partir de quatro tipos de movimentos, apresentados a seguir. Ressalta, contudo

³³ “*Learning is not the taking in of linguistic forms by learners, but the constant adaptation of their linguistic resources in the service of meaning-making in response to the affordances that emerge in the communicative situation, which is, in turn, affected by learners’ adaptability*” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON 2008, p. 135).

que essa proposta está situada, nesta dissertação, antes da análise de dados por ser um construto teórico estabelecido pela observação do pesquisador quanto aos dados. Sendo assim, excertos serão apresentados posteriormente a este capítulo. Justifica-se essa decisão pelo fato de conceber que não há objetividade total do agir do pesquisador quanto aos dados coletados. Tais observações iniciais já apontavam para o que será chamado de tendências de constituição de sentido nas interações de um *Chat*, possíveis de serem reafirmadas nas demais interações. Chamar-se-ão essas tendências de movimentos de complexidade, como supracitado. Nota-se que a não compreensão dessa decisão seria uma contradição epistemológica à perspectiva teórica adotada.

Dessa forma, entende-se que a apresentação dos movimentos propostos complementa a análise dos excertos, como primeira etapa de análise. As noções elencadas estão implicadas na epistemologia da Teoria da Complexidade, considera-se sua especificidade em contexto virtual de EAD, assim os movimentos propostos têm caráter de não esgotamento diante da incompletude inicial dessa abordagem teórica no campo da Linguística Aplicada. A constituição do próprio espaço virtual, por excelência, apresenta características que o permitem ser concebido como um SAC. Por meio da ideia de movimentos, apontam-se noções de atrelamento às condições iniciais (estar em aula de EAD inserido em uma plataforma educacional com um cronograma da disciplina a ser desenvolvido) que evidenciem: dinamicidade interacional em que se incluem os efeitos de não-interação, não-linearidade, adaptação e comportamento emergente. Compreende-se, também, que a presença dos tipos de não imbricamento dos agentes não significa ausência de interação, mas efeitos de não interação, dados pelas estratégias possíveis dos tipos de discursos. Sendo esses, compreendidos a partir das noções basilares da teoria adotada e identificados nos tipos de discurso. Ressalta-se, então, que os movimentos (Quadro 12) foram propostos pelo pesquisador, a partir de uma ótica linguística.

Quadro 12 – Movimento de complexidade

<p>Movimento 1: Dinamicidade discursiva entre interagentes</p> <p>Movimento 2: Não-linearidade interacional</p> <p>Movimento 3: Adaptação de agentividade (espaço- tempo)</p> <p>Movimento 4: Comportamento emergente</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

A seguir, apresentam-se as noções acerca de cada movimento, associadas às análises e registros do pesquisador quanto ao fazer da pesquisa.

2.5.1 Movimento 1 – Dinamicidade Discursiva entre Interagentes

O movimento de dinamicidade discursiva entre interagentes se caracteriza por evidenciar a dinamicidade do agir linguageiro por meio das interações escritas, apontando a forma como os interagentes, enquanto sistemas individuais buscam maneiras de realizar o acoplamento de seu agir em relação aos demais sistemas e subsistemas, apresentando a dinâmica da constituição do grupo. Essa característica propicia a perspectiva discursiva em que cada interagente precisa discursivamente se engajar de forma a que seu discurso, ou seja, o agir linguageiro, situe-se ao nível das práticas de atividade de linguagem que estão em fluxo. Em alguns casos, pode-se perceber que é preciso ingressar no *Chat*, observar o que está em fluxo e, a partir dessa atitude, aguardar o momento apropriado para se engajar coerentemente.

No que diz respeito a engajar discursivamente, observa-se que ao longo do fluxo do *Chat*, tipos de discurso com características distintas são manifestados. Do início ao fim do *Chat* foram identificados e analisados tipos de discurso que possibilitaram a proposta de mudanças de fase³⁴. A partir daí são propostos movimentos de complexidade. Nas situações mais formais observam-se tipos de discursos que ao passar por uma mudança de fase rumam a um estado discursivo de maior ou menor grau de coloquialidade. Apresentar-se-á a seguir quatro fases do agir linguageiro na perspectiva dos SACs, sendo estas:

a) Mudança Interacional de Fase 1 - Interagentes em interações de manutenção - condições iniciais: a estruturação inicial do *Chat* visando a organização da atividade discursiva coletiva (Quadro 13).

Quadro 13 – Mudança Interacional de Fase 1

Linha 7- 18:16 A1: vamos ao que interessa?*ou* temos que esperar mais alguém?

Linha 8- 18:17 A2: Olá A1

Linha 9- 18:17 A3: estamos esperando todas chegarem...

Linha 10- 18:17 A2: ainda está faltando o A5

Linha 11- 18:18 A4: Oi A1, bem *vindaa!!*

Linha 12- 18:18 A1: *ta* sem problemas gurias

Fonte: Elaborado pelo autor

³⁴ Entende-se por mudança de fase a transição de um estado de complexidade para outro, a partir da relação de tipos de discurso. A categorização destas fases serão chamados de movimentos.

b) Mudança Interacional de Fase 2 – Interagentes em interações de construção de conhecimento: a utilização de tipos de discurso que se diferem da primeira fase e permanecem em um nível mais complexo quando comparado às interações anteriores, no que se refere às estruturas linguísticas mais elaboradas (organização das informações, recursos gramaticais, grafia e caráter formal do pensamento) (Quadro 14).

Quadro 14 – Mudança Interacional de Fase 2

Linha 79- 18:53 A2: sim talvez não tenha nada a ver, mas cheguei a pensar na psicossomática. Agora voltamos a convocar a psicologia a dar conta de uma antiga cisão entre corpo e mente, entre concreto e psicológico, entre realidade e verdade. Quais os limites e possibilidades do nosso saber?

Linha 80- 18:54 A3: e o conselho tem a mesma opinião sobre o acompanhamento psicológico por telefone

Linha 81- 18:55 A1: acho *q* tudo é *adaptavel* e modificável, porém penso *q* não adianta nada *vc* ter acesso e fazer mal uso daquilo *q* lhe é oferecido

Linha 82- 18:56 A2: e é por isso que eu digo nos baseamos muito diferenciando da psicoterapia que estamos acostumadas, por isso precisamos de mais discussões de mais argumentos, subsídios. *é* uma caminhada longa como disse a **A4** e de muitos cuidados

Linha 83- 18:56 A4: Muito bacana a relação com a Psicossomática! Não há dúvidas, *é* a manifestação do corpo que sintomatiza, registra o sofrimento...

Fonte: Elaborado pelo autor

c) Mudança Interacional de Fase 3 – Interagentes em adaptação sistêmica - Autonomia e auto-organização: a manifestação de auto-organização não orientada pelo professor, constituída pela interação (Quadro 15).

Quadro 15 – Mudança Interacional de Fase 3

Linha 140- 19:28 A4: Quantas discussões... REALMENTE INFINDÁVEIS!!

Linha 141- 19:29: A1 entrou no Chat

Linha 142- 19:30: A5 entrou no Chat

Linha 143- 19:30 A5: oi

Linha 144- 19:30: A1 abandonou este Chat

Linha 145- 19:30: A1 entrou no Chat

Linha 146- 19:31 A1: oi **A5**

Linha 147- 19:31 A5: Oi

Linha 148- 19:31 A3: gurias, minha filha acordou, vou ter que dar uma saída, estou sozinha em casa.

Linha 149- 19:31 A5: *Sera* que *está* só nós

Fonte: Elaborado pelo autor

d) Mudança Interacional de Fase 4 – Interagentes em fase conclusiva – Emergência: perspectiva interacional em nível mais complexo, uma vez que por se tratar de uma visão sistêmica do agir, pode-se perceber as manifestações de emergência quando ao se organizarem para um nível seguinte, em relação à próxima atividade. Esta fase está entendida como complexa por exigir experiências vividas nas co-construções teóricas decorrentes do *Chat* em processo (Quadro 16).

Quadro 16 – Mudança Interacional de Fase 4

Linha 243- 20:09 A4: sim!! Agorinha;... de qualquer modo, salvem uma versão nos pc de vcs, para garantir, ok??

Linha 244- 20:09 A5: Então mandamos para vc **A4** o nosso texto que fizemos??

Linha 245- 20:10 A2: qualquer coisa *acisa*

Linha 246- 20:10 A4: Não... o texto cada uma posta o seu!!!

Linha 247- 20:10 A5: para assim poder fazer o trabalho da *proxima* semana

Linha 248- 20:10 A5: mais aonde?

Linha 249- 20:10 A2: não **A5** a **A4** ira copiar nossa discussão no Chat e enviar

Linha 250- 20:10 A4: Vou postar o Chat... o que conversamos hoje a *noitee*!! O texto é produção individual, entendes?

Linha 251- 20:10 A5: Isso eu entendi **A2**

Linha 252- 20:10 A4: SALVEM UMA VERSÃO!!

Linha 253- 20:10 A2: ali no item 9 **A5** tem

Linha 254- 20:10 A1: mas fica salvo já o Chat no *moodle*

Linha 255- 20:11 A5: Sim isso eu entendi **A4**.*Mais nao* temos que enviar para ela

Linha 256- 20:11 A1: todos os Chats são gravados gurias

Linha 257- 20:11 A2: pode deixar **A4**

Linha 258- 20:11 A2: qualquer coisa avisa

Linha 259- 20:11 A2: mas **A1** o professor pediu que *salvassemos* e *enviassemos*

Linha 260- 20:11 A4: **A5**, o teu texto debes postar no *ítem* 9...

Linha 261- 20:12 A5: Ok achei!!

Linha 262- 20:12 A4: *blz!!*

Fonte: Elaborado pelo autor

Tendo em vista a perspectiva do todo em relação às partes, considerou-se pertinente vislumbrar uma compreensão do agir linguageiro estruturado em caráter macro e

microestrutural. Nessa ótica, propõem-se dois níveis de dinamicidade interacional quanto ao *Chat*, sendo esses de nível macroestrutural e microestrutural.

2.5.1.1 Dinamicidade Discursiva entre Interagentes em Nível Macroestrutural

O nível macroestrutural concebe a dinamicidade enquanto formação de um “grupo” de indivíduos interagindo durante um determinado período de tempo contínuo e identificável. No que se refere a esse movimento, surgiu o seguinte questionamento: “Quando realmente há momentos de um processo de formação de grupos ativos?”. A experiência evidenciou que os processos interacionais significativos, ou de interações de construção do conhecimento, ocorrem quando há formação de um “grupo” mesmo que em um curto espaço de tempo, corroborado pela atitude colaborativa emergente dos agires linguageiros dos interagentes. Assim, pode-se notar que a formação de grupo se dá quando os interagentes se dispõem a compor a atividade conversacional em fluxo, integrando-a e formando assim um subsistema em relação ao sistema maior que seria o próprio *Chat*. No quadro ilustrativo apresentado abaixo, o agir indicado apresenta um encadeamento entre interagentes. A identificação “A” refere-se ao interagente aluno e o número a seguir quanto à numeração crescente de interagentes, sendo aqui A1, A2, A3 e A4 como forma de identificação (aspectos a serem apresentados na metodologia).

O quadro abaixo evidencia um momento em que os interagentes interagiram de forma “proporcional” ao número de interagentes presentes no *Chat*, produzindo uma prática de grupo. A sequência A4, A1, A3, A2 indica a manifestação discursiva dos agentes de maneira a evidenciar que não houve um “anular-se” quanto ao tópico que estava sendo discutido. Dessa forma, a interação analisada aponta um agir ativo. A seguir, apresentar-se-á o quadro 17.

Quadro 17 – Dinamicidade nível macroestrutural

Linha 38 - 18:32 A4: Os textos propostos, das reportagens, foram bastante pertinentes, já tinha ouvido falar sobre esta questão, mas ainda é um tema *mutu* novo na psicologia. Alguém já tinha ouvido falar?

Linha 39 - 18:33 A1: já havia visto na internet alguns terapeutas virtuais

Linha 40 - 18:33 A3: Já sim, conheço uma pessoa que faz atendimento via e-mail

Linha 41 - 18:34 A2: bem durante a semana ao ler os textos estava com dificuldade de obter a resposta tão objetiva como ser contra ou a favor, pois aliás é uma discussão nova para nós estudantes, por isso como disse a A4 achei importante saber a opinião do professor N. e buscar um pouco mais...

Fonte: Elaborado pelo autor

2.5.1.2 Dinamicidade Discursiva entre Interagentes em Nível Microestrutural

O nível microestrutural caracteriza-se como uma bifurcação do agir, entendido como um efeito de não homogeneização em relação à totalidade do grupo. Em outras palavras, nem todos os interagentes estão interagindo em torno da mesma proposição. E isso não caracteriza, segundo a Teoria da Complexidade, esse agir linguageiro, como um aspecto negativo na perspectiva dos possíveis efeitos sobre a aprendizagem. No quadro 18 é possível perceber o encadeamento entre A2 e A4 ao aspecto dinâmico-discursivo, enquanto que A1 apresenta um agir passivo ao tópico discutido e manifesta-se, eventualmente, ao longo da discussão, embora o excerto não evidencie tanto isso, pois apresentá-lo de forma expandida se tornou inviável para fins ilustrativos. O comportamento passivo de A1 faz com que A2 e A4 interajam, a fim de suprir a baixa participação discursiva desse interagente. Nota-se, também, que abruptamente A1 abandona o Chat, embora não se possa observar nesse excerto, mas sim no todo do quadro, A1 retorna depois de um longo período e, sem justificar-se quanto a sua ausência, tenta retornar à discussão. As contribuições de A1 parecem se apoiar em aspectos mais gerais da discussão, o que não demonstra seu aprofundamento quanto ao texto inicialmente proposto. A interação apresentada no quadro abaixo entre os interagentes tem como objetivo evidenciar a baixa participação de A1, assim como os demais participantes não parecem sustentar suas interações. Pode-se perceber que nesse excerto A3 e A5 não estão presentes.

Quadro 18 – Dinamicidade nível microestrutural

<p>Linha 132 - 19:24 A2: talvez na única oportunidade da criança <i>estar podendo</i> criar, inventar, conhecer brinquedos de madeira, podendo se sujar de argila?por enquanto acho isso essencial</p> <p>Linha 133 - 19:25 A4: VERDADE!! Pois é necessário avaliar alguns <i>ítems</i>, tais como a CAPACIDADE COGNITIVA para tal prática..</p> <p>Linha 134 - 19:26 A2: com certeza...</p> <p>Linha 135 - 19:26 A1: é acho q a <i>maios</i> parte das crianças hoje em dia não brincam com coisas q a gente brincava muito pela falta de tempo q elas tem, q os pais tem, acabam perdendo muito</p> <p>Linha 136 - 19:27 A1: o tempo hoje é muito curto pra tudo</p> <p>Linha 137 - 19:28 A2: ainda não vejo outra saída no momento para a terapia infantil, acho que ficar faltando algo muito importante</p> <p>Linha 138 - 19:28: A1 abandonou este Chat</p> <p>Linha 139 - 19:28 A4: sim... e não seria a terapia virtual também uma modalidade de usufruir do tempo de forma mais <i>eficáz</i>, ou <i>nãoo</i>?</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

2.5.2 Movimento 2 – Não-Linearidade Interacional

O movimento de Não-linearidade interacional evidencia os modos como os interagentes se estabelecem por meio do agir linguageiro. Essa é uma das características elementares dos sistemas complexos e aponta para ações, reações e comportamentos que se tornam bifurcados ao longo do processo interacional. O agir quando bifurcado implica noções comportamentais próximas ao que se esperava inicialmente ou totalmente diferentes quando ao agir do indivíduo, portanto, esse movimento visa identificar traços que se caracterizem como indícios de um comportamento bifurcado. No que diz respeito a esse aspecto, retoma-se a afirmação, outrora mencionada de que os resultados de um comportamento que digam respeito ao agir humano podem ser negativos, neutros ou positivos. Essa concepção retoma as noções entrópicas de conservação e transformação da energia em troca com seu meio. A presença da não-linearidade na relação conversacional do *Chat* não pressupõe a ausência de linearidade. Na perspectiva do pensamento complexo, afirmar a total linearidade do agir seria considerar o desenvolvimento como limitado, pois a não-linearidade vai ao encontro de novos horizontes no que implica aprender sob novas condições, tendo por base as condições inicialmente possibilitadas ao interagente. As linhas abaixo manifestam a não-linearização do agir linguageiro de A2, A3 e A4, que optam por ficar em dois espaços ao mesmo tempo. Isso significa ficar no *Chat* principal da disciplina que visava orientar os interagentes a comporem seus grupos para a realização da atividade solicitada, caso esses não o tivessem feito no *Chat* em grupo, previamente, organizado durante a sessão de *Chat* anterior.

Diante disso, o caráter descentralizado (Quadro 19) quanto ao estar e participar de forma bifurcada pode acarretar em processos interacionais que se acoplam em forma de subsistemas. Ainda nessa ótica, nota-se que apenas três interagentes, por já constituírem o grupo do *Chat* em maior número manifestam tal decisão. Os demais, A1 e A5 não estavam presentes e tal decisão, posteriormente, não é questionada na presença desses.

Quadro 19 – O agir descentralizado

Linha 27- 18:30 A2: nós vamos entrar no *cht* principal

Linha 28- 18:30 A2: ?

Linha 29- 18:31 A3: acho que sim

Linha 30- 18:31 A4: Apenas após as 19:30, mas a atividade de hoje é aqui mesmo..

Linha 31- 18:31 A2: é pq é as 19 que começa...

Linha 32- 18:31 A4: podemos ficar com os 2 Chat abertos, para participar...

Fonte: Elaborado pelo autor

2.5.3 Movimento 3 – Adaptação de Agentividade (Espaço-Tempo)

O movimento de adaptação espaço-temporal trata da adaptação do interagente ao contexto e está encadeado aos movimentos de dinamicidade e não-linearidade. Assim, pretende-se identificar as características interacionais discursivas que sustentariam tal noção. Obviamente, esse movimento será observado como um fractal quanto ao todo do desenvolvimento do indivíduo e, além disso, diz respeito aos processos discursivos de inclusão e exclusão nas interações. Refere-se aos aspectos de ordem e desordem de um agir bifurcado. O objetivo não é constituir um estudo semântico, mas considerar o caráter linguístico dos tipos de discursos, através de anáforas e dêixis que constituem as possibilidades interacionais e teóricas. A densidade verbal elevada e a inclusão e/ou exclusão foram identificadas na dimensão macroestrutural. Nesse movimento se incluiu a noção de adaptação quanto à interatividade, que é a relação dos participantes com os recursos tecnológicos oferecidos pela plataforma *Moodle*.

As linhas apresentadas abaixo evidenciam o caráter tecnológico (Quadro 20) inerente à plataforma em EAD, quanto aos termos entrar e abandonar como referentes a não-linearidade do agir em contexto virtual. Repentinamente A1 se ausenta da interação em fluxo, retornando sem prestar nenhuma justificativa após algum tempo e fazendo com que o grupo se readapte ao fluxo conversacional. Contudo, nota-se que na fase de construção de conhecimento os interagentes se engajados, como observado, neste estudo, tendem a não abandonar o *Chat*, embora por questões de ordem técnico-operacional isso possa acontecer.

Quadro 20 – O caráter tecnológico do agir

Linha 138- 19:28: A1 abandonou este Chat

Linha 139- 19:28 A4: sim... e não seria a terapia virtual também uma modalidade de usufruir do tempo de forma mais *eficáz*, ou *nãoo*?

Linha 140- 19:28 A4: Quantas discussões... REALMENTE INFINDÁVEIS!!

Linha 141- 19:29: A1 entrou no Chat

Linha 142- 19:30: A5 entrou no Chat

Linha 143- 19:30 A5: oi

Linha 144- 19:30: A1 abandonou este Chat

Linha 145- 19:30: A1 entrou no Chat

Linha 146- 19:31 A1: oi A5

Linha 147- 19:31 A5: Oi

As linhas abaixo manifestam o indício mais alto de não-linearidade, pois mais de um interagente precisa ser readaptado ao fluxo interacional discursivo, apresentando aleatoriedade e imprevisibilidade como características nucleares desse bloco interacional, no que diz respeito à constituição do todo do *Chat*. As partes, ou seja, os interagentes se manifestam bifurcadamente (Quadro 21) estão realizando mais de uma ação simultaneamente.

Quadro 21 – O agir bifurcado

Linha 152- 19:31: P entrou no Chat

Linha 153- 19:32 A4: Sim, vá cuidar de seu *baby*... vamos inserir a **A5** no que conversamos até aqui...

Linha 154- 19:32: A3 abandonou este Chat

Linha 155- 19:33 A4: Oi **A5**!! Bem Vinda!! Já iniciamos as discussões, mas vamos te passar nossas discussões, queremos sua opinião...

Linha 156- 19:33 P: Olá Pessoal! Parabenido o grupo pela organização (constituição do grupo)! qualquer dúvida estarei no Chat Principal!*Boa discussão!!!!!!*

Linha 157- 19:33 A1: capaz **A2** nestas tuas *ultimas* palavras eu concordo plenamente com a professora

Linha 158- 19:33 A4: **A2**, acho *muutooo* bacana os links que trazes para a discussão! Isto é essencial!!

Linha 159- 19:33 A5: Ok

Linha 160- 19:34 A4: Obrigada Professor! Vamos seguir discutindo, se puderes, fique conosco!!

Linha 161- 19:34: P abandonou este Chat

Fonte: Elaborado pelo autor

2.5.4 Movimento 4 – Comportamento Emergente

O movimento de comportamento emergente compreende a interdependência entre os demais movimentos mencionados e que assim o que emerge das interação são novas formas, elementos adaptados ou comportamentos emergentes. O comportamento emergente é imprevisível só podendo ser, se existente, observado ao longo do processo, sendo sua manifestação, enquanto comportamento e produção, empiricamente identificável. Na relação com os demais movimentos, propõe-se que, quanto mais bifurcação mais desenvolvimento, que significa mais possibilidade de aprendizagem. Como emergente que é esse comportamento não pode ser nem controlado nem previsto. No que tange esse movimento, apresenta-se o agir do interagente A4 em uma perspectiva global, entendendo-o como emergente por meio das ações languageiras que evidencia ao longo do *Chat*. Tal constatação parte da característica desse interagente em relação ao demais, sendo esse autônomo, colaborativo (Quadro 22) e, acima de tudo, mantendo a entropia linear e não-linear do grupo como efeito principal. O interagente mencionado adapta seu agir languageiro conforme o

protocolo de cada fase co-construída durante a realização da atividade discursiva. O tipo de discurso utilizado pelo interagente é adaptado de acordo o agir linguageiro manifestado pelos demais, embora se mantenha focado em um tipo relato-interativo teórico. Observa-se um caráter de destaque enquanto perspectiva sistêmica do agir de A4 do início ao fim da atividade, o que pode ser visualizado pelas linhas extraídas do *Chat*.

Quadro 22 – Agir linguageiro colaborativo

Linha 14- 18:19 A4: Podemos esperar mais alguns minutinhos, se concordarem, a **A5** logo chega, imagino... *qualquer* coisa vamos iniciando aos poucos...

Linha 24- 18:28 A4: Acho que sim... depois vamos deixando ela a par...

Linha 57- 18:40 A4: **A1**, respondendo sua questão.. **A2**, me ajude... vamos tentar passar para as meninas...

Linha 116- 19:15 A4: Como fazer terapia INFANTIL na modalidade *on line*?

Linha 136- 19:28 A4: sim... e não seria a terapia virtual também uma modalidade de usufruir do tempo de forma mais *eficáz*, ou *nãoo*?

Linha 153- 19:32 A4: Sim, vá cuidar de seu *baby*... vamos inserir a **A5** no que conversamos até aqui...

Linha 155- 19:33 A4: Oi **A5**!! Bem Vinda!! Já iniciamos as discussões, mas vamos te passar nossas discussões, queremos sua opinião...

Linha 175- 19:38 A4: Vamos pessoal, quero *chetes*...[chutes]

Linha 186- 19:45 A4: O que lhe chamou a atenção?

Linha 214- 20:02 A4: Alguém tem mais algo a dizer, para pensarmos juntas?

Linha 218- 20:05 A4: verdade, estou observando isto... vamos nos comunicando por *email*!!

Linha 229- 20:08 A4: Também agradeço a todas vocês... foi maravilhoso!! Como é enriquecedor termos estes momentos... vamos conversando por email para construir a atividade da semana que vem!!

Linha 243- 20:09 A4: sim!! Agorinha;... de qualquer modo, salvem uma versão nos pc de *vcs*, para garantir, ok??

Fonte: Elaborado pelo autor

Diante da perspectiva apresentada, adotar-se-á as definições de: a) interações de manutenção e b) interações de construção de conhecimento teorizadas, a partir do contexto virtual, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011). Sendo as interações de manutenção aquelas que visam manter o laço social, sem ampliar a relação estabelecida. Por sua vez, as interações de construção de conhecimento são aquelas que visam construir laços para criar determinada conexão e aprofundar a relação. Esta definição será adotada juntamente com os tipos de discurso. Ressalta-se que os movimentos propostos pelo autor desta dissertação serão norteadores no que diz respeito à segunda etapa da análise de dados, a partir da continuidade do diálogo com as teorias adotadas.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentar-se-á o caráter metodológico da pesquisa, tendo em vista que seu principal aspecto consiste em tomar decisões sobre o reconhecimento das ações linguageiras constitutivas do contexto aula em EAD, linguisticamente reconhecível. Por uma decisão de caráter operacional da pesquisa, optou-se pela identificação dos tipos de discurso (Quadro 11) e, posteriormente, pela análise da coordenação das ações sociais constituídas nesses discursos e interpretados na perspectiva da Teoria da Complexidade, a fim de cumprir os objetivos propostos. Diante dessa abordagem, o aspecto teórico do ISD (tipos de discurso) será abordado dentro da metodologia de pesquisa. Neste capítulo, também, apresentar-se-ão os itens relacionados ao cunho qualitativo desta dissertação, tais como a pesquisa qualitativa, a coleta de dados e o contexto de pesquisa.

3.1 Pesquisa Qualitativa

Esta é uma pesquisa empírica de cunho qualitativo (SILVERMAN, 2000), no que se refere à identificação e análise dos tipos de discurso constitutivos das interações decorrentes de um *Chat* educacional. Relacionado ao cunho qualitativo descritivo desta pesquisa, entende-se que a descrição qualitativa dos dados oriundos de relações co-construídas quanto ao agir manifestado possibilita que a partir dos dados possam ser gerados construtos teóricos.

As pesquisas acerca de caráter interacional em EAD, em geral, apresentam o caráter quantitativo das interações, conduzindo-as a um nível investigativo técnico-operacional; então a opção pelo caráter qualitativo, justifica-se pela necessidade de observar e descrever o agir socialmente construído. No que diz respeito à participação do pesquisador enquanto professor da disciplina em EAD, de onde os dados que foram coletados, apresentam-se de antemão a compreensão de tal atitude quanto ao caráter da objetividade no campo das ciências sociais. Considera-se que os dados coletados não foram contaminados de forma direta, pois o agir linguageiro do *Chat* analisado foi co-construído ao longo da atividade de discursiva sem a orientação *in loco* do professor-pesquisador. De todo modo, esta pesquisa afilia-se ao que inferem Larsen-Freeman e Cameron (2008) quanto ao que diz respeito ao fato de que não importa o quanto o pesquisador tente total objetividade, esta nunca pode ser alcançada, pois um sistema complexo inclui o pesquisador e a relação com seus dados ou participantes da pesquisa.

Goldenberg (2001, p.45) infere que “o contexto de pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa”. Embora a autora afirme que o objeto de estudo deva ser entendido como não inventado, como afirmado acima, como não totalmente contaminado.

De acordo com Morin (2008) por meio da perspectiva da Teoria da Complexidade, pode-se identificar níveis, escalas, ângulos, níveis de organização que qualitativamente são identificáveis a partir do olhar do pesquisador. Ressalta-se um aspecto relevante diante da fundamentação teórica adotada (MORIN, 2008) de que das análises realizadas não estão *a priori* organizadas pela teoria, mas sim evidenciadas por diferentes níveis de organização que emergem de determinadas qualidades e características das interações coletadas. Segundo Morin (2008. p.161), “conhecer é produzir uma tradução das realidades do mundo exterior, então “somos co-produtores de objetividade. Nesse ponto entende-se que a emergência do sistema enquanto produto de uma organização social humana pode aparecer, neste estudo, tanto no nível global quanto no nível dos subsistemas. Infere-se, então que o pensamento complexo e fenomenológico traz a este estudo uma perspectiva qualitativa do agir e desenvolver-se por meio de ações sociais discursivas, estabelecidas de maneira dinâmica, complexa e adaptativa em situações de construção de conhecimento.

3.2 Coleta de Dados e Contexto de Pesquisa

A coleta de dados desta dissertação, inicialmente é oriunda de quatro *Chats* de uma disciplina de graduação em EAD intitulada *Oficina de Textos – Leitura e Escrita*, oferecida no Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na modalidade EAD semipresencial¹, sendo todos os alunos adultos e, em geral, estudantes do Curso de Psicologia, estabelecendo um caráter interdisciplinar. O pesquisador, como supracitado, atuou como professor nesta disciplina com a finalidade de realizar seu estágio em docência, durante o período de cinco semanas. Para tal atuação o pesquisador foi submetido a uma oficina de formação no setor de Educação Continuada da universidade, para atuar em contexto de EAD. A proposta de realização de *Chats* estava organizada em grupos de cinco interagentes em cada *Chat*, visando à problematização dos aspectos de dois textos acerca do tema terapia em ambiente virtual, como outrora mencionado.

¹ A disciplina semipresencial oferecida pela instituição está estruturada em 20 aulas, sendo essas realizadas em 5 encontros presenciais e 15 não-presenciais (virtuais).

A constituição do corpus, para efeito de pesquisa, deu-se mediante a gravação da sequência de sessões de quatro *Chats* no ambiente *Moodle*, sendo apenas um *Chat* utilizado (critério aleatório mediante sorteio). Essa opção pela adoção de apenas um *Chat* justifica-se pelo caráter sistêmico adotado, entendendo que comportamentos observáveis podem ocorrer em apenas um *Chat* de forma fractalizada. Dessa forma, entende-se que o agir fractalizado, pode evidenciar sua complexidade em períodos curtos ou longos, porém de maneira imprevisível. Assim, uma atitude investigativa associada à recorrência de um comportamento em específico, não pareceu necessária em relação à observação do que se pretendia.

O *Chat* selecionado teve duração de duas horas e cinco minutos e foi composto por um total de 274 linhas, sendo essas 258 interações discursivas e 16 registros automatizados (8 entradas e 8 saídas) pelo *Chat*. Para o corpus da pesquisa que envolve a dissertação, as identidades dos participantes, por questões éticas, foram preservadas. Utilizou-se a letra A, referindo-se ao interagente Aluno e, ao lado, um número identificatório e P referindo-se ao Professor. A fim de manter claro o posicionamento interacional dos participantes o então *Chat* analisado foi composto por seis interagentes identificados como: A1, A2, A3, A4, A5 e P.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados para a análise investigativa, foram realizadas adaptações para a apresentação dos excertos, visando à descrição e análise dos dados. Não foram realizadas entrevistas ou questionários. Para a teorização do corpus foi utilizado para fins operacionais de análise o procedimento de identificação de segmentos discursivos expressos em tipos de discursos, tais como teorizados por Bronckart (1999) (Quadro 11) os quais permitiram constituir o corpus, que está apresentado na perspectiva dos quadros 1, 2, 3 e 4 e movimentos de complexidade (Quadro 12) como um construto teórico-metodológico desta dissertação.

Os excertos apresentados na análise de dados estão organizados da forma como Bronckart (2008) propõe a análise de uma atividade discursiva, ou seja, por meio da análise de dois tipos de segmentos: *segmentos de orientação temática* (SOT) e *segmentos de tratamento temático* (STT). O SOT diz respeito aos segmentos responsáveis pela introdução, apresentação ou lançamento de um tema. O STT refere-se aos segmentos de resposta ou que permita a sequência do que foi dito por outro interagente quanto ao tema abordado. Esse segmento trata do aprofundamento da temática e não apenas sua referenciação. Para esta pesquisa considerou-se o SOT com a finalidade de orientar o recorte feito pelo pesquisador quanto à divisão dos excertos. Desse modo, no capítulo a seguir, os *Chats* estão divididos em introdução ao *Chat*, apresentação do tema e, em seguida a manifestação do STT.

4 ANÁLISE DE DADOS

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados no capítulo 2, apresenta-se, neste capítulo, a análise de dados, visando descrever e compreender as interações enquanto tipos de discurso a partir das contribuições do ISD, da Teoria da Complexidade e dos movimentos de complexidade. Apresenta-se o corpus que permitiu a análise de dados de um *Chat* integral, com duração extensa de duas horas e cinco minutos, como citado no capítulo 3. Ressalta-se que no cronograma da disciplina da qual o *Chat* analisado foi extraído, a atividade de discussão foi proposta com um horário de início, mas não de término. Assim os aspectos duração e extensão das interações foram entendidos de antemão, diz-se, sob a ótica das teorias adotadas, como um agir complexo pontuado, nesse aspecto pela imprevisibilidade e indeterminação. A atividade não tinha como expectativa a presença do professor, a fim de que o grupo realizasse a atividade de forma autônoma.

Os dados coletados, no que diz respeito às interações discursivas do *Chat*, foram organizados visando os fins de análise desta pesquisa. O *Chat* em sua forma original pode ser consultado no item Anexos (Anexo A), sem alteração alguma, manifestando o caráter empírico dos dados coletados. Visando a análise das interações, optou-se por destacar por meio do recurso escrita em itálico (*I*) aspectos como apontados por Crystal (2005): variantes da norma culta em língua portuguesa, abreviações, excesso de pontuação gráfica, expressões de sentimentos (*smiles, emoticons*), erros ortográficos, falta de espaçamento entre palavras, ausência ou excesso de acentuação gráfica e estrangeirismos.

A escrita em letra maiúscula (CRYSTAL, 2004), no ciberespaço, também chamada de em “caixa alta” representa o falar em voz alta ou no mínimo destacar o que está sendo dito. Evidencia-se que, embora haja a presença de variações da escrita em norma culta, os participantes apresentaram, em geral, uma escrita atenta e semelhante às características composicionais da escrita de norma culta em suporte impresso. Estes aspectos embora característicos da escrita em ambientes virtuais, tal como no *Chat*, não foram objetos de análise.

A proposta da atividade de *Chat* em grupo (CRYSTAL, 2005, p. 83) se deu por compreender que os *Chats* semanais, também intitulados Tira-Dúvidas não apresentavam interações entendidas como complexas e propiciadoras de momentos significativos de construção de conhecimento, mas sim interações de manutenção (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) quanto ao agir na plataforma de maneira a situar o interagente quanto às atividades a serem realizadas. As interações de construção de conhecimento estão entendidas

como aquelas que contribuem para a caracterização do que nesta dissertação entende-se por complexas. A seguir apresenta-se o Excerto 1 e, em seguida, sua análise.

4.1 Excerto 1 – Fase de Interações de Manutenção

Linha 1 - 18:12 A4: entrou no Chat

Linha 2 - 18:13 A2: entrou no Chat

Linha 3 - 18:14 A3: entrou no Chat

Linha 4 - 18:14 A1: entrou no Chat

Linha 5 - 18:15 A1: oi gurias, desculpem a demora mas o *transito de porto alegre* está um caos

Linha 6 - 18:16 A1: e minha internet tinha sido *bloquEADa*

Linha 7 - 18:16 A1: vamos ao que interessa?*ou* temos que esperar mais alguém?

Linha 8 - 18:17 A2: Olá A1

Linha 9 - 18:17 A3: estamos esperando todas chegarem...

Linha 10 - 18:17 A2: ainda está faltando o

Linha 11 - 18:18 A4: Oi A1, bem *vindaa!!*

Linha 12 - 18:18 A1: *ta* sem problemas gurias

Linha 13 - 18:18 A1: obrigada A4

Linha 14 - 18:19 A4: Podemos esperar mais alguns minutinhos, se concordarem, a A5 logo chega, imagino... *quaalquer* coisa vamos iniciando aos poucos...

Linha 15 - 18:20 A2: ok, também acho

Linha 16 - 18:24 A4: Acho que a A5 não recebeu o último email.. será?

Linha 17 - 18:26 A1: *pode ser ela esteja* achando que nosso encontro será só *as* 19:30

Linha 18 - 18:26 A2: a resposta de vocês acho que não

Linha 19 - 18:26 A2: mas o meu sim

Linha 20 - 18:26 A2: pois ela respondeu para todas

Linha 21 - 18:27 A2: querem começar

Linha 22 - 18:27 A2: ?

Linha 23 - 18:27 A1: por mim podemos começar

Linha 24 - 18:28 A4: Acho que sim... depois vamos deixando ela a par...

Linha 25 - 18:28 A3: bom, por mim também

Linha 26 - 18:30 A4: Bem, nossa proposta de discussão é de fato um tema bastante instigante na Psicologia... foi uma das nossa discussões da aula de Ética hoje pela manhã, onde eu e a A2 podemos conversar a respeito, junto ao professor N.

Linha 27 - 18:30 A2: nós vamos entrar no *cht* principal

Linha 28 - 18:30 A2: ?

Linha 29 - 18:31 A3: acho que sim

Linha 30 - 18:31 A4: Apenas após as 19:30, mas a atividade de hoje é aqui mesmo..

Linha 31 - 18:31 A2: é pq é as 19 que começa...

Linha 32 - 18:31 A4: podemos ficar com os 2 Chats abertos, para participar...

Linha 33 - 18:31 A3: isso

Linha 34 - 18:31 A4: vamos lá...

Linha 35 - 18:31 A2: sim acho que podemos ficar por aqui... que é o mais importante...

Linha 36 - 18:31 A2: vamos lá então

No excerto 1 pode-se perceber a apresentação dos interagentes, sendo entendida como o início de uma situação comunicacional sistêmica, na qual é necessário haver um nível coerente de integração a fim de iniciar uma determinada atividade coletiva, nesta situação, um *Chat em Grupo*. Na expectativa de situarem-se quanto a quem está presente os interagentes buscam por meio dos cumprimentos iniciais, identificar se há algum membro do grupo ausente. Ao perceber que ingressou por último no contexto interacional, após três interagentes, A1 justifica-se (linhas 5, 6, 7) quanto a seu atrasado e, imediatamente, tenta conduzir o grupo ao início da atividade. Porém, os demais interagentes manifestam a necessidade de ainda não dar início à atividade.

No que tange a noção de auto-organização, segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), esta pode surgir partir dos interagentes em nível individual (linha 7), entre pares (linha 14, 15) ou de maneira coletiva (linhas 21, 22, 23, 24, 25), uma vez que cada nível é parte do todo interacional. Ao perceberem que o contexto interacional discursivo demanda certa organização (linha 7, 14, 17, 30, 35), os interagentes buscam verificar se no coletivo estão todos prontos ou não, pois na aula anterior, haviam feito combinações em relação a quem e quando participariam do *Chat*. Neste estudo, denominou-se tal agir como Mudança Interacional de Fase 1, referindo-se aos interagentes em fase interacional, em que as interações (linhas 1-36) de manutenção (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) estão atreladas às condições iniciais da disciplina (linha 30, 32, 35), ou seja, atender a demanda em um espaço de construção de saberes.

Então, por meio das linhas 1-36, pode-se notar um agir coletivo, visando à organização do contexto aula em EAD, *Chat*. Nestas linhas, evidencia-se que há um contrato conversacional co-construído de forma a encontrar o momento apropriado para iniciar a atividade, tendo em vista que a finalidade da atividade visava à problematização de dois

artigos acerca do tema a ser discutido. Ao situarem-se quanto à relação tempo-espaço atrelado à atividade discursiva, o agir coletivo é, inicialmente, manifestado em caráter descentralizado a uma figura hierarquicamente superior, neste caso, a do professor ou tutor.

A auto-organização manifestada faz com que o aspecto autonomia emerja deste quadro interacional, partindo para a interação, uma vez que o professor não estava presente e cabia aos participantes se organizarem para a atividade. Contudo, ressalta-se que se um interagente iniciasse a atividade, teorizando a cerca do tema, sem que no coletivo fosse manifestada a necessidade de aguardar os demais, outro caráter composicional teria emergido. Tal perspectiva justifica a aleatoriedade e a imprevisibilidade do agir linguageiro em situações de interação. Nas linhas 5, 6, 9, 17, há aspectos como: a) o atraso externo ao agir interno à plataforma; b) a conexão do serviço de Internet como fator operacional; c) a necessidade de aguardar a chegada dos participantes atrasados quanto ao horário proposto para o *Chat*; e d) a não compreensão prévia das atividades propostas; sendo estes aspectos entendidos como elementos constitutivos dos SACs em um agir não-linearizado em caráter de imprevisibilidade à proposta prevista no cronograma.

Estes aspectos alteram as condições iniciais previstas para a realização da atividade, não podendo ser previstos de antemão pelo professor e, desta forma, alteraram a constituição do *Chat* enquanto espaço de aprendizagem em EAD. Levar em consideração o fator alteração das condições iniciais, não necessariamente pode ser compreendido como características comportamentais de não-interação ou de baixo aproveitamento, mas como condições iniciais que acabam por determinar o caráter não controlável *a priori*, pelo professor. Posto isso, destacam-se que tais comportamentos de nível mais baixo¹, mas não menos complexos propiciam comportamentos complexos.

Os interagentes estão entendidos como sistemas que se organizam pelo agir linguageiro associado aos fatores internos e externos ao *Chat*. Os interagentes apresentam marcas de agentividade (linhas 6, 9, 14, 15, 19, 23, 27, 32 – minha, estamos, podemos, imagino, acho, meus mim, nós, podemos) que predominam no texto e estabelecem uma relação de implicação ao mundo discursivo a partir do conteúdo que está em conjunção a tais coordenadas do agir. As interações apresentam elevada densidade verbal caracterizadas pela incidência de pronomes e formas verbais no presente. A presença deste tempo verbal evidencia a relação em conjunção estabelecida pelos interagentes que se situam em um espaço-temporal do meio físico em que se encontram, assim como no contexto virtual. Os

¹ O uso do termo nível mais baixo significa menor grau de complexidade, muito embora faça parte do movimento de complexidade.

interagentes, desta forma, manifestam um duplo agir, ou seja, o do meio físico em que estão e do meio virtual em que podem habitar ou anularem-se a respeito de suas interações por meio do discurso. Como mencionado no capítulo 3, e proposto como segunda etapa de análise passa-se a análise dos movimentos de complexidade propostos como primeira etapa de análise. Neste primeiro excerto, apresenta-se o Movimento 1 - Dinamicidade Discursiva entre interagentes. No nível macroestrutural, nota-se o encadeamento da dinamicidade discursiva coletiva por meio da decisão de aguardar o interagente ausente, tendo esta sido consolidada e implicando na aceitação do coletivo. Embora decididos a aguardar, os interagentes percebem que o interagente aguardado não entra no *Chat*, então decidem iniciar, mesmo na ausência de tal interagente. Esta decisão manifestada pelo grupo é constituída pelos interagentes, pois não fora mencionado nada a respeito de como deveriam agir.

Esta concepção em nível macroestrutural a partir do excerto está concebida sob uma ótica fractalista² em relação aos demais excertos, por ser parte do todo composicional do chat observado. Este excerto ilustra que, embora em contexto virtual de EAD, os interagentes não infringem determinados protocolos interacionais. Então, ao apresentarem-se com o intuito de visualizar em que tipo de interação com o outro estão se inserindo, estes co-constroem uma fase de interrelações que antecede o objetivo central da atividade. Essa fase evidencia que não poderiam começar a problematização dos textos lidos sem terem identificado onde, como e com quem estavam interagindo dado a ausência do caráter físico e visual em EAD.

No nível microestrutural, pode-se dizer que devido ao recurso tecnológico, a plataforma, enquanto software informa quem ingressa e quem abandona o espaço interacional, situando o grupo quanto às ações realizadas pelos interagentes. Este aspecto faz com que os interagentes, às vezes, durante as interações partam direto ao assunto em questão, embora a ausência de saudações iniciais não tenha eliminado o tom de cordialidade e o estabelecimento de relações que caracterizam as falas, pelo acolhimento das contribuições entre interagentes.

Ainda, no nível microestrutural, as interações apresentam-se encadeadas à medida que há um *feedback* interacional na relação interacional e manifestada atitude discursiva do outro quanto àquilo que é posto em pauta para a discussão. O agir linguageiro, por sua vez, caracteriza-se por estar dirigido ao outro pela terceira pessoa do plural (linhas 5, 7, 9, 14 - vamos, podemos, estamos, desculpem, concordarem, etc.), possibilitando assim que o interagente dirija-se ao grupo e não necessariamente àquele que põe algo em voga e se inclua

² Entende-se, segundo Gleick (1994), que a ótica fractalista abarca o todo estrutural, sendo esta a abordagem de um recorte do processo, entendendo que, nesta perspectiva, uma ramificação ou comportamento bifurcado pode evidenciar aspectos geradores de alterações sistêmicas em escala menor ou maior. Ressalta-se, contudo, que um fractal não pode revelar o todo estrutural, mas sim processos decorrentes das condições iniciais deste.

na situação de interação. O movimento 2 – Não-linearidade interacional apresenta o caráter de imprevisibilidade das situações enfrentadas pelo grupo e a forma como os participantes reagem. A ausência de um interagente bifurca o funcionamento da atividade, inicialmente, entendida como linear ou de nível mais baixo, dadas as condições iniciais, passa a não-linear, fazendo com que os demais participantes se reorganizem, em uma atitude pró-ativa.

A não-linearidade está associada aos fatores que invadem o sistema como já mencionado. O movimento 3 - Adaptação de agentividade (espaço-tempo) está manifestado pela decisão de aguardar “mais um pouco” a fim de iniciar a atividade proposta (linhas 7, 9, 10, 14). A adaptação sugere que uma vez situada a relação do interagente com seu contexto físico este se situe em relação a seu agir em contexto virtual por meio da adaptação espaço-temporal. A adaptação permite que este se centre em seu agir no virtual e possa, neste momento, engajar-se de forma produtiva.

O movimento 4 – Comportamento Emergente está, neste recorte, compreendido como a decisão de iniciar a atividade na intenção de dar conta da demanda processual oriunda das condições iniciais impostas pela disciplina. O comportamento emergente (linhas 24, 25, 26) é manifestado pelos quatro interagentes em relação à atitude autônoma de reorganizar/adaptar o grupo para suprir uma “deficiência” causada pela ausência de um interagente. Na linha 26 há uma tentativa de mudança de fase do tipo de discurso interativo em direção ao tipo relato misto interativo-teórico, embora esta não chegue a se concretizar, por não ter sido sustentada pelas interações posteriores, que manifestam ainda como necessidade interações de manutenção e não de construção do conhecimento. Já nas linhas 34 e 35 tem-se a evidente manifestação de “agora estamos prontos”, para tanto no excerto, a seguir, pode-se notar a partir da primeira interação na linha 37 o início de uma nova fase interacional de construção do conhecimento em fluxo.

Resumo das características identificadas
<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos de complexidade 1, 2, 3, e 4 <p>Constituídos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de implicação ao mundo discursivo. • Discurso: Tipo relato interativo. • Interações de manutenção ou primárias

- Movimentos de complexidade 1, 2, 3, e 4

Constituídos por:

- Relação de implicação ao mundo discursivo.
- Discurso: Tipo relato interativo.
- Interações de manutenção ou primárias

4.2 Excerto 2 – Fase de Interações de Construção de Conhecimento

Linha 37 - 18:32 A4: Sobre terapias Virtuais...

Linha 38 - 18:32 A4: Os textos propostos, das reportagens, foram bastante pertinentes, já tinha ouvido falar sobre esta questão, mas ainda é um tema *mutu* novo na psicologia. Alguém já tinha ouvido falar?

Linha 39 - 18:33 A1: já havia visto na internet alguns terapeutas virtuais

Linha 40 - 18:33 A3: Já sim, conheço uma pessoa que faz atendimento via e-mail

Linha 41 - 18:34 A2: bem durante a semana ao ler os textos estava com dificuldade de obter a resposta tão objetiva como ser contra ou a favor, pois aliás é uma discussão nova para nós estudantes, por isso como disse a A4 achei importante saber a opinião do professor N. e buscar um pouco mais...

Linha 42 - 18:34 A3: moram em cidades diferentes

Linha 43 - 18:35 A2: e esta pessoa é psicóloga?e ela faz terapia?ou apenas orientação psicológica?

Linha 44 - 18:35 A3: e qual foi a opinião dele?

Linha 45 - 18:35 A4: Pois bem, e esta é uma questão delicada, pois apenas os sites que tiverem o selo de autorização cedido pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) é que podem ter acesso a esta prática, na condição lícita, MAS APENAS EM CARÁTER EXPERIMENTAL!! Concordo que se tenha uma normatização de nossa prática, é muito importante para a categoria!!

Linha 46 - 18:35 A3: ela faz orientação psicológica

Linha 47 - 18:36 A4: Muito bem lembrada a diferença da orientação psicológica e da terapia...

Linha 48 - 18:37 A1: gurias compartilhem o que o *prof N.* falou sobre o tema

Linha 49 - 18:37 A3: pois é, acontece que as pessoas procuram por ser a forma mais fácil (tempo e dinheiro) e nem sabem que está em caráter experimental!!!

Linha 50 - 18:37 A4: A orientação diz respeito a tomadas de decisões, orientações breves, tais como testes vocacionais e a terapia é o tratamento terapêutico em si...

Linha 51 - 18:38 A3: isso mesmo

Linha 52 - 18:38 A4: Verdade A3, aí, *esta* é uma questão ética do profissional, pois se for pesquisa para contribuir na área - estudo, deve-se ter o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..

Linha 53 - 18:38 A4: E será que todos os profissionais *tem* este cuidados?

Linha 54 - 18:39 A3: com certeza não!

Linha 55 - 18:40 A4: Não apenas pelo custo que é reduzido, as pessoas buscam a terapia virtual pela questão da distância, como quem vai morar em outra cidade e não quer se desligar da terapia, e claro, colegas, sabemos dos fortes vínculos que se constituem nesta *relação* terapêutica, quando há a fragilidade que o sofrimento provoca...

Linha 56 - 18:40 A4: Como as leituras referidas para a discussão referenciam..

Linha 57 - 18:40 A4: A1, respondendo sua questão.. A2, me ajude... vamos tentar passar para as meninas...

Linha 58 - 18:40 A2: também concordo que se tiver uma normatização desta prática será muito importante para categoria, mas como o N. disse desde que tenha uma regulamentação para essa prática...

Linha 59 - 18:42 A3: concordo contigo, A2!

Linha 60 - 18:43 A4: Realmente, é complicado discorrer sobre isto, pois não sabemos as consequências positivas e negativas... mas há algo muito importante: A DEMANDA SOCIAL. Hoje a internet é instrumento intrínseco na vida de todas as pessoas, e os pacientes estão habituados com a mesma... então, pensa-se ser uma maneira diferenciada de atendimento - até mesmo atendimento criativo e que conforme citado pelo FILÓSOFO FRANCÊS PIERRE LÈVI, "tempo-espaco zero", ou seja, a informação pode estar em todo o lugar e em todo o momento, e para as terapias, podemos nos valer desta teoria para dizer... atendimento em qualquer hora e em qualquer lugar,... é a acessibilidade!!

Linha 61 - 18:43 A2: Pois é sim uma prática diferente da psicoterapia presencial, mas não quer dizer que precise ser igual, apenas com uma metodologia e perspectivas teóricas adequadas

Linha 62 - 18:43 A1: mas gurias, vocês acreditam que esta "terapia virtual" seja válida para o psicólogo e para o paciente?

Linha 63 - 18:44 A3: particularmente, não! suas particularidades, não há dúvidas!!

Linha 64 - 18:44 A4: Legal A2!! Concordo, "não precisa e não pode ser igual à terapia presencial"!!!! Isto é importante, pois esta modalidade de terapia possui

Linha 65 - 18:46 A3: existe uma grande importância da relação psicoterapêutica ser presencial, pois há uma variedade de elementos a serem avaliados, como: sentimentos, expressões, raivas, angústias, alegrias, que são compartilhadas das mais diversas formas durante o encontro terapêutico

Linha 66 - 18:46 A1: acho que é um campo novo, onde a maior parte das pessoas está mais habituada a lidar com a internet pra resolver todos os problemas, mas acaba limitando no meu entendimento

Linha 67 - 18:46 A2: penso que em um breve espaço de tempo estaremos que estar inseridos nesse universo virtual, onde essas tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, e se não pudermos nos apropriar delas, é claro com muito cuidado, pois é um meio muito perigoso, *estariamos* perdendo este vasto campo para outras pessoas que "dariam conta" disso...

Linha 68 - 18:47 A4: Em meu escrito, não me posicionei, pois não tenho uma opinião formada, e argumentei que há duas facetas para isto... *ou seja*, os benefícios de um atendimento cômodo e barata e em contraste, um compromisso ético para com o paciente que nos procura, e se nos procura, é porque possui um adocimento, e sabemos meninas que isto é muito sério.... O que me preocupa é a QUESTÃO ÉTICA. Pois pergunto: quem se responsabilizará se o paciente *surta* em meio ao atendimento e *foge* de nosso controle, o que podemos fazer?

Linha 69 - 18:49 A2: Sim A4 também não me posicionei como disse ainda é muito novo e precisamos de mais subsídios para isso, em um momento que os próprios conselhos regionais e federal estão em discussão...

Linha 70 - 18:49 A3: penso que deve ser melhor estudado.

Linha 71 - 18:49 A4: Mas concordo também que é a realidade que logo teremos que nos adequar... *mas* ainda há UM LONGO CAMINHO PELA FRENTE, É PRECISO NORTEAR ALGUNS PADRÕES: tais como, o paciente passar por uma avaliação antes de seguir em um tratamento virtual.... seria uma idéia...

Linha 72 - 18:50 A1: 'é é nesta questão que eu penso muito, o contato pessoal é muito mais engrandecedor, pois o paciente pode se expor corporalmente, ele pode não falar nada mais o corpo dele vai mostrar sinais no caso de ele estar inventando algo, coisa que na internet ele simplesmente pode enganar

Linha 73 - 18:50 A4: Concordo A1, é o ler nas *ENTRE LINHAS*!! É muito importante, muitas vezes o silêncio e o corpo falam muito por si só!!!

Linha 74 - 18:51 A3: é assim que penso A1

Linha 75 - 18:51 A3: e na terapia virtual não se terá isso

Linha 76 - 18:52 A4: Já pensou se o paciente se irrita com o *terapeuta*... o que é comum... *pois* o terapeuta vai permeando algumas nuances que muitas vezes o paciente não quer ouvir... e o que ele fará? Poderá *mascarar*, desconectando a rede... fugindo de um reconhecimento e de uma dor que o processo terapêutico precisa passar para atingir sua valia...

Linha 77 - 18:52 A1: por mais que se tenha uma webcam ligada, a pessoa querendo ou não encara um personagem, infelizmente

Linha 78 - 18:52 A4: =terapeuta

Linha 79 - 18:53 A2: sim talvez não tenha nada a ver mas cheguei a pensar na psicossomática. Agora voltamos a convocar a psicologia a dar conta de uma antiga cisão entre corpo e mente, entre concreto e psicológico, entre realidade e verdade. Quais os limites e possibilidades do nosso saber?

Linha 80 - 18:54 A3: e o conselho tem a mesma opinião sobre o acompanhamento psicológico por telefone

Linha 81 - 18:55 A1: acho *q* tudo é *adaptavel* e modificável, porém penso *q* não adianta nada *vc* ter acesso e fazer mal uso daquilo *q* lhe é oferecido

Linha 82 - 18:56 A2: e é por isso que eu digo nos baseamos muito diferenciando da psicoterapia que estamos acostumadas, por isso precisamos de mais discussões de mais argumentos, subsídios. *é* uma caminhada longa como disse a **A4** e de muitos cuidados

Linha 83- 18:56 A4: Muito bacana a relação com a Psicossomática! Não há dúvidas, é a manifestação do corpo que sintomatiza, registra o sofrimento...

Linha 84 - 18:57 A4: Tem um filme que foi referido pelo professor N. que segue a linha destas nossas discussões... FICA A DICA: "Denise está chamando", é o nome do filme!! É na questão da terapia por telefone... muito interessante e *contrinui* neste pensar!!

Linha 85 - 18:58 A2: onde muitas vezes o paciente não se dará por conta disso, até mesmo nem irá contar para o terapeuta de algumas manifestações que podem ocorrer no corpo...

Linha 86 - 18:59 A4: Outra coisa que gostaria de compartilhar com vocês é que fiquei sabendo que um colega nosso da Psicologia que está se formando, quer estudar em seu TCC a temática dos ATENDIMENTOS VIRTUAIS. *Interessantes* este interesse, não *é*? E em nossa universidade, vamos ficar atentas para acompanhar o estudo... E *cfe* a professora orientadora comentou, a maior dificuldade é o acesso a profissionais que atuam na área, isto *pe* bastante comum no Rio de Janeiro....

Linha 87 - 19:00 A4: aqui ainda não se fala disto... uma área para explorar!!!!

Linha 88 - 19:00 A1: bem interessante mesmo

Linha 89 - 19:01 A2: sim temos muito o que explorar com certeza

Linha 90 - 19:01 A1: mas e autores que falem sobre esta terapia, existe alguns???

Linha 91 - 19:02 A4: Existem, mas *pouquíssimos*, realmente não saberia indicar...

Linha 92 - 19:03 A4: Me *questionoo*... vocês imaginaram a imensidão do campo da Psicologia... o quanto ainda deve ser explorado, já que é uma ciência *super novaa*!!

Linha 93 - 19:04 A3: é verdade

Linha 94 - 19:04 A1: é campo *q* não acaba mais e sempre surge novos

Linha 95 - 19:04 A1: mas e vocês *gurias* fazem terapia?*fariam* terapia virtual?

Linha 96 - 19:04 A2: *as* vezes me pergunto, e acho isso bom, estou sempre tentando buscar ao menos um pouco das práticas já existentes para saber um pouco de cada...

Linha 97 - 19:06 A4: Pensando em uma outra situação... *por exemplo*... Estamos atendendo um paciente *x* que por motivos particulares não poderá sair de casa, ou foi morar distante, ou está estudando no exterior, ou está passando as férias na Bahia... *hehehe*, e ele apresenta uma boa relação com nós, psicoterapeutas... e está com uma grande dificuldade de desligamento, e avaliamos que seria muito pertinente a terapia neste período de ausência, para não prejudicar o tratamento em si, então... na possibilidade da regulamentação da prática virtual, como dizer que não?? *Qual* seriam suas opiniões colegas?

Linha 98 - 19:07 A2: ainda não faço terapia pois não tenho tempo,mas tenho vontade assim que conseguir..e se eu faria também ainda não sei responder, depende do vínculo e das regulamentações, do sigilo, da situação...

Linha 99 - 19:07 A4: mesmo que não sejamos tão adeptos ao tratamento virtual? *Ai* não diz respeito a nossa vontade, desejo, opção de tratamento, MAS A UMA DEMANDA EXISTENTE E MANIFESTA NO PACIENTE.... complexo, não?

Linha 100 - 19:08 A1: é complicado se pensar nisso, porém volto a dizer *q* se for um caso *q* já está em tratamento a tempo acho *q* seria pertinente fazer este desligamento e encaminhar para outro profissional, mesmo sabendo que os *vinculos* são *díficeis* de se desfazer

Linha 101 - 19:09 A2: pois é **A4** acho que quando já há um vínculo como falamos hoje em aula, é diferente mesmo que o paciente possa se surpreender já é mais fácil aderir, mais natural...

Linha 102 - 19:09 A4: Também nunca fiz terapia, apenas uma sessão com minha família, em terapia familiar, quando eu estava no início do curso. É muito importante conhecer este outro lado, se por do outro lado... *mas* ainda não senti necessidade (até me preocupo com *issoo.. heheh*.) acho que é porque ainda não fui para os estágios...

Linha 103 - 19:10 A2: Pois é **A1** hoje mesmo o N. deu um exemplo que tinha *clinica* em *uruguaiana* e teve que fechar iria se mudar, porém a paciente ficou muito resistente ao desligamento ele atendeu ela durante um tempo por telefone, até conseguir passar para um *colega...acho* importante...

Linha 104 - 19:11 A3: eu faço terapia, acho muito importante no decorrer do curso e se eu faria terapia virtual? ainda não saberia responder.

Linha 105 - 19:11 A3: e tu **A1** faz terapia? faria terapia virtual?

Linha 106 - 19:11 A4: Como a **A2** colocou, o *siligo* é essencial!!

Linha 107 - 19:12 A4: É ÉTICO!!

Linha 108 - 19:12 A2: pois é **A4** eu comecei sentir necessidade depois que entrei para o estágio, talvez principalmente por ser extra e passar 30 horas em um local de uma realidade forte... Talvez por medo de pirar com tanta coisa *hahaha*

Linha 109 - 19:12 A4: Claro...

Linha 110 - 19:12 A1: eu fiz terapia com um terapeuta *holistico*, tratamento com florais, que não são bem aceitos ainda dentro da psicologia porém me fizeram muito bem, meu terapeuta prefere que as nossas relações sejam pessoais, quando eu me sinto mal marco uma consulta e conversamos, me sinto muito bem com *ele*,pois posso não falar muito e ele me entende, mas virtual não sei se faria, até tentei uma vez por curiosidade, mas não é a mesma coisa

Linha 111 - 19:13 A2: e como o N. disse é um campo que com certeza demanda muita ética.

Linha 112 - 19:13 A4: Eu acho que faria... *mas* deveria ter maior consistência, ou ao menos conhecer bem o profissional e ter o aval do CFP

Linha 113 - 19:15 A4: Lembrei de um aspecto...

Linha 114 - 19:15 A4: A terapia por seu caráter há RESTRIÇÕES!!

Linha 115 - 19:15 A2: pois é **A4** talvez eu *faria* mas ainda não sei responder por isso, pois sinto uma falta de consistência, e principalmente ainda não ter a posição concreta e aval do *cfp*...mas estamos no caminho com as discussões, até o final do curso quem sabe...

Linha 116 - 19:15 A4: Como fazer terapia INFANTIL na modalidade *on line*?

Linha 117 - 19:16 A3: muito boa colocação **A4**

Linha 118 - 19:16 A4: Ou com portadores de necessidade especial que não tenha condições para tal?

Linha 119 - 19:16 A3: penso *qua* não tem como fazer

<p>Linha 120 - 19:17 A1: é, se por um lado inclui algumas pessoas também exclui o acesso de outras</p> <p>Linha 121 - 19:17 A2: pois é também me pergunto nessas situações em que a psicologia discute muito que as crianças hoje em dia não sabem mais brincar, criar, jogar...mas se tratando de computador elas sabem tudo...será que também não seria mais uma forma de naturalizar?</p> <p>Linha 122 - 19:17 A2: ai são muitas incógnitas já me vejo viajando...<i>haha</i></p> <p>Linha 123 - 19:18 A3: <i>hehe</i></p> <p>Linha 124 - 19:18 A1: mas é uma viagem construtiva A2, a gente veio no mundo pra pensar, e diferentes maneiras de pensamento é q movem o mundo</p> <p>Linha 125 - 19:19 A2: interessante A1 hoje falamos em sala de aula também sobre uma psicologia que é inclusiva ou exclusiva?</p> <p>Linha 126 - 19:21 A4: Verdade!!! Estou adorando nossas discussões!!!</p> <p>Linha 127 - 19:21 A4: Mas nesta perspectiva, vejo a terapia infantil como forma de exclusão...</p> <p>Linha 128 - 19:21 A4: É difícil para a <i>crança</i> ouvir... parar e ouvir...</p> <p>Linha 129 - 19:22 A4: Ainda mais que a terapia infantil ocorre com o LÚDICO...</p> <p>Linha 130- 19:22 A4: A não ser que se criem modalidades de BRINQUEDOS VIRTUAIS... O que não penso ser tão distante... <i>hihihihi</i></p> <p>Linha 131 - 19:23 A2: pois é já vejo por este lado não penso ser tão distante...e penso será que isto é bom?</p> <p>Linha 132 - 19:24 A2: talvez na única oportunidade da criança <i>estar podendo</i> criar, inventar, conhecer brinquedos de madeira, podendo se sujar de argila?por enquanto acho isso essencial</p> <p>Linha 133 - 19:25 A4: VERDADE!! Pois é necessário avaliar alguns <i>ítens</i>, tais como a CAPACIDADE COGNITIVA para tal prática..</p> <p>Linha 134 - 19:26 A2: com certeza...</p> <p>Linha 135 - 19:26 A1: é acho q a <i>maios</i> parte das crianças hoje em dia não brincam com coisas q a gente brincava muito pela falta de tempo q elas tem, q os pais tem, acabam perdendo muito</p> <p>Linha 136 - 19:27 A1: o tempo hoje é muito curto pra tudo</p> <p>Linha 137 - 19:28 A2: ainda não vejo outra saída no momento para a terapia infantil, acho que ficar faltando algo muito importante</p> <p>Linha 138 - 19:28: A1 abandonou este Chat</p> <p>Linha 139 - 19:28 A4: sim... e não seria a terapia virtual também uma modalidade de usufruir do tempo de forma mais <i>eficáz</i>, ou <i>nãoo</i>?</p> <p>Linha 140 - 19:28 A4: Quantas discussões... REALMENTE INFINDÁVEIS!!</p>
--

O excerto 2 apresenta em sua constituição um segundo momento quanto ao excerto 1, entendido como uma mudança de fase, assumindo o caráter de interações de construção do conhecimento. Nas últimas linhas (23, 25, 34, 36) do excerto 1 os interagentes afirmam discursivamente estarem aptos a iniciarem a atividade. Assumindo um caráter não previsto, A4 coloca-se em um papel de “liderança” e sua importância como interagente é produzir um

discurso para a produção do conhecimento, caracterizado pelo tipo de discurso relato misto interativo-teórico, como faria um professor ao assumir a liderança de conhecimento.

O mundo ordinário que caracteriza a condição de produção é a orientação temática, manifestada em dois textos, enquanto mediação da discussão. Assim, o excerto inteiro é um relato interativo para a construção do conhecimento, apresentado pelo interagente A4 na primeira linha deste excerto, o que será notado ao longo dos excertos. Então, nas linhas 37, 38, A4 introduz e apresenta o tema a ser desenvolvido ao longo das interações do *Chat*, já tendo tentado tal atitude na linha 26 do excerto 1, embora não tenha sido bem sucedido. Nas linhas 39 e 40, A1 e A3 sustentam as interações de A4, por meio de comentários menos complexos aos de A4, que faz afirmações e questionamentos acerca do tema. A2 interage de maneira a sustentar as interações anteriores por meio de um agir linguageiro calcado em afirmações, classificando o tema como novo. A2 complexifica seu agir ao resgatar diretamente A4 ao diálogo em fluxo.

Nas linhas 42, 43, 44 os interagentes A3 e A2 interagem por meio de questionamentos, assim manifestando um caráter entrópico, já que possibilitam a abertura ao tema convocando os demais a contribuir. O caráter entrópico se evidencia não somente quanto aos fatores externos à plataforma, mas também dentro de subsistemas fractalizados entre pares ou individualmente em relação ao coletivo do *Chat*. A4 em seu agir linguageiro na linha 45 evidencia uma mudança de fase de seu próprio discurso se comparado a sua interação anterior na linha 38. A4 passa a teorizar de maneira enfática acerca do tema por meio de um discurso relato misto interativo-teórico (linha 45), posicionando-se por meio de argumentos de autoridade (Conselho Federal de Psicologia).

Deste modo, o excerto inteiro está constituído por relatos tipo interativo, no caso, relato misto interativo-teórico. Nas linhas 46, 47, 48, 49, 50 e 51 conceitos são trazidos à discussão em um nível mais baixo em contraste às interações anteriores, mas não menos complexos, dadas as interrelações estabelecidas. A1 na linha 48 sugere que os interagentes compartilhem um determinado conhecimento que não estava dado nos textos lidos, mas que poderia ser complementado se o grupo compartilhasse a informação mencionada por A2 (linha 41).

O texto tem a função em relação aos interagentes de se constituir como elemento do mundo ordinário teórico, uma vez que se trata da construção de um conhecimento teórico acerca do que fora lido para a discussão no *Chat* e, na perspectiva complexa os conhecimentos teóricos que antecederiam a leitura. Um aspecto significativo quanto ao agir coletivo sem os elementos táteis e visuais é que alguns participantes não se dirigiam

diretamente ao grupo, e sim a outros interagentes em específico, mas não para produzir um discurso interativo, mas um tipo de discurso monologado seletivo, pois a fala dos interagentes não afeta a direção argumentativa de quem pergunta (linhas 57, 64, 74, 101, 103, etc). Esta constatação pode ter como implicação o não engajamento de todos em uma visão linear ao contrato comunicacional coletivo. Embora se possa visualizar que ao longo das interações alguns interagentes, de forma linear e não-linear acabam por interagir mais com determinados interagentes do que com outros, constitui-se como linear o fato de que as intervenções não mudam o rumo dos argumentos.

O fluxo conversacional precisa ser mantido, caso contrário, notar-se-ia o esgotamento da atividade de forma precoce e essa é a função das perguntas que os interagentes fazem uns para os outros: manter o fluxo do relato interativo. Nesse sentido, o relato se torna entrópico apesar de um pseudo movimento de diminuição da entropia (conservação da energia). Diante disso, A4 nas linhas 52 e 53 teoriza e questiona os demais acerca de seus enunciados, proporcionando que o fluxo seja reequilibrado ou apresente um pseudo reequilíbrio. Nas linhas 54, 55, 56 os interagentes discorrem sobre as indagações feitas por A4, em seguida, A4 na linha 55 reorienta suas afirmações. Em uma perspectiva não-linearizada A4, na linha 57, retoma a interação com A2, manifestada na linha 48, dizendo que visa responder seus questionamentos e convoca A2 a auxiliar na reflexão sobre o tema. Ainda, nesta linha, A4 em caráter colaborativo diz “vamos tentar passar para as meninas” (referindo aos demais interagentes). Este aspecto evidencia o fato de que o ato de produção do discurso está vinculado à construção de conhecimento, sendo que todas as interações estão classificadas como relato interativo vinculados a um mundo ordinário comum, que é a leitura de dois textos oferecidos pelo professor. Portanto, não se trata de discursos interativos, mas de relatos interativos.

Nas linhas 58 e 59, os interagentes entram em concordância quanto ao aspecto refletido. A4 na linha 60 discorre de maneira teórica acerca do tema por meio de uma interação discursiva extensa característica do discurso relato misto interativo-teórico. Na linha 62, A1 realiza outra abertura entrópica ao tema por meio de seu questionamento, no sentido de que diante da interação de A1 na linha mencionada, os demais interagentes passam a discorrer de maneira extensa e complexa (linhas 65-78) quanto ao tema. Este momento representa uma mudança de fase do grupo, pois A4, A3, A2, A1 engajam-se de maneira mais significativa no que tange à atividade prevista por meio de interações de construção do conhecimento, apoiadas pelo tipo de discurso misto relato interativo-teórico. Então, na linha

79, A2 abre a reflexão novamente por meio de uma interrogação que dá margem a mais interações extensas e complexas (linhas 80-86).

Após um período interacional de reflexões e apontamentos pessoais e teóricos, os interagentes diminuem o fluxo conversacional como pode ser notado nas linhas 87-94. O interagente A1 na linha 95, em seu agir linguageiro, realiza um questionamento capital ao tema (Linha 95 - 19:04 A1: mas e vocês gurias fazem terapia?*fariam* terapia virtual?), acarretando com que os demais interajam em um novo fluxo, desta vez, denso e complexo como o anterior, antes deste ter entrado em declínio. Como mencionado, a respeito das interações de A4, observa-se que A3, ao contrário de A4, apresenta interações sustentadas pelos demais e, às vezes, suscita certa passividade quando observado isoladamente.

Através de interações complexas, algumas menos extensas, os interagentes problematizam o tema por meio dos tipos de discurso relato interativo e misto relato interativo-teórico (linhas 96-115). Na linha 116, A4 traz ao todo interacional do *Chat* um tema pertence às suas indagações e reflexões enquanto sistema, pois tal tópico não estava nos textos lidos. O interagente A4 refere-se à terapia infantil na modalidade *online*. O tema referido faz com que o fluxo entrópico seja restabelecido dado o caráter novo e polêmico do tema. Após a introdução a este assunto, os interagentes engajam-se, porém, nota-se que A4 e A2 interagem mais entre si do que com A3 e A1.

A linha 138 revela de forma automática que A1 abandonou o chat, termo utilizado pelo software da plataforma, não tendo o interagente feito nenhum aviso prévio a sua saída. Nestes casos, a bifurcação do agir é imprevisível, se for levado em conta que pode se tratar de problemas técnicos quanto à internet e demais ferramentas, ou sobre uma decisão consciente do interagente em ausentar-se. Na última linha deste excerto A4 enfatiza “Quantas discussões... REALMENTE INFINDÁVEIS” remetendo a ideia de que por meio do agir linguageiro as interações do *Chat* foram importantes para os interagentes no que se refere a sua aprendizagem.

Cabe ressaltar que este excerto caracteriza-se por ser extenso, pois evidencia uma fase composicional do todo do *Chat*. O engajamento conversacional, deste excerto, chama a atenção dada sua especificidade em relação não só aos demais, mas pelo fato de que em *Chats* anteriores da disciplina e pela literatura acerca do tema, *Chats*, geralmente, não alcançam tal aprofundamento teórico-reflexivo.

Outro aspecto identificado nas interações foram as marcas de agentividade, por meio de verbos e pronomes (ex: linhas 38, 39, 40, 41, 45, 57, 66, 67, 68, 69, 72, 82, 84, 86, 89, 96, 98, 99, 101, 102, 104, 108, 110, 112, 115, 121, 124, 125, 126, 131 – ouvido, visto, conheço, estava, concordo, me, acho, penso, meu, precisamos, penso, baseados, nossas, fiquei, temos,

pergunto, faço, sejamos, acho, fiz, faço, comecei, sinto, acho, sinto, pergunto, a gente, falamos, estou, vejo) que predominam e estabelecem uma relação de implicação ao mundo discursivo a partir do conteúdo que está ora em conjunção, ora em disjunção às coordenadas do agir. Desta maneira, em alguns momentos as interações manifestam tanto a ordem do NARRAR quanto à ordem do EXPOR, de maneira implicada e autônoma, como teorizado neste estudo. Porém, percebe-se a baixa relação de disjunção ao mundo discursivo localmente construído no espaço virtual. As interações apresentam elevada densidade verbal e presença de pronomes pessoais e possessivos e está caracterizado pelo tempo verbal presente oscilando em menor densidade com o pretérito.

No excerto 1 como se pode notar havia a predominância da coordenada de conjunção, já no excerto 2 tem-se uma justaposição de tais coordenadas. O texto apresenta um discurso compreendido como discurso misto interativo-teórico (ex: linhas 45, 55, 60, 65, 66, 67, 72, 79, 80, 85, 97, 127, 132, 133) que se define pela fusão da narração com o discurso teórico. Pode-se considerá-lo aqui como a explicação de um professor (Bronckart, 1999), neste caso, em um *Chat*, para fins científicos de uma determinada situação estabelecida na e pela interação. Quanto a um agir linguageiro semelhante ao papel de um professor, pelos questionamentos constantes que faz, destaca-se A4, parecendo manter a discussão em fluxo. Aponta-se que há um movimento teórico co-construído pelos interagentes quanto à atividade, inclusive estabelecendo contrastes com conhecimentos já internalizados por suas experiências acadêmicas e vivências sociais.

Quanto aos movimentos de complexidade: o movimento 1- Dinamicidade interacional entre interagentes evidencia-se o nível macroestrutural do agir linguageiro. Neste nível os interagentes sustentaram interações de construção do conhecimento e comportaram a totalidade de interagentes por um período de aproximadamente 56 minutos. Ao considerar alguns aspectos como tempo, tipo de discurso e tipo de interação, pode-se afirmar que este excerto apresenta o que se espera de um *Chat* baseado na construção de conhecimento coletivo. A densidade interacional de alguns interagentes se destaca pela extensão do conteúdo, domínio do tema abordado, agir colaborativo, autonomia e capacidade de manter o fluxo da conversa. No nível microestrutural, evidencia-se o fato de que em algumas interações constituem-se mais entre pares do que no coletivo, embora a aleatoriedade do agir não-linearizado conduza os interagentes ao coletivo dada à especificidade da atividade.

O movimento 2 – Não-linearidade interacional é identificado como em baixo fluxo na relação coletiva, devido à estabilidade do agir linguageiro deste quadro interacional. Enfatiza-se que o encadeamento dos interagentes afasta a desordem composicional, mantendo a ordem

e a organização do processo conversacional. Ressalta-se que, neste quadro, os interagentes mantiveram-se presentes e ativos ao longo do 56 minutos, ocasionando o maior período denso de interações de construção de conhecimento do *Chat*. Proporcionalmente ao período total de duração do *Chat*, pode-se afirmar que 56 minutos de interações de construção de conhecimento é um período significativo de atividade em fluxo e adaptação de tipos de discurso. A não-linearidade interacional está atribuída à ausência de A5, por ter afetado o *Chat* como mencionado no excerto 1. O interagente A5 só entra em cena no próximo excerto, como será visto a seguir. O movimento 3 – Adaptação de agentividade (espaço-tempo): está entendido como estável, uma vez que os participantes focaram-se em suas interações virtuais e não apresentaram passividade ao agirem, mesmo que, por vezes, nem todos contribuísem proporcionalmente.

No que se refere ao movimento 4 – Comportamento emergente destaca-se o fato de que na transição do excerto 1 para o 2, notadamente, se pode perceber a mudança de fase realizada pelos interagentes, passando de interações de manutenção à interações de construção do conhecimento. Há um comportamento que institucionalizado quanto ao caráter aula em EAD é mantido por meio do tipo de discurso relato misto interativo-teórico, que está calcado em construções discursivas consistentes. Observando a mudança mencionada é possível inferir que em um processo sistêmico não há um estado fixo, mas um fluxo interacional entendido como estável. Em suma, as interações co-construídas manifestaram um alto padrão interacional construído pela interação estável.

Resumo das características identificadas
<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos de complexidade 1, 2, 3, 4 <p>Constituídos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de implicação ao mundo discursivo • Discurso tipo relato interativo e relato misto interativo teórico • Interações de construção de conhecimento (secundárias)

4.3 Excerto 3 – Fase de Interações de Adaptação Sistêmica

Linha 141 - 19:29: A1 entrou no Chat

Linha 142 - 19:30: A5 entrou no Chat

Linha 143 - 19:30 A5: oi

Linha 144 - 19:30: A1 abandonou este Chat

Linha 145 - 19:30: A1 entrou no Chat

Linha 146 - 19:31 A1: oi **A5**

Linha 147 - 19:31 A5: Oi

Linha 148 - 19:31 A3: gurias, minha filha acordou, vou ter que dar uma saída, estou sozinha em casa

Linha 149 - 19:31 A5: *Sera que está só nós*

Linha 150 - 19:31 A2: mas esses momentos em que *me* parei para refletir sobre a terapia virtual me lembrei da aula de psicologia da modernidade a contemporaneidade em que a professora dizia que hoje em dia não temos mais tempo para chorar, para se deprimir, para sofrer, e o quanto isso é importante, ter um tempo certo para isso que a gente possa se permitir , vejo a terapia presencial tão importante nesse momento, mas quem diz que não pode ser também...mas é um outro ponto que paro para pensar...penso ao mesmo tempo na naturalização das coisas...

Linha 151 - 19:31 A2: gurias desculpa se estou viajando muito *hehehe*

Linha 152 - 19:31: P entrou no Chat

Linha 153 - 19:32 A4: Sim, vá cuidar de seu *baby*... vamos inserir a **A5** no que conversamos até aqui...

Linha 154 - 19:32: A3 abandonou este Chat

Linha 155 - 19:33 A4: Oi **A5**!! Bem Vinda!! Já iniciamos as discussões, mas vamos te passar nossas discussões, queremos sua opinião...

Linha 156 - 19:33 P: Olá Pessoal! Parabenido o grupo pela organização (constituição do grupo)! qualquer dúvida estarei no Chat Principal!*Boa discussão!!!!!!*

Linha 157 - 19:33 A1: capaz **A2** nestas tuas *ultimas* palavras eu concordo plenamente com a professora

Linha 158 - 19:33 A4: **A2**, acho *muutoo* bacana os links que trazes para a discussão! Isto é essencial!!

Linha 159 - 19:33 A5: Ok

Linha 160 - 19:34 A4: Obrigada Professor! Vamos seguir discutindo, se puderes, fique conosco!!

Linha 161 - 19:34: P abandonou este Chat

Este excerto se constitui como uma terceira mudança interacional de fase quando da constituição do todo sistêmico, ou seja, apresenta um declínio interacional, tendo em vista que no excerto 1 os interagentes organizaram-se e no excerto 2 como resultado de tal organização, constituíram interações de construção de conhecimento. A mudança de uma fase para outra pode ser observada sob os diversos aspectos mencionados nos referidos excertos.

O excerto 3 está orientado a partir da não-linearidade interacional, pelo fato de bifurcar a discussão que se encontrava em fluxo. A discussão é extensa na medida em que os participantes ressaltam discursivamente a importância do conteúdo discutido - terapia na modalidade virtual. Ao atingirem a linha 140 há uma baixa interacional ou bifurcação do agir, decorrente da saída de A1 no excerto anterior, reingressando na linha 141. Então,

inesperadamente, após ter sido aguardado, A5 entra no *Chat*. Enfatiza-se que A5 não justifica seu atraso e por razões que não podem ser descritas, age como se estivesse presente durante todo o período anterior. Ao perceber esta bifurcação, A3 (linha 148) manifesta a necessidade de se ausentar da interação, assim entropicamente na perspectiva da Teoria da Complexidade, não se pode afirmar que essa situação é negativa. Este aspecto revela que as condições de produção, o contexto virtual, coexistem com as condições físicas, materiais de produção, isto é, estar ao mesmo tempo em dois lugares.

A mudança de fase de interações de manutenção para interações de construção do conhecimento e, posteriormente, um retorno a fase inicial de adaptação sistêmica, remete ao claro entendimento de que um sistema complexo é dinâmico e adaptável, como se verá a seguir. Nesta ótica, sugerir a mudança de fase, ou retorno à capacidade de adaptação às condições do contexto de produção, significa reconhecer a capacidade humana de auto-organização e a possibilidade de emergência de um novo comportamento ou fase ainda mais complexo. Portanto, a não-linearidade é inerente a este excerto pela fase de reestruturação acarretada pelas entradas e saídas dos interagentes ao espaço genuíno aula EAD no *Chat*.

Um ponto a ser observado como fractal, ou seja, como um recorte de um aspecto que compõe o todo constituidor do *Chat* analisado, é o ato de ir e vir ao contexto extra-virtual dos participantes (ex: entrou no Chat, abandonou o Chat.). Esse contexto ao ser observado evidencia o caráter que gerou auto-organização ou, então, no mínimo, um comportamento emergente que ocasionou perdas, no sentido de interação entre os interagentes. Desta maneira, o excerto parece evidenciar de que maneira o agir dos interagentes constituiu o andamento da atividade de aprendizagem. Poder-se-ia questionar se, de fato, pela ausência do professor o caráter aula ainda está assumido. Embora se pense que esse estudo por seu embasamento teórico deixe nítido o entendimento que se tem acerca da noção de conhecimento co-construído e orientado no outro e pelo outro, não demandando necessariamente, nesta situação, a figura do professor. Na ótica sistêmica a figura do professor representa uma parte, sendo que na interação com mais de um interagente tem-se um contexto interacional ainda mais significativo por meio de múltiplas vivências.

Nas linhas 141-147 têm-se as entradas e saídas registradas pela plataforma *Moodle*, bem como cumprimentos iniciais. Enquanto SAC, portanto sistema aberto aos fatores externos à plataforma, A3 pode ter tido suas interações influenciadas por demandas externas ao quadro interacional em fluxo, pois nos excertos anteriores apresentou baixa interação, com o contexto específico da interação. As características do agir de A3 não podem, e nem se pretende aqui, determinar com acurácia, mas parecem indicar um agir significativamente

bifurcado de maneira negativa. Ressalta-se que o caráter negativo não está associado por ser bifurcado, mas por se ausentar totalmente do *Chat* e não retornar, assim não atendendo à demanda de um ambiente virtual de aprendizagem. A3 ausenta-se do Chat na linha 154 e não retorna mais à atividade como poderá ser notado no excerto seguinte.

A ausência de A3 não afeta somente o nível interacional individual no que concerne sua aprendizagem, mas, também o nível coletivo, exigindo desses um novo comportamento de adaptação em fluxo, sendo para tanto preciso restabelecer um horizonte para a atividade em andamento. Diante do ingresso de A5 e reingresso de A1, ao perceberem a ausência de um interagente os demais se reorganizam com o intuito de manter a entropia sistêmica, a fim de que a discussão não se dissipasse pela ausência do interagente. O aspecto elencado até aqui se remete à reflexão da ação do aprendiz em contexto de EAD, e de que forma a atitude analisada pode ser compreendida. Esse aspecto estabelece uma noção de agir situado em uma noção espaço-temporal diferente a do contexto presencial, em outras palavras, apresenta um agir duplo.

O agir mesmo não-linear é entendido como duplo em relação ao contexto físico e virtual, possibilita neste “novo” contexto de aprendizagem, que o interagente prossiga em seu processo de aprendizagem, o que talvez fosse inviável se na modalidade presencial (ex: participar da aula e atender o filho em casa). Muito embora, A3 não tenha mantido tal atitude, porém, sabe-se que ao utilizar o computador para uma aula em EAD, em geral, os indivíduos executam outras atividades concomitantemente. A3 propicia uma visão de um agir tipicamente bifurcado (linha 148, 154).

Na linha 150, A2 sem situar-se quando a mudança de fase em fluxo apresenta uma interação densa e em discurso relato misto interativo-teórico, tendo notado sua complexificação frente ao que está ocorrendo no fluxo interacional retrata-se na linha 151. Na linha 152 tem-se a entrada de P (professor-pesquisador), que tendo percebido o grupo realizando a atividade proposta, parabeniza-o e se retira (linha 161). A4 em caráter extremamente colaborativo (linha 153) à demanda de A3 orienta o interagente a se retirar enquanto afirma “vamos inserir A5 no que conversamos até aqui...”. Esta atitude parece reforçar a saída de A3, como mencionado antes. Novamente na linha 155 A4 é colaborativo e convoca A5 a participar após situar o interagente quanto ao que fora discutido até aquele momento. Afirmando que A2 não estava fugindo ao tema como o próprio interagente mencionou na linha 151, A1 e A4 (linhas 157 e 158) sustentam a força entrópica gerada pelo discurso de A2. A5 não discorre sobre o tema apenas concorda (linha 159) com a atitude manifestada por A4.

Na linha 149 tem-se um aspecto que se caracteriza no espaço interacional em EAD de maneira diferenciada ao das práticas discursivas decorrentes do ambiente presencial. Este aspecto centra-se no fato de o interagente A5 questionar quem está presente na discussão, uma vez que ao ingressar no chat, a plataforma enquanto recurso tecnológico, não possibilita ao interagente visualizar as interações anteriores a sua entrada de forma síncrona. Por outro lado, se habituado à utilização da plataforma *Moodle* e tendo certo conhecimento específico quanto ao agir, neste espaço, A5 poderia ter visualizado o número e os nomes de interagentes, apenas verificando no recurso da plataforma o item - *participantes online*.

Esta atitude se realizada, teria situado A5 que estava entrando na discussão, após o período em que os interagentes apresentaram maior engajamento conversacional quanto ao tipo de construção discursiva. O aspecto apontado remete à ausência do aspecto visual no enquadre da ação linguageira, fazendo-se necessário o questionamento feito, dado o agir de A5. Nota-se, contudo que o questionamento realizado por A5 não é sustentado ou respondido de forma direta, mas, indiretamente, o grupo visa comportar a entrada de A5, como manifestado por A4 na linha 155. Embora não tendo sido sustentado diretamente pelo grupo em fluxo conversacional A5 pode se situar quanto ao número de participantes, ou verificando tal informação ao lado da barra de rolagem do *Chat*, forma padrão em *Chats* para a identificação dos interagentes.

Nas linhas 157 e 158, A1 e A4 retomam e concordam com o que fora dito por A2 na linha 150, onde A2 havia se referido a uma professora, que trata de assuntos relacionados ao tema discutido no *Chat*. A atitude de A1 e A4 diante deste quadro interacional em situação caótica (por coexistir dois contextos de produção, o material e o virtual) e os procedimentos para auto-organização visando à continuidade da tarefa proposta pelo professor, implicam que a ordem seja restaurada, sendo preciso que os interagentes se manifestem, visando um agir linguageiro que permita a entrada entrópica de questionamentos e afirmações que deem margem a continuidade da discussão. A tentativa de resgate da estabilidade discursiva coletiva parece ser bem sucedida e será notada no próximo excerto, entendido como uma quarta fase interacional.

Na perspectiva da complexidade, enfatiza-se a influência exercida pelo contexto interacional, que influencia diretamente o interagente, tornando o agir linguageiro de instável (excerto 1) a estável (excerto 2) retornando a instável (excerto 3). No que concerne o agir linguageiro ao nível dos tipos de discurso, o discurso apresentado na linha 149 tem-se a presença do discurso relato interativo, como teorizado por Bronckart (1999).

As marcas dêiticas de agentividade estão constituídas nas linhas 148, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 160 (minha, nós, me, estou, vamos, nossa, estarei, eu, acho, vamos) evidenciando as coordenadas que apresentam o caráter em conjunção da ordem do NARRAR implicado. O discurso deste excerto caracteriza-se como relato interativo com a presença de alta densidade verbal no presente, que estabelece as noções de conjunção ao mundo discursivo co-construído pelas interações.

Os movimentos de complexidade associados a este excerto estão centrados nos movimento 1- Dinamicidade interacional entre interagentes e O movimento 2 – Não-linearidade interacional, pois remetem a demanda de sustentar entradas e saídas sem deixar que o todo interacional chegue ao que a perspectiva complexa considera a “morte” do sistema. Este episódio ocorreria se os interagentes não se manifestassem discursivamente ao ponto de abandonarem totalmente o *Chat* ou ficarem em silêncio por um período significativo de tempo. A não-linearidade implica o caos organizador, que como será visto no próximo excerto, se encaminhará de desordem ao restabelecimento da ordem em uma nova fase.

O movimento 3 – Adaptação de agentividade (espaço-tempo) está subentendido pelo ato de fazer com que o sistema se adapte, ou seja, receba o estímulo vindo do exterior (ex: o ato de entrar e abandonar o *Chat*) e comporte os interagentes. As situações de desequilíbrio/desordem sistêmica foram mencionadas quanto ao agir destacando como os interagentes se organizam diante dessas situações caóticas.

Resumo das características identificadas
<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos de complexidade 1, 2, 3, 4 <p>Constituídos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de implicação e disjunção ao mundo discursivo • Discurso: tipo relato interativo e relato misto interativo-teórico • Interações de manutenção (primárias) e de construção (secundárias)

4.4 Excerto 4 – Fase de Interações Conclusivas

Linha 162 - 19:35 A4: Ao encontro com a fala da A2, lembro uma citação da Professora M. L., que tanto admiro!

Linha 163 - 19:35 A4: A pergunta é: QUAL É A MELHOR TERAPIA PARA O PACIENTE?

Linha 164 - 19:36 A4: Alguém chuta?

Linha 165 - 19:36 A5: Olha só estou com uma *duvida*, a respeito deste trabalho, temos que fazer as *discussões* e temos que entregar um texto de 25 linhas é isso correto??

Linha 166 - 19:36 A1: o travesseiro?

Linha 167 - 19:36 A1: *skaoskoaksokaosko*

Linha 168 - 19:36 A2: a fala que comentei é da professora L. P., gosto muito dela também...

Linha 169 - 19:37 A4: *heheheh*

Linha 170 - 19:37 A4: O travesseiro... muito boa!!

Linha 171 - 19:37 A4: Nossa, semana acadêmica proporcionou grandes momentos! Eu não conhecia a Prof.^a L. P., adorei conhecê-la...

Linha 172 - 19:38 A2: pode chutar primeiro, já estou viajando muito A4...*hehe* mas confesso que estou adorando poder compartilhar esses pensamentos, tão importante para nossa capacidade crítica...

Linha 173 - 19:38 A4: Sim a A5...

Linha 174 - 19:38 A4: claro...

Linha 175 - 19:38 A4: Vamos pessoal, quero *chetes*...

Linha 176 - 19:38 A4: =chutes

Linha 177 - 19:38 A4: QUAL É A MELHOR TERAPIA PARA O PACIENTE?

Linha 178 - 19:38 A1: tem gente *q* fala *q* terapeuta de pobre é a *caachaça* mas eu acho *q* é o travesseiro, *pq as vezes* a gente *tá* mal, é só olhar pra ele *q* a gente já bate, grita apertada, joga longe, chora com ele

Linha 179 - 19:39 A4: Verdade!

Linha 180 - 19:39 A1: acho *q* se conhecer, na verdade se reconhecer é a melhor terapia

Linha 181 - 19:40 A5: Concordo com *vc* A1!!!!

Linha 182 - 19:40 A5: Aonde entregamos nosso texto?

Linha 183 - 19:40 A1: gurias só uma pergunta nada a ver segunda a *unisinos* abre ou não?

Linha 184 - 19:41 A4: No link... Sim, a *unisinos* abre

Linha 185 - 19:41 A1: obrigada

Linha 186 - 19:45 A4: O que lhe chamou a atenção?

Linha 187 - 19:47 A4: Na relação das terapias virtuais há uma DEMANDA que hoje se faz presente...

Linha 188 - 19:47 A4: afinal, a internet é acesso de todos, ferramenta indispensável...

Linha 189 - 19:48 A2: A4 quando penso em o quanto a terapia é importante para ser um tempo para nós, será que há concentração? fico imaginando várias páginas abertas ao mesmo tempo, barulho de televisão, saindo para comer algo...*hahaha* assim como estamos fazendo agora também

Linha 190 - 19:48 A5: Eu não sou contra nem a favor da terapia...nós como futuros *psicólogos* temos pontos negativos e positivos

Linha 191 - 19:48 A4: Mas nossas *questões* eram como fica a responsabilização ética? Como tratar de um surto em terapia virtual?

Linha 192 - 19:49 A4: Verdade **A2**, este é outro ponto de discussão... a concentração... a capacidade de ESTAR INTEIRAMENTE NA TERAPIA... Estás nos acompanhando **A5**?

Linha 193 - 19:49 A5: Na minha opinião tratar um surto virtualmente seria bem complicado, acho que não teria sucesso!!!

Linha 194 - 19:50 A5: Sim!

Linha 195 - 19:50 A4: Até *pq* temos uma responsabilidade ética do paciente que está sob nossos cuidados...

Linha 196 - 19:50 A4: mas acho que para algumas pessoas isto é possível, como diz nossa mestre L.C: NA PSICOLOGIA, NADA É LINEAR;....

Linha 197 - 19:51 A5: Pois é neste ponto *ético* acho que ficamos devendo

Linha 198 - 19:52 A4: *Prara* algumas pessoas a terapia online pode inclusive ser mais *eficáz* que a terapia face a face... mas outra questão que discutimos é a EXCLUSÃO... Vc imagina crianças se inserindo nesta modalidade?

Linha 199 - 19:52 A5: Pois se *acessar-mos* um site que procurar por uma x terapia. Esta pessoa diz ser terapeuta e como *vc* não conhece como vai relatar seus problemas. Isto ao longo do tempo pode com certeza vir a prejudicar o paciente!!!

Linha 200 - 19:53 A5: Na minha opinião a terapia face a face é bem melhor pois, assim podemos observar as reações deste *paciente*. E se ele surtar virtualmente o que *vc* iriam fazer??

Linha 201 - 19:54 A2: pois é **A4** mas ainda são pontos que como tu mencionou a melhor terapia para o paciente é aquela que ele precisa, temos muitos pontos em discussão mas não podendo generalizar...pensando em todos os lados...

Linha 202 - 19:54 A5: Eu iria ficar em pânico *imagina!!!!Jesusssssssssss*

Linha 203 - 19:54 A4: verdade!!

Linha 204 - 19:55 A4: Outra questão é o pagamento!!

Linha 205 - 19:55 A4: há de se pensar que é mais barato... até mesmo alguns sites informam o valor...

Linha 206 - 19:56 A5: Isso é. Mais fico pensando no resultado *sera* que é o mesmo?

Linha 207 - 19:58 A4: relativo...

Linha 208 - 19:58 A4: pode ser que sim e pode ser que não...

Linha 209 - 19:58 A4: Mas ainda me vem em mente o quão é um sistema de exclusão... sabemos que há pessoas incapacitadas de fazer uma terapia online...

Linha 210 - 20:01 A1: voltei gurias

Linha 211 - 20:01 A4: Bem meninas... acho que nossas discussões ultrapassaram minhas expectativas!!

Linha 212 - 20:02 A4: Foi maravilhoso!!!

Linha 213 - 20:02 A4: Muito bom trocar idéias... Agora vou finalizar meu escrito e anexar temas que levantamos nesta noite...

Linha 214 - 20:02 A4: Alguém tem mais algo a dizer, para pensarmos juntas?

Linha 215 - 20:03 A5: Pois é. É bem complicado saber se somos contra ou a favor da terapia virtual!!!É

uma discussão que gera bastante *polemica!!!*

Linha 216 - 20:03 A2: concordo **A4** acho que podemos finalizar nossos textos individuais a partir de nossa riquíssima *discussão...achei* muito bom muito obrigada meninas pelo acolhimento dos pensamentos...

Linha 217 - 20:04 A5: **A4** como vai funcionar, pois o que eu estava olhando no *moodle* temos que fazer um power point

Linha 218 - 20:05 A4: verdade, estou observando isto... vamos nos comunicando por *email!!!*

Linha 219 - 20:05 A4: não entendi muito bem...

Linha 220 - 20:06 A5: Pois é só fiz o texto de 25 linhas.Mais agora *nao* sei aonde postar no *moodle!!!*

Linha 221 - 20:06 A2: isso mesmo li agora

Linha 222 - 20:06 A2: entendi mais ou menos

Linha 223 - 20:07 A2: mas é para a aula presencial da semana que vem

Linha 224 - 20:07 A2: vamos manter contato vai sair um trabalho bem legal...

Linha 225 - 20:07 A2: só temos que nos organizar...mas vejo que nossa organização foi boa!

Linha 226- 20:07 A1: bom também quero agradecer meninas, consegui pensar muito mais podendo dividir com vcs

Linha 227 - 20:07 A4: sim.. acho que devemos compilar os assuntos que debatemos hoje a noite!! Nosso trabalho ficará muito bom!! Estamos bem encaminhadas!!

Linha 228 - 20:07 A5: Concordo Com vc **A1**

Linha 229 - 20:08 A4: Também agradeço a todas vocês... foi maravilhoso!! Como é enriquecedor termos estes momentos... vamos conversando por email para construir a atividade da semana que vem!!

Linha 230 - 20:08 A1: ok

Linha 231 - 20:08 A4: Vou postar nossa conversa agora mesmo, ok??

Linha 232 - 20:08 A4: Deixem por minha conta!!

Linha 233 - 20:09 A2: ia perguntar isso agora

Linha 234 - 20:09 A5: Ok

Linha 235 - 20:09 A4: Um grande beijo, Bom Final de semana!!!

Linha 236 - 20:09 A2: perguntei para o **P** no Chat geral

Linha 237 - 20:09 A1: sem problemas **A4**

Linha 238 - 20:09 A2: vais postar então **A4**?

Linha 239 - 20:09 A2: obrigada

Linha 240 - 20:09 A2: *beijãao*

Linha 241 - 20:09 A2: bom *findi* e feriado!

Linha 242 - 20:09 A1: bom feriadão pra vcs *bjooo*

Linha 243 - 20:09 A4: sim!! Agorinha;... de qualquer modo, salvem uma versão nos *pc* de vcs, para garantir, ok??

Linha 244 - 20:09 A5: Então mandamos para vc **A4** o nosso texto que fizemos??

Linha 245 - 20:10 A2: qualquer coisa *acisa*

Linha 246 - 20:10 A4: Não... o texto cada uma posta o seu!!!

Linha 247 - 20:10 A5: para assim poder fazer o trabalho da *proxima* semana

Linha 248 - 20:10 A5: mais aonde?

Linha 249 - 20:10 A2: não **A5** a **A4** ira copiar nossa discussão no Chat e enviar

Linha 250 - 20:10 A4: Vou postar o Chat... o que conversamos hoje a *noitee*!! O texto é produção individual, entendes?

Linha 251 - 20:10 A5: Isso eu entendi **A2**

Linha 252 - 20:10 A4: SALVEM UMA VERSÃO!!

Linha 253 - 20:10 A2: ali no item 9 **A5** tem

Linha 254 - 20:10 A1: mas fica salvo já o Chat no *moodle*

Linha 255 - 20:11 A5: Sim isso eu entendi **A4**. *Mais nao* temos que enviar para ela

Linha 256 - 20:11 A1: todos os Chats são gravados gurias

Linha 257 - 20:11 A2: pode deixar **A4**

Linha 258- 20:11 A2: qualquer coisa avisa

Linha 259 - 20:11 A2: mas **A1** o professor pediu que *salvassemos* e *enviassemos*

Linha 260 - 20:11 A4: **A5**, o teu texto debes postar no *item* 9...

Linha 261 - 20:12 A5: Ok achei!!

Linha 262 - 20:12 A4: *blz!!*

Linha 263 - 20:12 A1: sim isso eu sei estou falando *q* não precisamos gravar em nossos *pcs*

Linha 264 - 20:12 A4: Beijão!!! Até mais!

Linha 265 - 20:12 A1: :D

Linha 266 - 20:12 A5: *Colocação* no local errado *eram* para ter colocado no item 10

Linha 267 - 20:12 A2: beijoos

Linha 268 - 20:12 A2: tenho que sair

Linha 269 - 20:13 A1: *\o/ bjoooooooo*

Linha 270 - 20:13 A1: */o*

Linha 271 - 20:14: A1 abandonou este Chat

Linha 272 - 20:15: A2 abandonou este Chat

Linha 273 - 20:16: A5 abandonou este Chat

Linha 274- 20:17: A4 abandonou este Chat

O excerto 4 apresenta os interagentes em fase interacional conclusiva, em outras palavras, de comportamento emergente, muito embora, esse também tenha acontecido nos

demais exertos, uma vez que a discussão no *Chat* está entendida como produção de sentido. Porém, os encaminhamentos dados ao agir, neste excerto, remetem-se a um nível mais elevado de emergência, entendido como resultante da prática do *Chat*. Sendo o resultado desta prática os atos de discutir, interagir e produzir conhecimento, possibilitando que interagentes em uma próxima etapa, prevista no cronograma da disciplina, aplicassem o conhecimento adquirido em um nível mais complexo, se comparado ao inicial, tendo em vista suas interações no *Chat*. As interações realizadas, neste excerto, apresentam a conclusão da discussão com a reflexão dos interagentes acerca do tema discutido, sendo essa entendida como *feedback do e no* processo de conclusão da atividade. A importância do conteúdo temático proposto nas condições iniciais parece ter sido o motivo que manteve os interagentes engajados por um período de tempo incomum a realização de um *Chat*.

Na linha 162, 163, 164 A4 retoma o fluxo interacional por meio de uma interação de construção de conhecimento que se refere à linha 150, embora A4 já tivesse visado o reequilíbrio interacional no excerto anterior. Então, A5 na linha 165 por meio de uma interação de manutenção a respeito da proposta, parece novamente perturbar a força entrópica da tentativa de restabelecimento da discussão. Ressalta-se que A5 ao longo deste excerto parece mais preocupado com a realização da tarefa do que com o conteúdo, embora depois se posicione acerca das tomadas de posição dos demais interagentes, mas ainda, de maneira superficial.

Ao longo das linhas 166-176 percebe-se que os interagentes estabelecem um contrato conversacional em tom de informalidade, todavia inserido no tema em pauta. Novamente, parece relevante enfatizar que A4 se esmera em manter o fluxo da interação síncrona. O questionamento feito por A5 (linha 165) não é respaldado pelo grupo, apenas por A4 (linha 173). Na linha 177 A4 retoma o fluxo em um tom formal, mas com o intuito de interagir com A4, A1 manifesta-se em tom informal. A4 e A5, então, sustentam o posicionamento de A1. A5 concorda com os demais se utilizando de uma interação entendida como primária ou de manutenção construída dado o tipo de discurso adotado. Porém, A5 (linha 182) perturba os demais interagentes quanto ao resgate de um equilíbrio discursivo coletivo, visto como coerente e propiciador de construções de conhecimento que se referem às linhas 177-181, A5 (linha 182) dá margem para que A1 na linha 183 também acabe por aderir ao tipo de interação de A5, levando o fluxo comunicacional a uma nova mudança de fase, desta vez ainda mais bifurcada no que se refere ao propósito central da atividade do *Chat*.

Nas linhas 186, 187, 188 A4 tenta restabelecer o tipo relato misto interativo-teórico com meio de perguntas e teorizações acerca do tema terapia virtual. Nas linhas 189-209

percebe-se que o fluxo conversacional é de fato restabelecido, embora o caráter composicional das interações seja diferente das apresentadas no excerto 2. Na linha 210, A1 comunica seu retorno, mesmo não tendo se ausentado oficialmente da plataforma, caso contrário, essa teria automaticamente informado os demais interagentes como já visto em outros excertos. Esse dado implica reflexões, que não serão tratadas aqui, intituladas como silêncio, pois A1 estava presente na plataforma, mas pelo que informa, presencialmente realizava outras atividades paralelas à aula em EAD.

A informação dada por A1 (linha 210) parece desequilibrar o quadro interacional que havia se estabilizado, pois A4 descreve a atividade como maravilhosa (linha 212) e refere-se ao trabalho escrito (linha 213) que deveriam entregar ao professor-pesquisador na aula seguinte. Ainda em caráter entrópico A4 tenta verificar se o grupo ainda tem algo a contribuir no coletivo (linha 214). Não tendo sido respaldada pelo coletivo, apenas por A5, A4, na verdade, a partir de seu enunciado insere no coletivo outra mudança de fase, que faz com que os interagentes visem a conclusão do *Chat*. Embora seu enunciado suscite isso, os interagentes em caráter autônomo e de auto-organização, sabem que ainda é preciso estabelecer acordos, para que o trabalho escrito a partir das leituras e do *Chat* possa ser elaborado sob a ótica do coletivo, acerca do que fora discutido. Nas linhas seguintes (216-231) os interagentes assumem interações de manutenção visando verificar se todos têm conhecimento a respeito da atividade da próxima semana.

Essas linhas evidenciam a auto-organização dos interagentes dada a autonomia do grupo em co-construir um conhecimento no coletivo e que implicava saber agir, teorizando e sustentando o outro, caso contrário, o grupo entraria em fases as quais parecia evitar. Fases estas associadas a um abrupto encerramento do *Chat*, sem que os encaminhamentos necessários fossem feitos. Destacam-se as linhas 218, 224, 229 em que os interagentes informam que continuarão se comunicando via e-mail, evidenciando que o fluxo interacional vai além do que se pode registrar e analisar aqui, sendo esse, não-linear e imprevisível. Continuar se comunicando a fim de cumprir uma atividade, remete ao grau de indeterminação do que se possa entender por aprendizagem não-linear.

Uma nova mudança de fase acontece nas linhas 232-270 em caráter mais informal, sendo identificado pelo uso de abreviações referente à grafia de algumas palavras (linhas 241-244), o que até então havia sido evitado dado o tipo de discurso e formalidade da discussão em fluxo. Ressalta-se que, depois de assumida uma escrita mais informal, que parece apontar para o término da tarefa, entendida como um momento de encaminhamentos finais, os interagentes ainda auto-regulam uns aos outros quanto ao que deve ou não ser feito (linhas

246-263). Nas linhas 271-274 a plataforma informa que os interagentes abandonaram o Chat. Realizado um panorama do excerto passa-se a abordagem dos aspectos associados aos tipos de discurso e movimentos de complexidade. O agir linguageiro manifestado está compreendido como discurso tipo relato interativo (linhas 213, 214, 225, etc.) que está calcado pela narração, que se estabelece na interação, apresentando elevada densidade verbal no presente e presença de pronomes. Este apontamento refere-se ao estabelecimento da noção de conjugação ao mundo discursivo situado no contexto virtual.

Diferentemente do excerto anterior, este apresenta coordenadas em conjugação e está marcado pela agentividade identificada, por exemplo, por pessoa do verbo e pronome possessivos (ex: linhas 162, 165, 168, 171, 172, 175, 181, 182, 184, 186, 189, 190, 192, 193, 195, 197, 200, 201, 202, 209, 210, 213, 214, 215, 219, 221, 227, 229, 231, 243, 244, 259, 260 - lembro, estou, gosto, nossa, confesso, vamos, concordo, entregamos, lhe, penso, sou, nos, minha, temos, ficamos, podemos, tu/temos, eu, sabemos, voltei, acho, meu, pensarmos, somos, entendi, li, debatemos, agradeço, vou, salvem, mandamos, salvássemos/enviássemos, debes). Ressalta-se, novamente, a ativa participação de A4, embora a Teoria da Complexidade desconsidere a perspectiva de que um participante/parte/subsistema deva ser compreendido como mais ativo do que outros, ainda mais que, neste estudo, se concebe a interconexão entre participantes. Embora, não concebido como superior ou inferior, mas em caráter de destaque, o agir de A4 parece sustentar as interações alheias, instigando o funcionamento da discussão, pois apresenta um tipo de discurso que visa à teorização. Ao teorizar, parece alterar seu vocabulário e a forma como disponibiliza o conteúdo de maneira extensa (ex: em média 4 ou mais linhas escritas), assim como, em seguida, altera para um discurso mais informal, a fim de realizar questionamentos.

Nesse tocante, pode-se perceber que A5, que não havia ingressado no momento em que a discussão fora iniciada, então, segue apontando um comportamento bifurcado, pois chegou atrasado, desconhecia as atividades propostas e, em meio ao andamento da discussão, verbalizava suas necessidades quanto ao que devia ser realizado para fins de avaliação. Identificou-se neste excerto o tipo de discurso relato misto interativo-teórico (ex: linhas 187, 188, 190, 191, 192, 193, 193, 195, 197, 201). O *Chat* Educacional em grupos como proposto em relação ao *Chat* Coletivo, pode ser entendido como propiciador de interações complexas e dinâmicas de construção de conhecimento, complementando outros tipos de *Chats*. O *Chat* em grupos difere-se dos demais, que, em geral, apresentam elevado número de participantes. A constituição dos tipos de discurso apresentou baixo índice de abreviações quando associada

às interações de construção de conhecimento, mas surgindo quando os interagentes percebiam que a situação comunicacional comportava uma escrita de caráter eletrônico.

Ao longo dos excertos apresentados e divididos a respeito da temática identificada, esses foram compostos por diferentes mudanças de fases dentro que cada excerto e não apenas na transição de um excerto para o outro. Assim, pode-se afirmar que o contexto e a situação de comunicação constituídas na interação causam a adoção de um tipo específico de discurso e atividade de linguagem frente ao outro. Implícito às fases de mudança vê-se a percepção dos interagentes quanto ao fluxo interacional, apontando para a ideia de que no coletivo novos comportamentos são manifestados e apoiados ou não.

Resumo das características identificadas
<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos de complexidade 1, 2, 3 e 4 em evidência. <p>Constituídos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de implicação e disjunção ao mundo discursivo • Discurso: tipo relato interativo e relato misto interativo-teórico • Interações de manutenção (primárias) e de construção de conhecimento (secundárias)

- Movimentos de complexidade 1, 2, 3 e 4 em evidência.

Constituídos por:

- Relação de implicação e disjunção ao mundo discursivo
- Discurso: tipo relato interativo e relato misto interativo-teórico
- Interações de manutenção (primárias) e de construção de conhecimento (secundárias)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo serão retomadas algumas idéias, destacando-as por serem consideradas contribuições deste estudo para o tema proposto. De acordo com afirmação de Larsen-Freeman e Cameron (2008), uma das referências, deste estudo, de que para se realizar uma boa aplicação da Teoria da Complexidade é preciso descrever o sistema. Então, ao longo desta dissertação, descreveu-se o agir linguageiro dos interagentes, enquanto interação em aula em EAD, com a finalidade de compreender de que maneira tais práticas educacionais foram construídas em uma perspectiva síncrona sistêmica. No que diz respeito aos pressupostos epistemológicos, teve-se o cuidado de oferecer uma ótica que se justificasse pela adoção de uma compreensão complexa do objeto de estudo.

Por meio das contribuições dos autores debruçados sobre a Teoria da Complexidade, realizou-se o estabelecimento do diálogo entre a Teoria da Complexidade e a Linguística Aplicada em uma perspectiva sistêmica quanto às ações humanas situadas. Então, estabeleceu-se o alinhamento da abordagem sistêmica proposta por Larsen-Freeman e Cameron (2008) e demais autores aos estudos de Bronckart (1999, 2008, 2010) reafirmando, desse modo, a importância de se considerar a complexidade e a não-linearidade atreladas ao desenvolvimento humano.

O agir linguageiro enquanto SACs e os aspectos mais relevantes, uma vez que não se tratou de uma revisão de literatura, foram discutidos a fim de situar tais pressupostos teóricos. Tendo entendido a abordagem sistêmica como possível de se pensar o desenvolvimento por meio de práticas situadas, delineou-se um capítulo quanto ao agir em contexto virtual, desta forma, apresentou-se alguns dados do corpus da pesquisa de maneira ilustrativa, sendo esses posteriormente aprofundados. Os dados apresentados foram constituídos pelo entendimento de que ao se tratar de uma ótica ainda em inserção aos estudos linguísticos, pontuar por meio de exemplos empíricos aquilo que se teorizava, seria significativo para o entendimento da perspectiva complexa em EAD.

Ao propor movimentos de complexidade, constituídos durante o percurso de realização deste estudo, como um construto teórico elaborado pelo pesquisador, entendeu-se que melhor seria apresentá-los antes da análise de dados, pois auxiliariam na compreensão desta, remetendo à constituição do agir linguageiro em situações de mudança de fase. No que tange a análise de dados, as mudanças de fase foram apresentadas em forma de excertos em relação às fases apresentadas pelos interagentes durante o todo processual. Essas evidenciaram que um mesmo excerto apresentava mais de uma fase, o que fortaleceu a adoção

do movimento de dinamicidade interacional entre interagentes em nível macro e microestrutural.

Nesta perspectiva, investigou-se como os interagentes foram influenciados pelos fatores internos e externos ao *Chat*, durante a realização das interações na modalidade escrita da discussão de dois textos em contexto de EAD. Como referido, neste estudo, o engajamento interacional, por vezes, se deu entre pares e não de forma coletiva, embora o Chat analisado tenha manifestado maior engajamento no coletivo. Outro aspecto evidenciado por este estudo foi o de que alguns interagentes, de fato, se esforçam para manter o fluxo, enquanto outros pareceram não perceber que a problematização de um tema quando discutido, deve seguir rumo à reflexão deste, a fim de que constatassem determinados aspectos acerca do que estavam discutindo.

A não percepção da necessidade de manter o fluxo interacional, como mencionado na análise de dados, fez com que alguns interagentes não estruturassem seus agires linguageiros por meio de um tipo de discurso que possibilitasse ao outro recuperar o fluxo interacional. Assim, pode-se notar que quando o interagente manifestava interações de manutenção, por meio do discurso relato interativo e não por meio de interações de construção de conhecimento, entendidas como relato misto interativo-teórico, este, nem sempre foi correspondido, pois os interagentes tendiam a deixar para depois as necessidades manifestadas por aqueles que parecem compor o coletivo de maneira superficial às práticas que estavam em processo. Neste caso, quando um interagente manifestava-se por meio de um discurso relato interativo questionando algo associado ao funcionamento da disciplina e não acerca do tema que estava sendo discutido por meio de um discurso tipo relato misto interativo-teórico este não era respaldado imediatamente pelos demais.

Outro aspecto relevante foi o de que alguns interagentes apresentaram um número próximo de interações se observadas de forma quantitativa, aspecto não utilizado nesse estudo, mas, que, por outro lado, tratou de implicar a constatação de que embora alguns tenham apresentado um número próximo de interações, essas foram distintas. A distinção entre as interações deu-se em relação ao tipo de discurso adotado, pois, em geral, pensa-se que quem interage significativamente, parece sustentar relações de construção de conhecimento. Nesta abordagem, foi possível identificar que interagir não significa potencializar o tema em questão, mas sim direcionar-se ao outro sem que especificamente se mencione o eixo central do propósito do *Chat*. Os interagentes que mais fizeram uso do tipo de discurso relato misto interativo-teórico sustentaram interações mais substanciais do que aqueles que utilizaram o tipo de discurso relato interativo. Os interagentes apropriados do tipo

de discurso relato misto interativo-teórico também tiveram suas interações em situação de mudança de fase, sofrendo oscilações quando de uma fase a outra. Ficou mais nítida a mudança de fase destes interagentes, se comparadas às interações daquele que mantiveram-se quase sempre no discurso relato interativo entendido como interação de manutenção.

Os agires linguageiros por meio da influência de fatores externos apontaram para o fato de que os interagentes agem e mantêm dupla atuação em diferentes contextos simultaneamente. Assim como dão continuidade às práticas iniciadas no *Chat* analisado, pois como apontado na análise de dados, mais de um interagente sugere que deveriam seguir se comunicando via email e MSN. Este aspecto acarreta em um novo entendimento quanto ao desenvolvimento humano em contexto virtual de EAD, pois estar manifestadamente presente, não significa inter(agir), sendo que pode-se estar em outro espaço interacional naquele exato momento em que a interação virtual demanda a presença do suposto interagente engajado.

Referindo-se às mudanças de fase, antes mencionadas, foi possível identificar os tipos de discurso que se estabeleciam como potencializadores de interações complexas de construção do conhecimento, bem como interações de manutenção, que diminuía o caráter entrópico ao longo do fluxo conversacional. Deste modo, os tipos de discurso (BRONCKART, 1999), no contexto pesquisado, foram identificados como sendo apenas dois, uma vez que o tipo discurso teórico e o tipo narração, não estão compreendidos com possíveis de se efetuarem, dado o contexto e os aspectos interacionais que não permitem que os interagentes constituam esses tipos de discurso sem que sejam mistos.

Deste modo, os discursos tipo teórico e tipo narração não foram identificados nos excertos, pois a interação em EAD está calcada em um falar e construir com o outro, sendo o caráter basilar do contexto aula em EAD. Além do fato de que tal ambiente interacional preconiza um agir co-construído e embasado pela autonomia e o compartilhamento de práticas sociais. Se constituído fosse, o discurso teórico implicaria em extremo grau de artificialidade, pois o interagente ao praticá-lo teria que monitorar sua constituição a ponto de não apresentar marcas dêiticas, assim como não dirigir-se a outro, aspecto este que em contexto de aula em EAD seria nada propiciar de interações complexas ou didatizantes entre pares ou de maneira coletiva.

Na perspectiva sistêmica adotada por este estudo considerar o discurso puramente teórico, nesse contexto de práticas, seria não levar em consideração que por mais que tal discurso seja realizado por um professor em uma aula, dentro das possibilidades do contexto, este teria que se dirigir aos alunos e esses ao professor. As marcas de agentividade dos interagentes, professor e alunos, não podem ser excluídas, sendo assim não se tem um

discurso de sala de aula como teórico, mas sim como relato misto interativo-teórico, justificado pelo caráter interacionista que o ato de ensinar ou aprender traz consigo, a interação. Por sua vez, os interagentes ao terem como objetivo a utilização do *Chat* para fins de realização de atividades institucionalizadas em caráter de aprendizagem, estavam, por excelência, implicados e em conjunção a seus agires languageiros.

Nesta perspectiva, os tipos de discurso identificados foram o discurso relato interativo-teórico, que sustenta interações de construção do conhecimento e o relato interativo quanto às interações de manutenção. A identificação deste aspecto deu-se por meio da análise detalhada das interações associadas aos tipos de discurso e remetendo às seguintes definições quando em contexto virtual, enquanto contribuição deste estudo:

a) Interações de manutenção ou primárias

São descentralizadas em relação ao tópico da discussão e são atividades discursivas que se caracterizam por apresentar um vocabulário mais informal relacionado às atividades cotidianas como: comentários entre atividade, combinações, frases curtas com número reduzido de caracteres. Estas interações, embora, mais frequentes, apresentam uma tematização superficial quando contrastadas ao tema central em questão. Interações menos densas, mas que mantêm a sustentabilidade sistêmica interacional do ambiente e evidenciam significativos processos interacionais. Estas interações se constituem como aberturas, retomadas, fechamentos de turnos, frases afirmativas curtas e compostas por vocabulário relativamente simples, assim como *emoticons* e hiperlinks.

b) Interações de construção de conhecimento ou secundárias

São centralizadas no tópico e são atividades discursivas que se caracterizam por apresentar um vocabulário mais formal relacionado às atividades institucionalizadas como: discussões, problematizações, questionamentos, frases mais longas com um número maior de caracteres. Estas interações, embora, menos frequentes (embora neste *Chat* frequentes), apresentam uma tematização mais aprofundada quanto ao conteúdo. Interações mais densas que devido às formalidades não se caracterizam por dar sustentabilidade sistêmica interacional ao ambiente, mas se concentram no âmago interacional das atividades propostas na plataforma educacional.

Os movimentos de complexidade apontaram ao longo das análises para agires que se constituíram por fases que estão ligadas a outras, ou seja, os excertos estão todos impregnados

por agires complexos que inseridos na dinâmica do *Chat* apresentaram a não-linearidade do agir humano em contexto virtual. A concepção de agir não-linearizado faz com a aprendizagem em EAD deva ser entendida como um processo contínuo de transformação não-hierarquizada, remetendo à noção de co-construção entre pares ou coletiva. A proposta de *Chats* em grupos menores (CRYSTAL, 2005) e não em grupos com o total de interagentes da disciplina, parece contribuir para com a construção de ambientes dinâmicos de interações que não fiquem à margem de tirar dúvidas de manutenção da disciplina, mas que possibilitem um agir linguageiro de construção de conhecimento.

O estudo evidenciou que quando os interagentes encontram-se engajados em um fluxo conversacional em um número menor, houve a possibilidade de construção de posicionamentos e identidades institucionalizadas por meio do agir linguageiro. Esse aspecto implica sugerir que quanto maior o grau de interação em contexto de EAD, mais integrada a disciplina estará, pois suas partes, os interagentes, conhecem-se e sabem como, enquanto grupo, podem ocupar os espaços destinados a eles na plataforma educacional, em situações apresentadas como aula.

A construção de *Chats* em grupos pareceu indiscutivelmente possível, pois ao informar os interagentes de que deveriam integrar grupos de no máximo cinco interagentes e que em um horário específico o grupo deveria reunir-se, e seguir as orientações acerca da atividade, estes trataram em caráter autônomo de construir grupos de maneira síncrona, durante o *Chat* anterior à realização do *Chat*. O caráter síncrono evidenciou o quanto complexas as relações em um *Chat* podem ser e que as interações decorrentes deste contexto, podem oferecer condições genuínas de aprendizagem e de aproximação dos interagentes, envolvendo um caráter que se constrói pela interação e aproximação ao outro.

O espaço interacional *Chat* é um dos únicos espaços de uma plataforma educacional que parece sustentar a demanda interacional humana síncrona, que por suas práticas coletivas deseja ter uma identidade estabelecida, assim como sentir-se parte de um todo, neste caso, sentir-se como alguém que influencia e sofre influências por parte do que acontece interna e externamente em uma disciplina de EAD. Os interagentes manifestaram a importância de juntos construir determinados saberes, dando uns aos outros *feedbacks* positivos quanto à interação no *Chat* e da oportunidade de poderem encontrar um espaço para com o outro construir diferentes perspectivas a respeito de um assunto, sendo que a multiplicidade das vivências de cada um torna ainda mais complexa a construção de um saber quando compartilhada no *Chat*.

A necessidade de utilização do *Chat* parece iminente em qualquer disciplina de EAD que vise um grupo integrado e que de fato saiba como estão construindo conhecimento e não simplesmente postando tarefas escritas que, em geral, se resumem a trabalhos isolados ao contexto interacional da plataforma. A constituição de um ambiente dinâmico implica estar como o outro, crescer com o outro e não anular o outro, pois mais do que um espaço de postagem de tarefas, o contexto de EAD demanda que os envolvidos em todas as instâncias de ensino e aprendizagem sejam capazes de constituir uma trajetória de vivências apoiadas *no e pelo* outro.

Em consonância com Morin, (2009, p.328) pensa-se que “Negar a complexidade equivale a negar o humano e perder suas oportunidades de gerar mudança”. Pois como o autor afirma, o meio não pode ser concebido como um quadro estável, mas um local de surgimento de acontecimentos que pelas razões explicitadas, nesta dissertação, estão interrelacionadas umas às outras em uma perspectiva sistêmica em rede. O surgimento de novos comportamentos e padrões interacionais, remete-se à noção sustentada no decorrer deste estudo de que a mudança é inevitável e contínua.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERTALANFFY, Ludwing Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Org.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 121-160.
- _____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução de Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- _____. Gêneros textuais, tipos de discurso e operações psicolinguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 49-69, 2003
- _____. Les différentes formes d'interaction et leur statut dans une science du langage. Réflexions. **Calidoscópico**. São Leopoldo: Unisinos, Vol. 8, n. 2, p. 154-164, mai/ago 2010
- BULEA, Ecaterina. **Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade**. Mercado das Letras. Campinas. 2010
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CORRÊA, Ygor. **Sistemas complexos e a aprendizagem de línguas em EAD**. 2010. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Linguagem, Interação e Aprendizagem, Porto Alegre, 2010 e 7º Seminário Nacional Linguagem, Discurso e Ensino, Porto Alegre, 2010.
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FRAGA, Dinorá Moraes de. **Competências transdisciplinares na educação lingüística em ambiente informatizado**. São Leopoldo, [2004a]. Projeto de pesquisa aprovado pela Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação da Unisinos.
- _____. Um estudo sociointeracionista da emoção, na emergência da *internet* como contexto de produção textual. **Revista da ABRALIN**, Brasília, DF, v. 6, n. 2, p. 215-233, jul./dez. 2007a.
- _____. Inserção epistemológica da teoria da complexidade nos estudos linguísticos: sobre fragmentos e totalidades. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 5, n. 3, p. 185-189, set./dez. 2007b.
- _____. *A internet* como contexto de produção textual: possíveis implicações do ISD. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 55-59, jul./dez. 2004b.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011

GLEICK, James. **Caos: a criação de uma nova ciência**. 16. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JOHNSON, Steven. **Emergência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LANDOW, George P. **Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/complexity Science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, Oxford, v. 18, n. 2, p. 141-165, June 1997.

_____. Second language acquisition and applied linguistics. **Annual Review of Applied Linguistics**, Cambridge, n. 20, p. 165-181, 2000.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFFA, Wilson J. Se muda o mundo muda: ensino de línguas sob a perspectiva do emergentismo. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 24-29, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital**. 2002. Trabalho apresentado à Conferência no GEL, São Paulo, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELLA, Francisco. **The three of knowledge: the biological roots of human understanding**. Boston: Shambala, 1987.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

MORIN, Edgar; LE. MOIGNE, Jean Louis. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

_____; _____. **Inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

NICK, C. Ellis; LARSEN-FREEMAN, Diane (Ed.). **Language as a complex adaptive system**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009

PAIVA, Vera Lúcia M. O. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, F. C. (Org.) **Reflexão e Prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Clara Luz, 2005. p. 23-36.

PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**. Brasília: Editora UNB, 1997.

RICOUER, P. **Semântica da Ação**. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SCHLEMMER, Eliane D. R. Projetos de aprendizagem baseados em problema no contexto da WEB 2.0: possibilidades para a prática pedagógica. Revista e-Curriculum, Vol. 4, Núm. 2, junho, 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SILVERMAN, David. **Doing qualitative research: a practical handbook**. London: SAGE, 2000.

SMITH, L. **Chaos: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2007

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 22 Ed. São Paulo, SP: Editora, Cultrix, 2004

VETROMILLE-CASTRO, Rafael. **A interação social e o benefício recíproco como elementos constituintes de um sistema complexo em comunidades virtuais de aprendizagem para professores de língua**. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

ANEXO A – Dados coletados

18:12: A 4: entrou no Chat

18:13: A2: entrou no Chat

18:14: A3: entrou no Chat

18:14: A1: entrou no Chat

18:15 A1: oi gurias, desculpem a demora mas o transito de porto alegre está um caos

18:16 A1: e minha internet tinha sido bloquEADa

18:16 A1: vamos ao que interessa?ou temos que esperar mais alguém?

18:17 A2: Olá A1

18:17 A3: estamos esperando todas chegarem...

18:17 A2: ainda está faltando o A5

18:18 A4: Oi A1, bem vindaa!!

18:18 A1: ta sem problemas gurias

18:18 A1: obrigada A4

18:19 A4: Podemos esperar mais alguns minutinhos, se concordarem, a A5 logo chega, imagino... qualquer coisa vamos iniciando aos poucos...

18:20 A2: ok, também acho

18:24 A4: Acho que a A5 não recebeu o último email.. será?

18:26 A1: pode ser ela esteja achando que nosso encontro será só as 19:30

18:26 A2: a resposta de vocês acho que não

18:26 A2: mas o meu sim

18:26 A2: pois ela respondeu para todas

18:27 A2: querem começar

18:27 A2: ?

18:27 A1: por mim podemos começar

18:28 A4: Acho que sim... depois vamos deixando ela a par...

18:28 A3: bom, por mim também

18:30 A4: Bem, nossa proposta de discussão é de fato um tema bastante instigante na Psicologia... foi uma das nossas discussões da aula de Ética hoje pela manhã, onde eu e a A2 podemos conversar a respeito, junto ao professor N. (Identidade preservada)

18:30 A2: nós vamos entrar no cht principal

18:30 A2: ?

18:31 A3: acho que sim

18:31 A4: Apenas após as 19:30, mas a atividade de hoje é aqui mesmo..

18:32 A4: Sobre terapias Virtuais...

18:32 A4: Os textos propostos, das reportagens, foram bastante pertinentes, já tinha ouvido falar sobre esta questão, mas ainda é um tema muito novo na psicologia. Alguém já tinha ouvido falar?

18:33 A1: já havia visto na internet alguns terapeutas virtuais

18:33 A3: Já sim, conheço uma pessoa que faz atendimento via e-mail

18:34 A2: bem durante a semana ao ler os textos estava com dificuldade de obter a resposta tão objetiva como ser contra ou a favor, pois aliás é uma discussão nova para nós estudantes, por isso como disse a A4 achei importante saber a opinião do professor N. (Identidade preservada) e buscar um pouco mais...

18:34 A3: moram em cidades diferentes

18:35 A2: e esta pessoa é psicóloga?e ela faz terapia?ou apenas orientação psicológica?

18:35 A3: e qual foi a opinião dele?

18:35 A4: Pois bem, e esta é uma questão delicada, pois apenas os sites que tiverem o selo de autorização cedido pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) é que podem ter acesso a esta prática, na condição lícita, MAS APENAS EM CARÁTER EXPERIMENTAL!! Concordo que se tenha uma normatização de nossa prática, é muito importante para a categoria!!

18:35 A3: ela faz orientação psicológica

18:36 A4: Muito bem lembrada a diferença da orientação psicológica e da terapia...

18:37 A1: gurias compartilhem o que o prof N.(Identidade preservada) falou sobre o tema

18:37 A3: pois é, acontece que as pessoas procuram por ser a forma mais fácil (tempo e dinheiro) e nem sabem que está em caráter experimental!!!

18:37 A4: A orientação diz respeito a tomadas de decisões, orientações breves, tais como testes vocacionais e a terapia é o tratamento terapêutico em si...

18:38 A3: isso mesmo

18:38 A4: Verdade A3, aí, esta é uma questão ética do profissional, pois se for pesquisa para contribuir na área - estudo, deve-se ter o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..

18:38 A4: E será que todos os profissionais tem este cuidados?

18:39 A3: com certeza não!

18:40 A4: Não apenas pelo custo que é reduzido, as pessoas buscam a terapia virtual pela questão da distância, como quem vai morar em outra cidade e não quer se desligar da terapia, e claro, colegas, sabemos dos fortes vínculos que se constituem nesta relação terapêutica, quando há a fragilidade que o sofrimento provoca...

18:40 A4: Como as leituras referidas para a discussão referenciam..

18:40 A4: A1, respondendo sua questão.. **A2,** me ajude... vamos tentar passar para as meninas...

18:40 A2: também concordo que se tiver uma normatização desta prática será muito importante para categoria, mas como o N. (Identidade preservada) disse desde que tenha uma regulamentação para essa prática...

18:42 A3: concordo contigo, A2!

18:43 A4: Realmente, é complicado discorrer sobre isto, pois não sabemos as consequências positivas e negativas... mas há algo muito importante: A DEMANDA SOCIAL. Hoje a internet é instrumento intrínseco na vida de todas as pessoas, e os pacientes estão habituados com a mesma... então, pensa-se ser uma maneira diferenciada de atendimento - até mesmo atendimento criativo e que conforme citado pelo FILÓSOFO FRANCÊS PIERRE LÈVI, "tempo-espço zero", ou seja, a informação pode estar em todo o lugar e em todo o momento, e para as terapias, podemos nos valer desta teoria para dizer... atendimento em qualquer hora e em qualquer lugar,... é a acessibilidade!!

18:43 A2: Pois é sim uma prática diferente da psicoterapia presencial, mas não quer dizer que precise ser igual, apenas com uma metodologia e perspectivas teóricas adequadas

18:43 A1: mas gurias, vocês acreditam que esta "terapia virtual" seja válida para o psicólogo e para o paciente?

18:44 A3: particularmente, não! suas particularidades, não há dúvidas!!

18:44 A4: Legal **A2**!! Concordo, "não precisa e não pode ser igual à terapia presencial"!!!! Isto é importante, pois esta modalidade de terapia possui

18:46 A3: existe uma grande importância da relação psicoterapêutica ser presencial, pois há uma variedade de elementos a serem avaliados, como: sentimentos, expressões, raivas, angústias, alegrias, que são compartilhadas das mais diversas formas durante o encontro terapêutico

18:46 A1: acho que é um campo novo, onde a maior parte das pessoas está mais habituada a lidar com a internet pra resolver todos os problemas, mas acaba limitando no meu entendimento

18:46 A2: penso que em um breve espaço de tempo estaremos que estar inseridos nesse universo virtual, onde essas tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, e se não pudermos nos apropriar delas, é claro com muito cuidado, pois é um meio muito perigoso, estaríamos perdendo este vasto campo para outras pessoas que "dariam conta" disso...

18:47 A4: Em meu escrito, não me posicionei, pois não tenho uma opinião formada, e argumentei que há duas facetas para isto... ou seja, os benefícios de um atendimento cômodo e barata e em contraste, um compromisso ético para com o paciente que nos procura, e se nos procura, é porque possui um adoecimento, e sabemos meninas que isto é muito sério.... O que me preocupa é a QUESTÃO ÉTICA. Pois pergunto: quem se responsabilizará se o paciente surta em meio ao atendimento e foge de nosso controle, o que podemos fazer?

18:49 A2: Sim **A4** também não me posicionei como disse ainda é muito novo e precisamos de mais subsídios para isso, em um momento que os próprios conselhos regionais e federal estão em discussão...

18:49 A3: penso que deve ser melhor estudado.

18:49 A4: Mas concordo também que é a realidade que logo teremos que nos adequar... mas ainda há UM LONGO CAMINHO PELA FRENTE, É PRECISO NORTEAR ALGUNS PADRÕES: tais como, o paciente passar por uma avaliação antes de seguir em um tratamento virtual.... seria uma idéia...

18:50 A1: "é nesta questão que eu penso muito, o contato pessoal é muito mais engrandecedor, pois o paciente pode se expor corporalmente, ele pode não falar nada mais o corpo dele vai mostrar sinais no caso de ele estar inventando algo, coisa que na internet ele simplesmente pode enganar

18:50 A4: Concordo **A1**, é o ler nas ENTRE LINHAS!! É muito importante, muitas vezes o silêncio e o corpo falam muito por si só!!!

18:51 A3: é assim que penso **A1**

18:51 A3: e na terapia virtual não se terá isso

18:52 A4: Já pensou se o paciente se irrita com o terapeuta... o que é comum... pois o terapeuta vai permeando algumas nuances que muitas vezes o paciente não quer ouvir... e o que ele fará? Poderá mascarar, desconectando a rede... fugindo de um reconhecimento e de uma dor que o processo terapêutico precisa passar para atingir sua valia...

18:52 A1: por mais que se tenha uma webcam ligada, a pessoa querendo ou não encara um personagem, infelizmente

18:52 A4: =terapeuta

18:53 A2: sim talvez não tenha nada a ver mas cheguei a pensar na psicossomática. Agora voltamos a convocar a psicologia a dar conta de uma antiga cisão entre corpo e mente, entre concreto e psicológico, entre realidade e verdade. Quais os limites e possibilidades do nosso saber?

18:54 A3: e o conselho tem a mesma opinião sobre o acompanhamento psicológico por telefone

18:55 A1: acho q tudo é adaptavel e modificável, porém penso q não adianta nada vc ter acesso e fazer mal uso daquilo q lhe é oferecido

18:56 A2: e é por isso que eu digo nos baseamos muito diferenciando da psicoterapia que estamos acostumadas, por isso precisamos de mais discussões de mais argumentos, subsídios. é uma caminhada longa como disse a **A4** e de muitos cuidados

18:56 A4: Muito bacana a relação com a Psicossomática! Não há dúvidas, é a manifestação do corpo que sintomatiza, registra o sofrimento...

18:57 A4: Tem um filme que foi referido pelo professor N. (Identidade preservada) que segue a linha destas nossas discussões... FICA A DICA: "Denise está chamando", é o nome do filme!! É na questão da terapia por telefone... muito interessante e contrinui neste pensar!!

18:58 A2: onde muitas vezes o paciente não se dará por conta disso, até mesmo nem irá contar para o terapeuta de algumas manifestações que podem ocorrer no corpo...

18:59 A4: Outra coisa que gostaria de compartilhar com vocês é que fiquei sabendo que um colega nosso da Psicologia que está se formando, quer estudar em seu TCC a temática dos ATENDIMENTOS VIRTUAIS. Interessantes este interesse, não é? E em nossa universidade, vamos ficar atentas para acompanhar o estudo... E cfe a professora orientadora comentou, a maior dificuldade é o acesso a profissionais que atuam na área, isto pe bastante comum no Rio de Janeiro....

19:00 A4: aqui ainda não se fala disto... uma área para explorar!!!!

19:00 A1: bem interessante mesmo

19:01 A2: sim temos muito o que explorar com certeza

19:01 A1: mas e autores que falem sobre esta terapia, existe alguns???

19:02 A4: Existem, mas pouquíssimos, realmente não saberia indicar...

19:03 A4: Me questionoo... vocês imaginaram a imensidão do campo da Psicologia... o quanto ainda deve ser explorado, já que é uma ciência super novaa!!

19:04 A3: é verdade

19:04 A1: é campo q não acaba mais e sempre surge novos

19:04 A1: mas e vocês gurias fazem terapia?fariam terapia virtual?

19:04 A2: as vezes me pergunto, e acho isso bom, estou sempre tentando buscar ao menos um pouco das práticas já existentes para saber um pouco de cada...

19:06 A4: Pensando em uma outra situação... por exemplo... Estamos atendendo um paciente x que por motivos particulares não poderá sair de casa, ou foi morar distante, ou está estudando no exterior, ou está passando as férias na Bahia... hehehe, e ele apresenta uma boa relação com nós, psicoterapeutas... e está com uma grande dificuldade de desligamento, e avaliamos que seria muito pertinente a terapia neste período de ausência, para não prejudicar o tratamento em si, então... na possibilidade da regulamentação da prática virtual, como dizer que não?? Qual seriam suas opiniões colegas?

19:07 A2: ainda não faço terapia pois não tenho tempo,mas tenho vontade assim que conseguir..e se eu faria também ainda não sei responder, depende do vínculo e das regulamentações, do sigilo, da situação...

19:07 A4: mesmo que não sejamos tão adeptos ao tratamento virtual? Ai não diz respeito a nossa vontade, desejo, opção de tratamento, MAS A UMA DEMANDA EXISTENTE E MANIFESTA NO PACIENTE.... complexo, não?

19:08 A1: é complicado se pensar nisso, porém volto a dizer q se for um caso q já está em tratamento a tempo acho q seria pertinente fazer este desligamento e encaminhar para outro profissional, mesmo sabendo que os vinculos são difíceis de se desfazer

19:09 A2: pois é **A4** acho que quando já há um vínculo como falamos hoje em aula, é diferente mesmo que o paciente possa se surpreender já é mais fácil aderir, mais natural...

19:09 A4: Também nunca fiz terapia, apenas uma sessão com minha família, em terapia familiar, quando eu estava no início do curso. É muito importante conhecer este outro lado, se por do outro lado... mas ainda não senti necessidade (até me preocupo com isso.. heheh,) acho que é porque ainda não fui para os estágios...

19:10 A2: Pois é **A1** hoje mesmo o N. (Identidade preservada) deu um exemplo que tinha clinica em uruguaiana e teve que fechar iria se mudar, porém a paciente ficou muito resistente ao desligamento ele atendeu ela durante um tempo por telefone, até conseguir passar para um colega...acho importante...

19:11 A3: eu faço terapia, acho muito importante no decorrer do curso e se eu faria terapia virtual? ainda não saberia responder.

19:11 A3: e tu **A1** faz terapia? faria terapia virtual?

19:11 A4: Como a **A2** colocou, o siligo é essencial!!

19:12 A4: É ÉTICO!!

19:12 A2: pois é **A4** eu comecei sentir necessidade depois que entrei para o estágio, talvez principalmente por ser extra e passar 30 horas em um local de uma realidade forte... Talvez por medo de pirar com tanta coisa hahaha

19:12 A4: Claro...

19:12 A1: eu fiz terapia com um terapeuta holístico, tratamento com florais, que não são bem aceitos ainda dentro da psicologia porém me fizeram muito bem, meu terapeuta prefere que as nossas relações sejam pessoais, quando eu me sinto mal marco uma consulta e conversamos, me sinto muito bem com ele, pois posso não falar muito e ele me entende, mas virtual não sei se faria, até tentei uma vez por curiosidade, mas não é a mesma coisa

19:13 A2: e como o N. (Identidade preservada) disse é um campo que com certeza demanda muita ética.

19:13 A4: Eu acho que faria... mas deveria ter maior consistência, ou ao menos conhecer bem o profissional e ter o aval do CFP

19:15 A4: Lembrei de um aspecto...

19:15 A4: A terapia por seu caráter há RESTRIÇÕES!!

19:15 A2: pois é **A4** talvez eu faria mas ainda não sei responder por isso, pois sinto uma falta de consistência, e principalmente ainda não ter a posição concreta e aval do cfp...mas estamos no caminho com as discussões, até o final do curso quem sabe...

19:15 A4: Como fazer terapia INFANTIL na modalidade on line?

19:16 A3: muito boa colocação **A4**

19:16 A4: Ou com portadores de necessidade especial que não tenha condições para tal?

19:16 A3: penso que não tem como fazer

19:17 A1: é, se por um lado inclui algumas pessoas também exclui o acesso de outras

19:17 A2: pois é também me pergunto nessas situações em que a psicologia discute muito que as crianças hoje em dia não sabem mais brincar, criar, jogar...mas se tratando de computador elas sabem tudo...será que também não seria mais uma forma de naturalizar?

19:17 A2: ai são muitas incógnitas já me vejo viajando...haha

19:18 A3: hehe

19:18 A1: mas é uma viagem construtiva **A2**, a gente veio no mundo pra pensar, e diferentes maneiras de pensamento é q movem o mundo

19:19 A2: interessante **A1** hoje falamos em sala de aula também sobre uma psicologia que é inclusiva ou exclusiva?

19:21 A4: Verdade!!! Estou adorando nossas discussões!!!

19:21 A4: Mas nesta perspectiva, vejo a terapia infantil como forma de exclusão...

19:21 A4: É difícil para a criança ouvir... parar e ouvir...

19:22 A4: Ainda mais que a terapia infantil ocorre com o LÚDICO...

19:22 A4: A não ser que se criem modalidades de BRINQUEDOS VIRTUAIS... O que não penso ser tão distante... hihihih

19:23 A2: pois é já vejo por este lado não penso ser tão distante...e penso será que isto é bom?

19:24 A2: talvez na única oportunidade da criança estar podendo criar, inventar, conhecer brinquedos de madeira, podendo se sujar de argila?por enquanto acho isso essencial

19:25 A4: VERDADE!! Pois é necessário avaliar alguns ítems, tais como a CAPACIDADE COGNITIVA para tal prática..

19:26 A2: com certeza...

19:26 A1: é acho q a maioria das crianças hoje em dia não brincam com coisas q a gente brincava muito pela falta de tempo q elas tem, q os pais tem, acabam perdendo muito

19:27 A1: o tempo hoje é muito curto pra tudo

19:28 A2: ainda não vejo outra saída no momento para a terapia infantil, acho que ficar faltando algo muito importante

19:28: A1 abandonou este Chat

19:28 A4: sim... e não seria a terapia virtual também uma modalidade de usufruir do tempo de forma mais eficaz, ou não?

19:28 A4: Quantas discussões... REALMENTE INFINDÁVEIS!!

19:29: A1 entrou no Chat

19:30: A5 entrou no Chat

19:30 A5: oi

19:30: A1 abandonou este Chat

19:30: A1 entrou no Chat

19:31 A1: oi **A5**

19:31 A5: Oi

19:31 A3: gurias, minha filha acordou, vou ter que dar uma saída, estou sozinha em casa

19:31 A5: Sera que está só nós

19:31 A2: mas esses momentos em que me parei para refletir sobre a terapia virtual me lembrei da aula de psicologia da modernidade a contemporaneidade em que a professora dizia que hoje em dia não temos mais tempo para chorar, para se deprimir, para sofrer, e o quanto isso é importante, ter um tempo certo para isso que a gente possa se permitir , vejo a terapia presencial tão importante nesse momento, mas quem diz que não pode ser também...mas é um outro ponto que paro para pensar...penso ao mesmo tempo na naturalização das coisas...

19:31 A2: gurias desculpa se estou viajando muito hehehe

19:31: P entrou no Chat

19:32 A4: Sim, vá cuidar de seu baby... vamos inserir a **A5** no que conversamos até aqui...

19:32: A3 abandonou este Chat

19:33 A4: Oi **A5**!! Bem Vinda!! Já iniciamos as discussões, mas vamos te passar nossas discussões, queremos sua opinião...

19:33 P: Olá Pessoal! Parabênzo o grupo pela organização (constituição do grupo)! qualquer dúvida estarei no Chat Principal!Boa discussão!!!!!!

19:33 A1: capaz **A2** nestas tuas últimas palavras eu concordo plenamente com a professora

19:33 A4: **A2**, acho muitooo bacana os links que trazes para a discussão! Isto é essencial!!

19:33 A5: Ok

19:34 A4: Obrigada Professor! Vamos seguir discutindo, se puderes, fique conosco!!

19:34: P abandonou este Chat

19:35 A4: Ao encontro com a fala da **A2**, lembro uma citação da Professora M. L. (Identidade preservada), que tanto admiro!

19:35 A4: A pergunta é: QUAL É A MELHOR TERAPIA PARA O PACIENTE?

19:36 A4: Alguém chuta?

19:36 A5: Olha só estou com uma duvida, a respeito deste trabalho, temos que fazer as discussões e temos que entregar um texto de 25 linhas é isso correto??

19:36 A1: o travesseiro?

19:36 A1: skaoskoaksokaosko

19:36 A2: a fala que comentei é da professora L. P. (Identidade preservada), gosto muito dela também...

19:37 A4: heheheh

19:37 A4: O travesseiro... muito boa!!

19:37 A4: Nossa, semana acadêmica proporcionou grandes momentos! Eu não conhecia a Prof.^a L. P. (identidade preservada), adorei conhecê-la...

19:38 A2: pode chutar primeiro, já estou viajando muito **A4**...hehe mas confesso que estou adorando poder compartilhar esses pensamentos, tão importante para nossa capacidade crítica...

19:38 A4: Sim a **A5**...

19:38 A4: claro...

19:38 A4: Vamos pessoal, quero chetes...

19:38 A4: =chutes

19:38 A4: QUAL É A MELHOR TERAPIA PARA O PACIENTE?

19:38 A1: tem gente q fala q terapeuta de pobre é a caachaça mas eu acho q é o travesseiro, pq as vezes a gente tá mal, é só olhar pra ele q a gente já bate, grita aperta, joga longe, chora com ele

19:39 A4: Verdade!

19:39 A1: acho q se conhecer, na verdade se reconhecer é a melhor terapia

19:40 A5: Concordo com vc **A1**!!!!

19:40 A5: Aonde entregamos nosso texto?

19:40 A1: gurias só uma pergunta nada a ver segunda a unisinos abre ou não?

19:41 A4: No link... Sim, a unisinos abre

19:41 A1: obrigada

19:45 A4: O que lhe chamou a atenção?

19:47 A4: Na relação das terapias virtuais há uma DEMANDA que hoje se faz presente...

19:47 A4: afinal, a internet é acesso de todos, ferramenta indispensável...

19:48 A2: A4 quando penso em o quanto a terapia é importante para ser um tempo para nós, será que há concentração? fico imaginando várias páginas abertas ao mesmo tempo, barulho de televisão, saindo para comer algo...hahaha assim como estamos fazendo agora também

19:48 A5: Eu não sou contra nem a favor da terapia...nós como futuros psicólogos temos pontos negativos e positivos

19:48 A4: Mas nossas questões eram como fica a responsabilização ética? Como tratar de um surto em terapia virtual?

19:49 A4: Verdade A2, este é outro ponto de discussão... a concentração... a capacidade de ESTAR INTEIRAMENTE NA TERAPIA... Estás nos acompanhando A5?

19:49 A5: Na minha opinião tratar um surto virtualmente seria bem complicado, acho que não teria sucesso!!!

19:50 A5: Sim!

19:50 A4: Até pq temos uma responsabilidade ética do paciente que está sob nossos cuidados...

19:50 A4: mas acho que para algumas pessoas isto é possível, como diz nossa mestre L. C. (Identidade preservada) : NA PSICOLOGIA, NADA É LINEAR;....

19:51 A5: Pois é neste ponto ético acho que ficamos devendo

19:52 A4: Para algumas pessoas a terapia online pode inclusive ser mais eficaz que a terapia face a face... mas outra questão que discutimos é a EXCLUSÃO... Vc imagina crianças se inserindo nesta modalidade?

19:52 A5: Pois se acessar-mos um site que procurar por uma x terapia. Esta pessoa diz ser terapeuta e como vc não conhece como vai relatar seus problemas. Isto ao longo do tempo pode com certeza vir a prejudicar o paciente!!!

19:53 A5: Na minha opinião a terapia face a face é bem melhor pois, assim podemos observar as reações deste paciente. E se ele surtar virtualmente o que vc iriam fazer??

19:54 A2: pois é A4 mas ainda são pontos que como tu mencionou a melhor terapia para o paciente é aquela que ele precisa, temos muitos pontos em discussão mas não podendo generalizar...pensando em todos os lados...

19:54 A5: Eu iria ficar em pânico imagina!!!!Jesussssssssssss

19:54 A4: verdade!!

19:55 A4: Outra questão é o pagamento!!

19:55 A4: há de se pensar que é mais barato... até mesmo alguns sites informam o valor...

19:56 A5: Isso é. Mais fico pensando no resultado será que é o mesmo?

19:58 A4: relativo...

19:58 A4: pode ser que sim e pode ser que não...

19:58 A4: Mas ainda me vem em mente o quão é um sistema de exclusão... sabemos que há pessoas incapacitadas de fazer uma terapia online...

20:01 A1: voltei gurias

20:01 A4: Bem meninas... acho que nossas discussões ultrapassaram minhas expectativas!!

20:02 A4: Foi maravilhoso!!!

20:02 A4: Muito bom trocar idéias... Agora vou finalizar meu escrito e anexar temas que levantamos nesta noite...

20:02 A4: Alguém tem mais algo a dizer, para pensarmos juntas?

20:03 A5: Pois é.É bem complicado saber se somos contra ou a favor da terapia virtual!!!É uma discussão que gera bastante polemica!!!

20:03 A2: concordo **A4** acho que podemos finalizar nossos textos individuais a partir de nossa riquíssima discussão...achei muito bom muito obrigada meninas pelo acolhimento dos pensamentos...

20:04 A5: **A4** como vai funcionar, pois o que eu estava olhando no moodle temos que fazer um power point

20:05 A4: verdade, estou observando isto... vamos nos comunicando por email!!

20:05 A4: não entendi muito bem...

20:06 A5: Pois é só fiz o texto de 25 linhas.Mais agora nao sei aonde postar no moodle!!!

20:06 A2: isso mesmo li agora

20:06 A2: entendi mais ou menos

20:07 A2: mas é para a aula presencial da semana que vem

20:07 A2: vamos manter contato vai sair um trabalho bem legal...

20:07 A2: só temos que nos organizar...mas vejo que nossa organização foi boa!

20:07 A1: bom também quero agradecer meninas, consegui pensar muito mais podendo dividir com vcs

20:07 A4: sim.. acho que devemos compilar os assuntos que debatemos hoje a noite!! Nosso trabalho ficará muito bom!! Estamos bem encaminhadas!!

20:07 A5: Concordo Com vc **A1**

20:08 A4: Também agradeço a todas vocês... foi maravilhoso!! Como é enriquecedor termos estes momentos... vamos conversando por email para construir a atividade da semana que vem!!

20:08 A1: ok

20:08 A4: Vou postar nossa conversa agora mesmo, ok??

20:08 A4: Deixem por minha conta!!

20:09 A2: ia perguntar isso agora

20:09 A5: Ok

20:09 A4: Um grande beijo, Bom Final de semana!!!

20:09 A2: perguntei para o **P** no Chat geral

20:09 A1: sem problemas **A4**

20:09 A2: vais postar então **A4**?

20:09 A2: obrigada

20:09 A2: beijãao

20:09 A2: bom findi e feriado!

20:09 A1: bom feriadão pra vcs bjooo

20:09 A4: sim!! Agorinha;... de qualquer modo, salvem uma versão nos pc de vcs, para garantir, ok??

20:09 A5: Então mandamos para vc A4 o nosso texto que fizemos??

20:10 A2: qualquer coisa acisa

20:10 A4: Não... o texto cada uma posta o seu!!!

20:10 A5: para assim poder fazer o trabalho da proxima semana

20:10 A5: mais aonde?

20:10 A2: não A5 a A4 ira copiar nossa discussão no Chat e enviar

20:10 A4: Vou postar o Chat... o que conversamos hoje a noitee!! O texto é produção individual, entendes?

20:10 A5: Isso eu entendi A2

20:10 A4: SALVEM UMA VERSÃO!!

20:10 A2: ali no item 9 A5 tem

20:10 A1: mas fica salvo já o Chat no moodle

20:11 A5: Sim isso eu entendi A4. **Mais nao** temos que enviar para ela

20:11 A1: todos os Chats são gravados gurias

20:11 A2: pode deixar A4

20:11 A2: qualquer coisa avisa

20:11 A2: mas A1 o professor pediu que salvassemos e enviássemos

20:11 A4: A5, o teu texto debes postar no ítem 9...

20:12 A5: Ok achei!!

20:12 A4: blz!!

20:12 A1: sim isso eu sei estou falando q não precisamos gravar em nossos pcs

20:12 A4: Beijão!!! Até mais!

20:12 A1: :D

20:12 A5: Colocarão no local errado eram para ter colocado no item 10

20:12 A2: beijoos

20:12 A2: tenho que sair

20:13 A1: \o/ bjoooooooo

20:13 A1: /o

20:14: A1 abandonou este Chat

20:15: A2 abandonou este Chat

20:16: A5 abandonou este Chat

20:17: A4 abandonou este Chat

ANEXO B – Decreto EAD

Presidência da República**Casa Civil****Subchefia para Assuntos Jurídicos****DECRETO Nº 5.622, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2005.**

Vide Lei nº 9.394, de 1996

Texto compilado

Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o que dispõem os arts. 8º, § 1º, e 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

DECRETA:CAPÍTULO
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

I

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

§ 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

- I - avaliações de estudantes;
- II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;
- III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e
- IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso.

Art. 2º A educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades educacionais:

- I - educação básica, nos termos do art. 30 deste Decreto;
- II - educação de jovens e adultos, nos termos do art. 37 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
- III - educação especial, respeitadas as especificidades legais pertinentes;
- IV - educação profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) técnicos, de nível médio; e
 - b) tecnológicos, de nível superior;
- V - educação superior, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) seqüenciais;
 - b) de graduação;
 - c) de especialização;
 - d) de mestrado; e
 - e) de doutorado.

Art. 3º A criação, organização, oferta e desenvolvimento de cursos e programas a distância deverão observar ao estabelecido na legislação e em regulamentações em vigor, para os respectivos níveis e modalidades da educação nacional.

§ 1º Os cursos e programas a distância deverão ser projetados com a mesma duração definida para os respectivos cursos na modalidade presencial.

§ 2º Os cursos e programas a distância poderão aceitar transferência e aproveitar estudos realizados pelos estudantes em cursos e programas presenciais, da mesma forma que as certificações totais ou parciais obtidas nos cursos e programas a distância poderão ser aceitas em outros cursos e programas a distância e em cursos e programas presenciais, conforme a legislação em vigor.

Art. 4º A avaliação do desempenho do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante:

- I - cumprimento das atividades programadas; e
- II - realização de exames presenciais.

§ 1º Os exames citados no inciso II serão elaborados pela própria instituição de ensino credenciada, segundo procedimentos e critérios definidos no projeto pedagógico do curso ou programa.

§ 2º Os resultados dos exames citados no inciso II deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação a distância.

Art. 5º Os diplomas e certificados de cursos e programas a distância, expedidos por instituições credenciadas e registrados na forma da lei, terão validade nacional.

Parágrafo único. A emissão e registro de diplomas de cursos e programas a distância deverão ser realizados conforme legislação educacional pertinente.

Art. 6º Os convênios e os acordos de cooperação celebrados para fins de oferta de cursos ou programas a distância entre instituições de ensino brasileiras, devidamente credenciadas, e suas similares estrangeiras, deverão ser previamente submetidos à análise e homologação pelo órgão normativo do respectivo sistema de ensino, para que os diplomas e certificados emitidos tenham validade nacional.

Art. 7º Compete ao Ministério da Educação, mediante articulação entre seus órgãos, organizar, em regime de colaboração, nos termos dos arts. 8º, 9º, 10 e 11 da Lei nº 9.394, de 1996, a cooperação e integração entre os sistemas de ensino, objetivando a padronização de normas e procedimentos para, em atendimento ao disposto no art. 80 daquela Lei:

- I - credenciamento e renovação de credenciamento de instituições para oferta de educação a distância; e
- II - autorização, renovação de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos ou programas a distância.

Parágrafo único. Os atos do Poder Público, citados nos incisos I e II, deverão ser pautados pelos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância, definidos pelo Ministério da Educação, em colaboração com os sistemas de ensino.

Art. 8º Os sistemas de ensino, em regime de colaboração, organizarão e manterão sistemas de informação abertos ao público com os dados de:

- I - credenciamento e renovação de credenciamento institucional;
- II - autorização e renovação de autorização de cursos ou programas a distância;
- III - reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos ou programas a distância; e
- IV - resultados dos processos de supervisão e de avaliação.

Parágrafo único. O Ministério da Educação deverá organizar e manter sistema de informação, aberto ao público, disponibilizando os dados nacionais referentes à educação a distância.

CAPÍTULO II DO CREDENCIAMENTO DE INSTRUÇÕES PARA OFERTA DE CURSOS E PROGRAMAS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Art. 9º O ato de credenciamento para a oferta de cursos e programas na modalidade a distância destina-se às instituições de ensino, públicas ou privadas.

Parágrafo único. As instituições de pesquisa científica e tecnológica, públicas ou privadas, de comprovada excelência e de relevante produção em pesquisa, poderão solicitar credenciamento institucional, para a oferta de cursos ou programas a distância de:

- I - especialização;
- II - mestrado;
- III - doutorado; e
- IV - educação profissional tecnológica de pós-graduação.

Art. 10. Compete ao Ministério da Educação promover os atos de credenciamento de instituições para oferta de cursos e programas a distância para educação superior.

§ 1º O ato de credenciamento referido no caput considerará como abrangência para atuação da instituição de ensino superior na modalidade de educação a distância, para fim de realização das atividades presenciais obrigatórias, a sede da instituição acrescida dos endereços dos pólos de apoio presencial, mediante avaliação in loco, aplicando-se os instrumentos de avaliação pertinentes e as disposições da Lei nº 10.870, de 19 de maio de 2004. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 2º As atividades presenciais obrigatórias, compreendendo avaliação, estágios, defesa de trabalhos ou prática em laboratório, conforme o art. 1º, § 1º, serão realizados na sede da instituição ou nos pólos de apoio presencial, devidamente credenciados. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 3º A instituição poderá requerer a ampliação da abrangência de atuação, por meio do aumento do número de pólos de apoio presencial, na forma de aditamento ao ato de credenciamento. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 4º O pedido de aditamento será instruído com documentos que comprovem a existência de estrutura física e recursos humanos necessários e adequados ao funcionamento dos pólos, observados os referenciais de qualidade, comprovados em avaliação in loco. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 5º No caso do pedido de aditamento visando ao funcionamento de pólo de apoio presencial no exterior, o valor da taxa será complementado pela instituição com a diferença do custo de viagem e diárias dos avaliadores no exterior, conforme cálculo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 6º O pedido de ampliação da abrangência de atuação, nos termos deste artigo, somente poderá ser efetuado após o reconhecimento do primeiro curso a distância da instituição, exceto na hipótese de credenciamento para educação a distância limitado à oferta de pós-graduação lato sensu. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 7º As instituições de educação superior integrantes dos sistemas estaduais que pretenderem oferecer cursos superiores a distância devem ser previamente credenciadas pelo sistema federal, informando os pólos de apoio presencial que integrarão sua estrutura, com a demonstração de suficiência da estrutura física, tecnológica e de recursos humanos. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

Art. 11. Compete às autoridades dos sistemas de ensino estadual e do Distrito Federal promover os atos de credenciamento de instituições para oferta de cursos a distância no nível básico e, no âmbito da respectiva unidade da Federação, nas modalidades de:

- I - educação de jovens e adultos;
- II - educação especial; e
- III - educação profissional.

§ 1º Para atuar fora da unidade da Federação em que estiver sediada, a instituição deverá solicitar credenciamento junto ao Ministério da Educação.

§ 2º O credenciamento institucional previsto no § 1º será realizado em regime de colaboração e cooperação com os órgãos normativos dos sistemas de ensino envolvidos.

§ 3º Caberá ao órgão responsável pela educação a distância no Ministério da Educação, no prazo de cento e oitenta dias, contados da publicação deste Decreto, coordenar os demais órgãos do Ministério e dos sistemas de ensino para editar as normas complementares a este Decreto, para a implementação do disposto nos §§ 1º e 2º.

Art. 12. O pedido de credenciamento da instituição deverá ser formalizado junto ao órgão responsável, mediante o cumprimento dos seguintes requisitos:

I - habilitação jurídica, regularidade fiscal e capacidade econômico-financeira, conforme dispõe a legislação em vigor;

II - histórico de funcionamento da instituição de ensino, quando for o caso;

III - plano de desenvolvimento escolar, para as instituições de educação básica, que contemple a oferta, a distância, de cursos profissionais de nível médio e para jovens e adultos;

IV - plano de desenvolvimento institucional, para as instituições de educação superior, que contemple a oferta de cursos e programas a distância;

V - estatuto da universidade ou centro universitário, ou regimento da instituição isolada de educação superior;

VI - projeto pedagógico para os cursos e programas que serão ofertados na modalidade a distância;

VII - garantia de corpo técnico e administrativo qualificado;

VIII - apresentar corpo docente com as qualificações exigidas na legislação em vigor e, preferencialmente, com formação para o trabalho com educação a distância;

IX - apresentar, quando for o caso, os termos de convênios e de acordos de cooperação celebrados entre instituições brasileiras e suas co-sinatárias estrangeiras, para oferta de cursos ou programas a distância;

X - descrição detalhada dos serviços de suporte e infra-estrutura adequados à realização do projeto pedagógico, relativamente a:

a) instalações físicas e infra-estrutura tecnológica de suporte e atendimento remoto aos estudantes e professores;

b) laboratórios científicos, quando for o caso;

~~c) pólos de educação a distância, entendidos como unidades operativas, no País ou no exterior, que poderão ser organizados em conjunto com outras instituições, para a execução descentralizada de funções pedagógico-administrativas do curso, quando for o caso;~~

c) pólo de apoio presencial é a unidade operacional, no País ou no exterior, para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância; (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

d) bibliotecas adequadas, inclusive com acervo eletrônico remoto e acesso por meio de redes de comunicação e sistemas de informação, com regime de funcionamento e atendimento adequados aos estudantes de educação a distância.

~~§ 1º A solicitação de credenciamento da instituição deve vir acompanhada de projeto pedagógico de pelo menos um curso ou programa a distância.~~

~~§ 2º No caso de instituições de ensino que estejam em funcionamento regular, poderá haver dispensa integral ou parcial dos requisitos citados no inciso I.~~

§ 1º O pedido de credenciamento da instituição para educação a distância deve vir acompanhado de pedido de autorização de pelo menos um curso na modalidade. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 2º O credenciamento para educação a distância que tenha por base curso de pós-graduação lato sensu ficará limitado a esse nível. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 3º A instituição credenciada exclusivamente para a oferta de pós-graduação lato sensu a distância poderá requerer a ampliação da abrangência acadêmica, na forma de aditamento ao ato de credenciamento. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

Art. 13. Para os fins de que trata este Decreto, os projetos pedagógicos de cursos e programas na modalidade a distância deverão:

I - obedecer às diretrizes curriculares nacionais, estabelecidas pelo Ministério da Educação para os respectivos níveis e modalidades educacionais;

II - prever atendimento apropriado a estudantes portadores de necessidades especiais;

III - explicitar a concepção pedagógica dos cursos e programas a distância, com apresentação de:

a) os respectivos currículos;

b) o número de vagas proposto;

c) o sistema de avaliação do estudante, prevendo avaliações presenciais e avaliações a distância; e

d) descrição das atividades presenciais obrigatórias, tais como estágios curriculares, defesa presencial de trabalho de conclusão de curso e das atividades em laboratórios científicos, bem como o sistema de controle de frequência dos estudantes nessas atividades, quando for o caso.

~~Art. 14. O credenciamento de instituição para a oferta dos cursos ou programas a distância terá prazo de validade de até cinco anos, podendo ser renovado mediante novo processo de avaliação.~~

~~§ 1º A instituição credenciada deverá iniciar o curso autorizado no prazo de até doze meses, a partir da data da publicação do respectivo ato, ficando vedada, nesse período, a transferência dos cursos e da instituição para outra mantenedora.~~

Art. 14. O credenciamento de instituição para a oferta dos cursos ou programas a distância terá prazo de validade condicionado ao ciclo avaliativo, observado o Decreto nº 5.773, de 2006, e normas expedidas pelo Ministério da Educação. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 1º A instituição credenciada deverá iniciar o curso autorizado no prazo de até doze meses, a partir da data da publicação do respectivo ato, ficando vedada a transferência de cursos para outra instituição. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 2º Caso a implementação de cursos autorizados não ocorra no prazo definido no § 1º, os atos de credenciamento e autorização de cursos serão automaticamente tornados sem efeitos.

~~§ 3º As renovações de credenciamento de instituições deverão ser solicitadas no período definido pela legislação em vigor e serão concedidas por prazo limitado, não superior a cinco anos.~~

§ 3º Os pedidos de credenciamento e recredenciamento para educação a distância observarão a disciplina processual aplicável aos processos regulatórios da educação superior, nos termos do Decreto nº 5.773, de 2006, e normas expedidas pelo Ministério da Educação. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 4º Os resultados do sistema de avaliação mencionado no art. 16 deverão ser considerados para os procedimentos de renovação de credenciamento.

~~Art. 15. O ato de credenciamento de instituições para oferta de cursos ou programas a distância definirá a abrangência de sua atuação no território nacional, a partir da capacidade institucional para oferta de cursos ou programas, considerando as normas dos respectivos sistemas de ensino.~~

~~§ 1º A solicitação de ampliação da área de abrangência da instituição credenciada para oferta de cursos superiores a distância deverá ser feita ao órgão responsável do Ministério da Educação.~~

~~§ 2º As manifestações emitidas sobre credenciamento e renovação de credenciamento de que trata este artigo são passíveis de recurso ao órgão normativo do respectivo sistema de ensino.~~

Art. 15. Os pedidos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores a distância de instituições integrantes do sistema federal devem tramitar perante os órgãos próprios do Ministério da Educação. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 1º Os pedidos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores a distância oferecidos por instituições integrantes dos sistemas estaduais devem tramitar perante os órgãos estaduais competentes, a quem caberá a respectiva supervisão. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 2º Os cursos das instituições integrantes dos sistemas estaduais cujas atividades presenciais obrigatórias forem realizados em pólos de apoio presencial fora do Estado sujeitam-se a autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento pelas autoridades competentes do sistema federal. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

§ 3º A oferta de curso reconhecido na modalidade presencial, ainda que análogo ao curso a distância proposto, não dispensa a instituição do requerimento específico de autorização, quando for o caso, e reconhecimento para cada um dos cursos, perante as autoridades competentes. (Incluído pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

Art. 16. O sistema de avaliação da educação superior, nos termos da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, aplica-se integralmente à educação superior a distância.

Art. 17. Identificadas deficiências, irregularidades ou descumprimento das condições originalmente estabelecidas, mediante ações de supervisão ou de avaliação de cursos ou instituições credenciadas para educação a distância, o órgão competente do respectivo sistema de ensino determinará, em ato próprio, observado o contraditório e ampla defesa:

I - instalação de diligência, sindicância ou processo administrativo;

II - suspensão do reconhecimento de cursos superiores ou da renovação de autorização de cursos da educação básica ou profissional;

III - intervenção;

IV - desativação de cursos; ou

V - descredenciamento da instituição para educação a distância.

§ 1º A instituição ou curso que obtiver desempenho insatisfatório na avaliação de que trata a Lei nº 10.861, de 2004, ficará sujeita ao disposto nos incisos I a IV, conforme o caso.

§ 2º As determinações de que trata o **caput** são passíveis de recurso ao órgão normativo do respectivo sistema de ensino.

CAPÍTULO III DA OFERTA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA MODALIDADE A DISTÂNCIA, NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 18. Os cursos e programas de educação a distância criados somente poderão ser implementados para oferta após autorização dos órgãos competentes dos respectivos sistemas de ensino.

Art. 19. A matrícula em cursos a distância para educação básica de jovens e adultos poderá ser feita independentemente de escolarização anterior, obedecida a idade mínima e mediante avaliação do educando, que permita sua inscrição na etapa adequada, conforme normas do respectivo sistema de ensino.

CAPÍTULO IV DA OFERTA DE CURSOS SUPERIORES, NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Art. 20. As instituições que detêm prerrogativa de autonomia universitária credenciadas para oferta de educação superior a distância poderão criar, organizar e extinguir cursos ou programas de educação superior nessa modalidade, conforme disposto no inciso I do art. 53 da Lei nº 9.394, de 1996.

§ 1º Os cursos ou programas criados conforme o **caput** somente poderão ser ofertados nos limites da abrangência definida no ato de credenciamento da instituição.

§ 2º Os atos mencionados no **caput** deverão ser comunicados à Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação.

§ 3º O número de vagas ou sua alteração será fixado pela instituição detentora de prerrogativas de autonomia universitária, a qual deverá observar capacidade institucional, tecnológica e operacional próprias para oferecer cursos ou programas a distância.

Art. 21. Instituições credenciadas que não detêm prerrogativa de autonomia universitária deverão solicitar, junto ao órgão competente do respectivo sistema de ensino, autorização para abertura de oferta de cursos e programas de educação superior a distância.

§ 1º Nos atos de autorização de cursos superiores a distância, será definido o número de vagas a serem ofertadas, mediante processo de avaliação externa a ser realizada pelo Ministério da Educação.

§ 2º Os cursos ou programas das instituições citadas no **caput** que venham a acompanhar a solicitação de credenciamento para a oferta de educação a distância, nos termos do § 1º do art. 12, também deverão ser submetidos ao processo de autorização tratado neste artigo.

Art. 22. Os processos de reconhecimento e renovação do reconhecimento dos cursos superiores a distância deverão ser solicitados conforme legislação educacional em vigor.

Parágrafo único. Nos atos citados no **caput**, deverão estar explicitados:

I - o prazo de reconhecimento; e

II - o número de vagas a serem ofertadas, em caso de instituição de ensino superior não detentora de autonomia universitária.

Art. 23. A criação e autorização de cursos de graduação a distância deverão ser submetidas, previamente, à manifestação do:

I - Conselho Nacional de Saúde, no caso dos cursos de Medicina, Odontologia e Psicologia; ou

II - Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, no caso dos cursos de Direito.

Parágrafo único. A manifestação dos conselhos citados nos incisos I e II, consideradas as especificidades da modalidade de educação a distância, terá procedimento análogo ao utilizado para os cursos ou programas presenciais nessas áreas, nos termos da legislação vigente.

CAPÍTULO DA OFERTA DE CURSOS E PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

V

Art. 24. A oferta de cursos de especialização a distância, por instituição devidamente credenciada, deverá cumprir, além do disposto neste Decreto, os demais dispositivos da legislação e normatização pertinentes à educação, em geral, quanto:

I - à titulação do corpo docente;

II - aos exames presenciais; e

III - à apresentação presencial de trabalho de conclusão de curso ou de monografia.

Parágrafo único. As instituições credenciadas que ofereçam cursos de especialização a distância deverão informar ao Ministério da Educação os dados referentes aos seus cursos, quando de sua criação.

Art. 25. Os cursos e programas de mestrado e doutorado a distância estarão sujeitos às exigências de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento previstas na legislação específica em vigor.

§ 1º Os atos de autorização, o reconhecimento e a renovação de reconhecimento citados no **caput** serão concedidos por prazo determinado conforme regulamentação.

~~§ 2º Caberá à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES editar as normas complementares a este Decreto, para a implementação do que dispõe o **caput**, no prazo de cento e oitenta dias, contados da data de sua publicação.~~

§ 2º Caberá à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES editar as normas complementares a este Decreto, no âmbito da pós-graduação stricto sensu. (Redação dada pelo Decreto nº 6.303, de 2007)

CAPÍTULO DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

VI

Art. 26. As instituições credenciadas para oferta de cursos e programas a distância poderão estabelecer vínculos para fazê-lo em bases territoriais múltiplas, mediante a formação de consórcios, parcerias, celebração de convênios, acordos, contratos ou outros instrumentos similares, desde que observadas as seguintes condições:

I - comprovação, por meio de ato do Ministério da Educação, após avaliação de comissão de especialistas, de que as instituições vinculadas podem realizar as atividades específicas que lhes forem atribuídas no projeto de educação a distância;

II - comprovação de que o trabalho em parceria está devidamente previsto e explicitado no:

a) plano de desenvolvimento institucional;

b) plano de desenvolvimento escolar; ou

c) projeto pedagógico, quando for o caso, das instituições parceiras;

III - celebração do respectivo termo de compromisso, acordo ou convênio; e

IV - indicação das responsabilidades pela oferta dos cursos ou programas a distância, no que diz respeito a:

a) implantação de pólos de educação a distância, quando for o caso;

- b) seleção e capacitação dos professores e tutores;
- c) matrícula, formação, acompanhamento e avaliação dos estudantes;
- d) emissão e registro dos correspondentes diplomas ou certificados.

Art. 27. Os diplomas de cursos ou programas superiores de graduação e similares, a distância, emitidos por instituição estrangeira, inclusive os ofertados em convênios com instituições sediadas no Brasil, deverão ser submetidos para revalidação em universidade pública brasileira, conforme a legislação vigente.

§ 1º Para os fins de revalidação de diploma de curso ou programa de graduação, a universidade poderá exigir que o portador do diploma estrangeiro se submeta a complementação de estudos, provas ou exames destinados a suprir ou aferir conhecimentos, competências e habilidades na área de diplomação.

§ 2º Deverão ser respeitados os acordos internacionais de reciprocidade e equiparação de cursos.

Art. 28. Os diplomas de especialização, mestrado e doutorado realizados na modalidade a distância em instituições estrangeiras deverão ser submetidos para reconhecimento em universidade que possua curso ou programa reconhecido pela CAPES, em mesmo nível ou em nível superior e na mesma área ou equivalente, preferencialmente com a oferta correspondente em educação a distância.

Art. 29. A padronização de normas e procedimentos para credenciamento de instituições, autorização e reconhecimento de cursos ou programas a distância será efetivada em regime de colaboração coordenado pelo Ministério da Educação, no prazo de cento e oitenta dias, contados da data de publicação deste Decreto.

Art. 30. As instituições credenciadas para a oferta de educação a distância poderão solicitar autorização, junto aos órgãos normativos dos respectivos sistemas de ensino, para oferecer os ensinamentos fundamental e médio a distância, conforme § 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 1996, exclusivamente para:

- I - a complementação de aprendizagem; ou
- II - em situações emergenciais.

Parágrafo único. A oferta de educação básica nos termos do **caput** contemplará a situação de cidadãos que:

- I - estejam impedidos, por motivo de saúde, de acompanhar ensino presencial;
- II - sejam portadores de necessidades especiais e requeiram serviços especializados de atendimento;
- III - se encontram no exterior, por qualquer motivo;
- IV - vivam em localidades que não contem com rede regular de atendimento escolar presencial;
- V - compulsoriamente sejam transferidos para regiões de difícil acesso, incluindo missões localizadas em regiões de fronteira; ou
- VI - estejam em situação de cárcere.

Art. 31. Os cursos a distância para a educação básica de jovens e adultos que foram autorizados excepcionalmente com duração inferior a dois anos no ensino fundamental e um ano e meio no ensino médio deverão inscrever seus alunos em exames de certificação, para fins de conclusão do respectivo nível de ensino.

§ 1º Os exames citados no **caput** serão realizados pelo órgão executivo do respectivo sistema de ensino ou por instituições por ele credenciadas.

§ 2º Poderão ser credenciadas para realizar os exames de que trata este artigo instituições que tenham competência reconhecida em avaliação de aprendizagem e não estejam sob sindicância ou respondendo a processo administrativo ou judicial, nem tenham, no mesmo período, estudantes inscritos nos exames de certificação citados no **caput**.

Art. 32. Nos termos do que dispõe o art. 81 da Lei nº 9.394, de 1996, é permitida a organização de cursos ou instituições de ensino experimentais para oferta da modalidade de educação a distância.

Parágrafo único. O credenciamento institucional e a autorização de cursos ou programas de que trata o **caput** serão concedidos por prazo determinado.

Art. 33. As instituições credenciadas para a oferta de educação a distância deverão fazer constar, em todos os seus documentos institucionais, bem como nos materiais de divulgação, referência aos correspondentes atos de credenciamento, autorização e reconhecimento de seus cursos e programas.

§ 1º Os documentos a que se refere o **caput** também deverão conter informações a respeito das condições de avaliação, de certificação de estudos e de parceria com outras instituições.

§ 2º Comprovadas, mediante processo administrativo, deficiências ou irregularidades, o Poder Executivo suspenderá a tramitação de pleitos de interesse da instituição no respectivo sistema de ensino, podendo ainda aplicar, em ato próprio, as sanções previstas no art. 17, bem como na legislação específica em vigor.

~~Art. 34. As instituições credenciadas para ministrar cursos e programas a distância, autorizados em datas anteriores à da publicação deste Decreto, terão até trezentos e sessenta dias corridos para se adequarem aos termos deste Decreto, a partir da data de sua publicação. (Revogado pelo Decreto nº 6.303, de 2007)~~

~~§ 1º As instituições de ensino superior credenciadas exclusivamente para a oferta de cursos de pós-graduação **lato sensu** deverão solicitar ao Ministério da Educação a revisão do ato de credenciamento, para adequação aos termos deste Decreto, estando submetidas aos procedimentos de supervisão do órgão responsável pela educação superior daquele Ministério. (Revogado pelo Decreto nº 6.303, de 2007)~~

~~§ 2º Ficam preservados os direitos dos estudantes de cursos ou programas a distância matriculados antes da data de publicação deste Decreto. (Revogado pelo Decreto nº 6.303, de 2007)~~

Art. 35. As instituições de ensino, cujos cursos e programas superiores tenham completado, na data de publicação deste Decreto, mais da metade do prazo concedido no ato de autorização, deverão solicitar, em no máximo cento e oitenta dias, o respectivo reconhecimento.

Art. 36. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 37. Ficam revogados o Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, e o Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998.

Brasília, 19 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no DOU de 20.12.2005